

**EDIFÍCIOS RELIGIOSOS ENQUANTO ESPAÇOS ARQUITECTÓNICOS EM
MUTAÇÃO
NOVOS USOS**

Miguel André Camões Martins

Dissertação de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Orientação Científica:

Professora Doutora Maria João de Mendonça e Costa Pereira Neto

Júri:

Presidente: Professor Doutor Mário Say Ming Kong

Vogal: Jorge Luís Firmino Nunes

Documento Definitivo

Abril 2019

1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1. Apresentação do problema a ser estudado e pertinência do tema.....	2
1.2. Questões de partida.....	3
1.3. Objetivos do trabalho.....	4
1.4. Metodologia.....	5
2. REABILITAÇÃO E PATRIMÓNIO.....	7
3. O TEMPLO EM DIVERSAS RELIGIÕES.....	11
3.1. Os templos.....	12
3.1.1. Templo Shintoísta.....	13
3.1.2. Templo Budista.....	16
3.1.3. Templo Islâmico.....	18
3.2. A secularização.....	20
4. A IGREJA CATÓLICA.....	21
4.1. Momentos significativos na história da Igreja católica.....	22
4.2. Momentos mais significativos na história do património arquitetónico religioso.....	25
4.2.1 Idade Média (séc. V a XV) – a igreja além do culto.....	26
4.2.2 Revolução Francesa (1789 a 1799) – a perda do património religioso.....	28
4.2.2.1 Repercussões da Revolução Francesa no património religioso em Portugal.....	31
4.3. A secularização do templo cristão.....	33
4.3.1. Do espaço sagrado ao espaço profano.....	34
4.3.2. A transformação do templo cristão.....	38
5. CASOS DE ESTUDO.....	45
5.1. Internacionais.....	46
5.1.1. Convento de Sant Francesc, Espanha – Espaço Cultural.....	47
5.1.2. Igreja Dominicana, Holanda – Livraria.....	50
5.1.3. Igreja de St. Jakobus, Holanda – Habitação.....	53

5.2. Nacionais.....	56
5.2.1. Colégio de Santiago Maior da Companhia de Jesus, Faro – Teatro.....	57
5.2.2. Igreja da Misericórdia, Moura – Cineteatro.....	59
5.2.3. Igreja de São Julião, Lisboa – Museu.....	62
6. PROPOSTA – UMA IGREJA CONVERTIDA.....	65
6.1. Enquadramento.....	66
6.1.1. A igreja na cidade – Lisboa como cenário.....	67
6.1.2. Bairro Alto – Enquadramento da igreja dos Fiéis de Deus na cidade.....	72
6.2. Igreja dos Fiéis de Deus – Habitação.....	75
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
8. BIBLIOGRAFIA.....	95
9. ANEXOS.....	101
Anexo 1 – Convento de Sant Francesc – Espaço Cultural.....	102
Anexo 2 – Igreja Dominicana – Livraria.....	110
Anexo 3 – Igreja St. Jakobus – Habitação.....	120
Anexo 4 – Colégio de Santiago Maior da Companhia de Jesus – Teatro.....	128
Anexo 5 – Igreja da Misericórdia – Cineteatro.....	134
Anexo 6 – Igreja de São Julião – Museu.....	136

Figura 1 – Interior da igreja de São Julião, Lisboa, durante as obras de reabilitação.....	9
Figura 2 – Templo Shintoísta Hejan Kingu, Quioto, Japão.....	12
Figura 3 – Templo Budista Tran Quoc Pagoda.....	12
Figura 4 – Mesquita Wazir Khan.....	12
Figura 5 – Templo de Kumano, Matsue, Japão.....	15
Figura 6 – Templo Mahabodhi, Bodh Gaya, India.....	17
Figura 7 – The Dome of Rock (Qubbat al-Sakhara), Jerusalém.....	19
Figura 8 – Igreja St. Jude, transformada em ginásio e spa.....	37
Figura 9 – Interior da igreja do Convento Sant Francesc antes das obras.....	47
Figura 10 – Interior da igreja do Convento Sant Francesc depois das obras.....	47
Figura 11 – Nave da igreja adaptada a Auditório.....	55
Figura 12 – Interior da igreja Dominicana.....	50
Figura 13 – Interior da igreja Dominicana.....	50
Figura 14 – Altar da igreja transformado em café.....	52
Figura 15 – Interior da igreja de St. Jakobus.....	53
Figura 16 – Interior da igreja de St. Jakobus.....	53
Figura 17 – Altar transformado em sala de jantar.....	55
Figura 18 – Fachada principal do Colégio de Santiago Maior.....	57
Figura 19 – Fachada principal do Colégio de Santiago Maior.....	57
Figura 20 – Plateia, frisas e camarotes de primeira ordem.....	58
Figura 21 – Auditório do Cineteatro Caridade.....	59
Figura 22 – Auditório do Cineteatro Caridade.....	59
Figura 23 – Edifício do cineteatro.....	61
Figura 24 – Edifício do cineteatro.....	61
Figura 25 – Capelas laterais da igreja de São Julião.....	62
Figura 26 – Capelas lateais da igreja enquanto Museu da Moeda.....	62
Figura 27 – Antigo altar-mor.....	64
Figura 28 – Fachada principal da igreja de São Brás e Santa Luzia.....	69
Figura 29 – Fachada principal da igreja de São Brás e Santa Luzia.....	69
Figura 30 – Fachada da Sé de Lisboa no séc. XIX.....	70
Figura 31 – Fachada da Sé de Lisboa com as obras de Fuschini.....	70

Figura 32 – Fachada da Sé de Lisboa.....	70
Figura 33 – Vista aérea de Lisboa, onde podemos perceber a proximidade das duas igrejas.....	71
Figura 34 – Mapa do Bairro Alto, com localização do edifício a ser intervencionado.....	74
Figura 35 – Igreja dos Fiéis de Deus.....	75
Figura 36 – Igreja dos Fiéis de Deus.....	75
Figura 37 – Igreja dos Fiéis de Deus.....	75
Figura 38 – Desenho da primitiva Ermida dos Fiéis de Deus.....	81
Figura 39 – Atlas da carta topográfica de Lisboa, N. 42.....	82
Figura 40 – Ortofotomapa com implantação.....	83
Figura 41 – Igreja dos Fiéis de Deus.....	84
Figura 42 – Igreja dos Fiéis de Deus.....	84
Figura 43 – Nave da igreja.....	85
Figura 44 – Nave da igreja.....	85
Figura 45 – Vista do coro.....	86
Figura 46 – Vista do nicho do altar-mor.....	86
Figura 47 – Planta baixa da igreja original.....	87
Figura 48 – Planta alta da igreja original.....	87
Figura 49 - Planta baixa da igreja após reconversão em habitação.....	88
Figura 50 – Planta alta da igreja após reconversão em habitação.....	88
Figura 51 – Corte BB’ da igreja original.....	89
Figura 52 – Corte AA’ da igreja original.....	89
Figura 53 – Corte CC’ da igreja original.....	89
Figura 54 – Corte BB’ da igreja após reconversão em habitação.....	90
Figura 55 – Corte AA’ da igreja após reconversão em habitação.....	90
Figura 56 – Corte CC’ da igreja após reconversão em habitação.....	90
Figura 57 – Planta de implantação	102
Figura 58 – Plantas.....	103
Figura 59 – Corte	104
Figura 60 – Corte	105
Figura 61 – Corte	106
Figura 62 – Claustro do Mosteiro.....	107
Figura 63 - Interior da igreja.....	107
Figura 64 – Claustro do Convento.....	107
Figura 65 – Convento, vista geral.....	108

Figura 66 – Fachada principal.....	108
Figura 67 – Arcada interior.....	108
Figura 68 – Nave da igreja adaptada a Auditório.....	109
Figura 69 – Nave da igreja adaptada a Auditório.....	109
Figura 70 – Planta.....	110
Figura 71 – Planta.....	111
Figura 72 – Planta.....	112
Figura 73 – Planta.....	113
Figura 74 – Corte.....	114
Figura 75 – Corte com estudo de iluminação.....	115
Figura 76 – Planta isométrica das estruturas das estantes que envolvem as colunas da igreja.....	116
Figura 77 – Igreja com portal barroco.....	117
Figura 78 – Ilustração da fachada principal da igreja.....	117
Figura 79 – Interior da igreja usado como armazém municipal.....	118
Figura 80 – Interior da igreja usado como expositor de flores.....	118
Figura 81 – Interior da igreja usado como garagem de bicicletas.....	118
Figura 82 – Fachada principal da igreja.....	119
Figura 83 – Interior da igreja enquanto biblioteca.....	119
Figura 84 – Planta de implantação.....	120
Figura 85 – Planta baixa.....	121
Figura 86 – Planta alta.....	122
Figura 87 – Corte AA.....	123
Figura 88 – Corte BB.....	124
Figura 89 – Interior da igreja.....	125
Figura 90 – Interior da igreja.....	125
Figura 91 – Interior da igreja.....	125
Figura 92 – Fachada principal.....	126
Figura 93 – Fachada principal.....	126
Figura 94 – Fachada posterior.....	126
Figura 95 – Interior da igreja enquanto habitação.....	127
Figura 96 – Interior da igreja enquanto habitação.....	127
Figura 97 – Interior da igreja enquanto habitação.....	127
Figura 98 – Planta baixa.....	128
Figura 99 – Planta alta.....	129
Figura 100 – Fachada principal.....	130
Figura 101 – Foto do edifício.....	131

Figura 102 – Vista aérea do edifício.....	131
Figura 103 - Edifício do Teatro Lethes.....	131
Figura 104 – Plateia vista de cima.....	132
Figura 105 – Palco.....	132
Figura 106 - Teto.....	133
Figura 107 – Abóbada da igreja, arco do coro alto e caixa de ressonância do auditório.....	133
Figura 108 – Edifício do Cineteatro.....	134
Figura 109 – Auditório.....	134
Figura 110 – Auditório.....	134
Figura 111 – Auditório.....	135
Figura 112 - Auditório.....	135
Figura 113 – Planta de localização.....	136
Figura 114 – Planta e corte geral de espaço público e circulação.....	137
Figura 115 – Planta dos pisos -1 e 0.....	138
Figura 116 – Planta dos pisos 5, 6 e coberturas.....	139
Figura 117 - Planta da igreja.....	140
Figura 118 - Alçados.....	141
Figura 119 - Corte.....	142
Figura 120 - Corte.....	143
Figura 121 - Alçado principal das fundações.....	144
Figura 122 - Fachada principal.....	145
Figura 123 - Altar lateral.....	145
Figura 124 - Interior da igreja.....	146
Figura 125 - Altares laterais.....	146
Figura 126 - Teto.....	146
Figura 127 - Fachada principal.....	147
Figura 128 - Sala multiusos – antiga nave da igreja.....	147
Figura 129 - Corredor interior.....	147
Figura 130 - Antigo altar-mor.....	148
Figura 131 - Antiga capela lateral.....	148

Em pleno século XXI. deparamo-nos com a possibilidade de uma perda rápida e progressiva da identidade histórica e arquitetónica das comunidades, devido à crescente secularização que leva ao encerramento de inúmeras igrejas por toda a Europa.

“As causas de encerramento de igrejas, normalmente, estão ligadas à diminuição das comunidades cristãs, escassez de sacerdotes, abandono da prática religiosa”¹ e acabam por ser deixadas ao abandono até que o seu estado de conservação, por vezes, obrigue à sua demolição, como aconteceu com diversas igrejas em França ou na Alemanha, uma vez que a reabilitação requer um elevado esforço financeiro.

Há, no entanto, a possibilidade de os edifícios serem vendidos pelas paróquias a particulares e atribuir-lhes um novo uso. Porém, nem sempre este cambio de identidade é bem visto e aceite pela comunidade. “As pessoas quase sempre se opõem, pois, o prédio da igreja tem um forte valor simbólico e de identidade”², e nem sempre o novo uso é o mais apropriado ao edifício e ao seu entorno, no que respeita à ética e à arquitetura.

Existem, em pleno século XXI, diversos casos de igrejas convertidas em outros espaços, por toda a Europa. De bares³ a bibliotecas⁴, ou pistas de skate⁵, são vários os exemplos de mutações dos edifícios religiosos. Mas serão estas intervenções as adequadas a edifícios que já foram sagrados?

Muitos destes edifícios assistiram ao crescimento das cidades ao seu redor, receberam no seu interior personagens de suma importância para a história, abrigaram obras de arte ao longo de centenas de anos, têm cravadas nas fachadas a história da própria arquitetura. Por estes motivos e mais alguns, é deveras importante manter vivo o património arquitetónico por forma a preservar a identidade histórico cultural da humanidade, ainda que se criem mutações de uso dos edifícios.

Palavras Chave: Igreja, arquitetura religiosa, secularização, dessacralização, novos usos.

1- Vatican News, 11 de Julho de 2018.

Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2018-07/loais-culto-abandonados-simposio-gregoriana.html>.
Acedido a 18 de dezembro de 2018.

2- Vatican News, 11 de Julho de 2018.

Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2018-07/loais-culto-abandonados-simposio-gregoriana.html>.
Acedido a 18 de dezembro de 2018.

3 – Como é o exemplo da antiga igreja de St. Mary em Dublin, na Irlanda. Foi construída no século XVII e encerrou portas ao culto em 1964, tendo sido vendida a um particular e restaurada, abrindo como bar no ano de 2005.

4- Temos o exemplo da igreja Broenrenker, sita em Zwolle, na Holanda. Foi construída no século XV, e as obras de reconversão da igreja em biblioteca terminaram em 2013.

5- A igreja de St. Joseph, em Arnhem, na Holanda é um dos exemplos de igrejas transformadas em skatpark. Datada do século 20, foi encerrada em 2005 e convertida em 2011.

In the 21st century, we stand with the possibility of a fast and progressive lost of an historical and architectonical identity of the communities, thanks to a crescent secularization which takes to a closure of innumerous churches throughout Europe.

“The causes of the churches closure, normally, are related with the decrease of the cristian communities, priest scarcity, abandonment of the religious practice” and ended up for being left to drought until their state of conservation, sometimes, force their demolition, as have happened with various churches in France or Germany, since the rehabilitation requires a high financial effort.

However, there is the possibility of the buildings being sold by the parishes to private entities, giving them a new use. Nevertheless, not always this change of identity is well seen and accepted by the community. “The people almost always oppose, because the building of the church has a strong symbolic and identity value”, and not always the new use is the most appropriated to the building and its surroundings, regarding its ethics and architecture.

It exists, in the 21st century, many cases of churches that were converted in other spaces, throughout Europe. Since bars to libraries, or skate tracks, there are many examples of religious buildings mutations. But it will be these interventions the most adequate to building that were holly before?

Many of these buildings have witnessed the growth of the cities around them, and they have received characters of great importance for history, and they have housed works of art for hundreds of years, they have carved the history of architecture itself in the façades. For these motives and some more, its truly important to keep alive the architectonical patrimony, in order to preserve the historical-cultural identity of humanity, even if there are created mutations of their use.

Keywords: Church, religious architecture, secularization, deacralization, new uses.

1. INTRODUÇÃO

- 1.1.1 Apresentação do problema a ser estudado e pertinência do tema
- 1.1.2 Questões de partida
- 1.1.3 Objetivos do trabalho
- 1.1.4 Metodologia

1.1.1 Apresentação do problema a ser estudado e pertinência do tema

Desde tempos remotos que se constroem templos, com o intuito de responder às necessidades devocionais com repercussão social, ou seja espaços onde possa decorrer o encontro com o sagrado. Porém, segundo um estudo⁶ realizado em 2011 pela Universidade do Arizona, e divulgado pela American Physical Society⁷, que teve como base a progressão matemática de censos e projeções desde o século XIX o número de fiéis praticantes tem vindo a reduzir de forma bastante acentuada, levando ao encerramento das igrejas e sua posterior degradação ou até mesmo demolição. Alguns edifícios imponentes que são um marco incontornável na história da arquitetura estão, por este motivo, a ser encerrados, por toda a Europa, pois deixaram de servir o uso para o qual foram construídos e as paróquias não conseguem suportar os seus custos de manutenção, levando a um destruir gradual da história da arquitetura.

Quando falamos em demolir um edifício antigo, seja ele religioso ou não, não estamos a falar em derrubar um amontoado de pedras sem importância e que podem vir a ser substituídas por outras mais modernas. Estamos a falar de apagar a história materializada, de esquecer o passado, impedindo as gerações vindouras de presenciarem a história viva e palpável, de estar nos locais onde os nossos antepassados estiveram, de comprovar presencialmente as metodologias e formas arquitetónicas e construtivas aplicadas há centenas de anos. Estamos, no fundo, a privar os nossos descendentes de ir além da matéria teórica presente nos livros.

Por este motivo, e pelo facto do número de igrejas encerradas e abandonadas estar a aumentar de forma gradual por toda a Europa e de muitas delas já terem sido demolidas ou vendidas a privados que simplesmente não respeitaram a sua carga histórica, transformando-as de tal forma que as descaracterizam por completo, é urgente e pertinente criar um estudo que analise alguns casos existentes, entendendo quais as formas mais corretas de intervir nas igrejas quando o objetivo é a mudança de uso, por forma a salvaguardar o património religioso.

6-Estudo divulgado num encontro da American Physical Society, em 2011, na cidade de Dallas, Estados Unidos, refere que, na Holanda, 40% da população é atea e este valor tende a aumentar para os 70% até ao ano 2050 neste e em outros países como Áustria, Canadá, Austrália, República Checa, Finlândia, Irlanda, Suíça e Nova Zelândia. O estudo teve por base um método matemático que foi publicado online no site da Cornell University em <https://arxiv.org/abs/1012.1375> e que tinha por base os dados de recenseamento e projeções dos países anteriormente referidos. Este estudo foi consultado online no site da BBC, em <https://www.bbc.com/news/science-environment-12811197>, a 27 de janeiro de 2018, e integra-se numa entrevista feita a Richard Wiener (diretor sénior da corporação Research Corporation for Science Advancement).

7- American Physical Society é a segunda maior organização mundial de físicos, com 46 mil membros e publicações em mais de doze revistas científicas de renome mundial. É, ainda, a responsável pela organização de mais de vinte encontros científicos anuais.

1.1.2 Questões de partida

Numa época em que a população se distancia da religião e os edifícios de culto começam a encerrar portas por falta de fiéis e, também, de fundos para a manutenção dos edifícios, surge a questão: o que acontecerá a este património edificado que sobreviveu ao longo dos séculos e nos trouxe aos dias de hoje a materialização da história da arquitetura?

Se recuarmos no tempo, será que encontraremos outros momentos da história, nos quais este processo de secularização já aconteceu? E, em caso afirmativo, qual terá sido o destino dos edifícios abandonados de então? Terão sido demolidos ou reutilizados?

Como iremos analisar mais adiante, neste documento, o atual fenómeno de secularização já se verificou anteriormente na história e alguns edifícios de culto foram convertidos, mas independentemente disso, devemos questionar-nos se é ou não importante preocuparmo-nos com o destino das igrejas abandonadas na Europa desde os princípios do século XXI. Será importante manter o edifício, outrora sagrado, erguido, independentemente do seu uso mais ou menos profano, ou é preferível deixá-lo ruir ou mesmo demolir-lo evitando, assim, a sua dessacralização?

Sabendo que os edifícios religiosos foram construídos por forma a que o seu espaço interior, quer pelas entradas de luz muito cuidadas e orientadas, quer pela verticalidade, ornamentação e dimensões, criem espaços poéticos onde os fiéis sintam uma atmosfera mística, quando a igreja é transformada num local profano, esta poética deverá manter-se, ou deixam de existir condicionantes como esta e podemos intervir livremente?

Respondidas estas questões, conseguiremos entender melhor o modo como poderemos ou não atuar no presente em edifícios religiosos abandonados.

1.1.3 Objetivos do trabalho

A história da arquitetura religiosa tem vindo a ser elaborada ao longo de vários milénios, e não pode nem deve ser esquecida. Se nas ultimas décadas projetámos espaços sagrados da forma que projetámos é porque tivemos por base toda a história, muita dela materializada em edifícios soberbos que sobreviveram ao longo dos séculos e chegaram até aos dias de hoje. Por isso, é importante que não deixemos que se percam estes marcos “vivos” da história da arquitetura religiosa abandonados e espalhados por toda a Europa.

Este trabalho tem como objetivos analisar alguns casos existentes de edifícios religioso que sofreram mudanças de uso, eleger alguns dos que consideramos mais bem conseguidos, e propor um novo uso a uma igreja de Lisboa cujo número de fiéis reduziu de forma acentuada nas últimas décadas⁸, demonstrando de que forma os edifícios religiosos abandonados podem ser corretamente convertidos e atualizados para responderem às novas circunstâncias, ao invés de serem deixados à mercê da degradação e posterior desaparecimento. Desta forma, pretende-se criar um registo que sirva de base a futuras intervenções em igrejas abandonadas.

8 – Segundo Fernando Oliveira, responsável pela igreja dos Fiéis de Deus, no Bairro Alto, nas últimas décadas, em conversa com o autor deste trabalho, no dia 17 de dezembro de 2018.

1.1.4 Metodologia

Este trabalho que assume a forma de dissertação teórica surge na sequência dum percurso enquanto estudante de arquitetura que nos conduziu, tantas vezes, a debruçar e até mesmo a estudar mais profundamente a arquitetura religiosa.⁹

Numa primeira fase, após lermos um artigo sobre as igrejas encerradas ao culto que estavam a sofrer mutações de usos distintos, por toda a Europa, procedemos a uma investigação sobre o tema a ser estudado, analisando os casos existentes e o que já havia sido escrito sobre o tema.

Aqui, começou a segunda fase que consistiu na recolha e organização de documentação e bibliografia direta ou indiretamente relacionada com o assunto a ser desenvolvido.

Após esta recolha e organização, entramos na terceira fase que consistiu na realização do trabalho propriamente dito. Seria impossível aprofundar o tema das igrejas abandonadas, sem falar em conservação, restauro e reabilitação do património e, por esse motivo, abordamos o tema demonstrando o quão importante é manter e conservar estes edifícios.

Antes de começarmos a abordar a religião católica, fizemos uma breve análise aos templos de diversas religiões e tentámos entender se o problema da secularização também atinge estas mesmas religiões e, em caso afirmativo, como é que os seus templos são dessacralizados, por forma a tentarmos encontrar possíveis elos de ligação que sirvam de exemplo ao nosso objeto de estudo.

Em seguida, focámo-nos na religião católica. Nesta fase foi necessário recuar no tempo e ir aos primórdios da história da igreja católica, ainda que de forma abreviada, analisando a sua evolução diacrónica. Foi fundamental, também, perceber em que momentos da história a igreja e consequentemente os seus bens foram postos em causa. Como estamos a abordar o tema das mudanças de uso para edifícios religiosos abandonados, revelou-se muito importante saber se, em algum momento da história, as igrejas teriam servido outros usos e é aqui que somos conduzidos à Idade Média¹⁰ onde as igrejas eram, também, os palcos dos teatros. A Revolução Francesa¹¹ revelou-se de suma importância por ser o momento mais negro de destruição do património religioso.

9- Realização de trabalhos académicos para a cadeira de Projeto, na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Évora, nomeadamente um complexo religioso numa pedreira, cujo programa incluía uma igreja, um cemitério e uma capela mortuária, e ainda um trabalho de projeto de um santuário. Estudo de algumas igrejas na cidade de Évora, para a cadeira de História da Arquitetura em Portugal.

10- Período histórico que tem início do século V com a queda do Império Romano e termina no século XV com a Tomada de Constantinopla pelos Otomanos.

11 – Período de 1789 a 1799 onde se verificou uma intensa agitação social e política que teve um grande impacto não só em França, mas por todo o continente europeu.

Tentámos, ainda, perceber de que forma a Revolução Francesa se refletiu no património religioso em Portugal.

Encerraremos este capítulo abordando o tema central deste trabalho, a secularização e dessacralização do templo cristão.

Posteriormente, e após analisarmos vários templos católicos transformados, serão escolhidos três casos internacionais e três nacionais demonstrativos de mudanças de uso bem-sucedidas e que mantiveram a linguagem arquitetónica original dos edifícios.

Finalmente, começamos a aproximar-nos da proposta, mais concretamente a conversão da igreja dos Fiéis de Deus, em Lisboa, em habitação, que assumirá a forma de projeto meramente teórico, demonstrando de que forma a igreja se enquadra na malha urbana da cidade de Lisboa e em seguida do Bairro Alto, onde a igreja se encontra. Terminamos este capítulo com alguns desenhos técnicos demonstrativos do interior da igreja na atualidade e após ser possível a sua reconversão a outro uso: habitação.

É sempre muito complexo intervir em edifícios com uma grande carga histórica será, pois, necessário recuar no tempo, pesquisar a memória mais profunda do edifício e estudá-lo a fundo para conseguir entender a sua identidade antes de qualquer intervenção.

Iniciemos este capítulo apresentando os conceitos de reabilitação, de acordo com dois autores.

Reabilitação:

De acordo com Córias:

“Ato ou processo de possibilitar um uso eficiente e compatível duma propriedade, através de reparações, alterações e acrescentos, preservando, ao mesmo tempo, as partes ou características que transmitem o seu valor histórico, cultural e arquitetónico.”¹²

“A reabilitação consiste na reposição das características técnicas e funcionais existentes nos edifícios, integrando tanto quanto possível as exigências funcionais, de modo a proporcionar melhores condições de conforto e de habitabilidade aos utilizadores, intervindo na perspetiva da reutilização de materiais e de componentes preexistentes, promovendo práticas sustentáveis nestas operações.”¹³

O início do século XX revelou-se muito importante no que à vontade de preservar o património respeita. Foram elaboradas diversas normas que visavam a proteção e manutenção do património edificado e que ao longo dos anos seguintes serviram de base à reabilitação de edifícios antigos, nomeadamente¹⁴:

1931 – Carta de Atenas – Foi a primeira norma publicada internacionalmente que considerava determinados princípios de proteção e salvaguarda dos monumentos como universais.

12 - Córias, V. - Inspeções e Ensaios na Reabilitação de Edifícios. IST Press, Lisboa, 2006

13 – Sousa, Inês. Princípios da Reabilitação de Edifícios. Aplicação a casos de estudo. Lisboa: ISEL. 2016. Pág. 9.

14 – Informação disponibilizada no site da DGPC – Direção Geral do Património Cultural. Consultado a 25 de janeiro de 2019.

1964 – Carta de Veneza – É considerada a carta mais importante elaborada até então. Foi além dos documentos já existentes e considerou, não só os monumentos, mas todo o tipo de edifícios com valor histórico-cultural como importantes.

1975 – Declaração de Amesterdão – Apoia a carta de Veneza, reafirmando a importância de todo o património edificado com valor histórico na sociedade e economia, e inclui a população como parte fundamental na preservação do mesmo.

1985 – Convenção de Granada – Foram adotadas diversas medidas que têm como base a “conservação, promoção e realização do património arquitetónico”.

2005 – Convenção de Faro – Foi reconhecido o contributo que a preservação do património cultural na Europa cuja utilização sustentável pode ser vantajosa a nível do desenvolvimento humano, qualidade de vida, entre outros.

2009 – Declaração de Viena – Neste documento, faz-se um apelo aos governos para que reconheçam o papel do património no desenvolvimento dos locais onde estão inseridos.

No decorrer deste trabalho iremos referir, diversas vezes, o termo património e, por esse motivo, revela-se importante entendermos o conceito desta palavra e o seu significado, aplicado à arquitetura.

Património é a palavra que, de forma simplificada, vem substituir o termo “monumento” e “monumento histórico”, utilizada no campo cultural, mas, também, nas mais variadas áreas de estudo. De acordo com Choay:

“Património. Esta bela e antiga palavra estava, na origem, ligada às estruturas familiares, econômica e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo. Requalificada por diversos adjetivos (genético, natural, histórico, etc.) que fizeram dela um conceito “nómade”, segue hoje uma trajetória diferente e retumbante”¹⁵

Como referiu Dominique Poulot em “Uma História do Património no Ocidente”:

“O património deve ser entendido como uma forma de reorganização racional dos recursos para a nova coletividade, independentemente dos usos que esta ou aquela herança poderia ter imposto, anteriormente, a determinada comunidade”¹⁶

15- Choay, Françoise. *As questões do património : antologia para um combate*. Lisboa: Edições 70, 2015. Pág. 11.

16 - Poulot, Dominique. *Uma história do Patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XIX: do monumento aos valores*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. Página 99;

Ou seja, o importante não é se o edifício mantém ou modifica o uso original para o qual foi projetado, mas sim manter viva a memória individual e coletiva no presente e futuro. E é precisamente este o pensamento que estou a demonstrar neste trabalho. O ideal, a meu ver, é manter de pé o edifício, preservar a sua linguagem arquitetónica e as suas características originais que irão servir de história viva ao longo dos séculos.

Desta forma, é fundamental ter bem presente a noção de reabilitação e aplicá-la de forma correta, prolongando a “vida” do edifício e permitindo a sua prosperidade ao longo dos séculos vindouros.

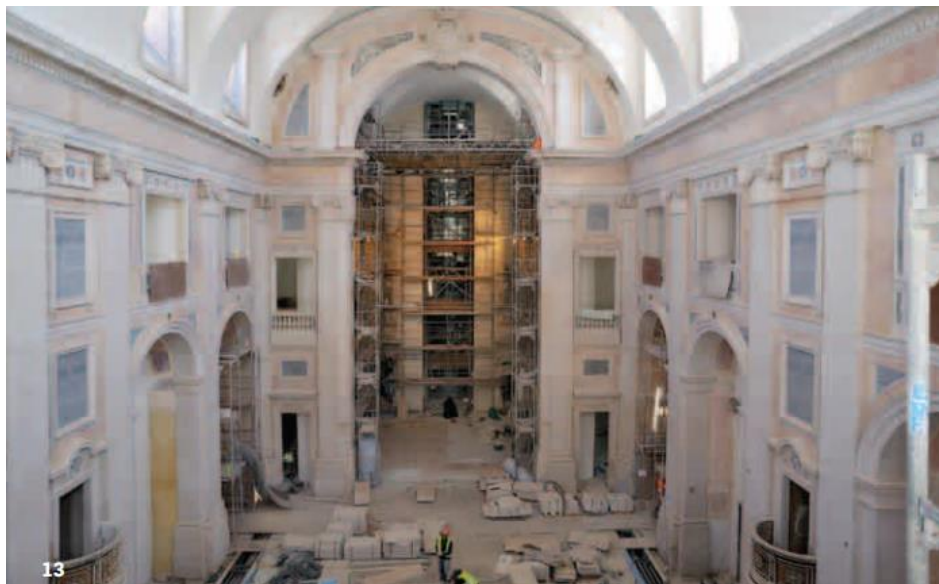


Figura 1: Interior da igreja de São Julião durante as obras de reabilitação, 2010

Fonte: Museu do Dinheiro

3.1. Os templos

Iremos, agora, fazer uma breve análise do templo Shintoísta, Budista e Islâmico, por forma a tentar entender como é que os mesmos se articulam, e de que modo os fieis vivenciam estes espaços. Assim, poderemos perceber como é que cada religião procede à dessacralização dos seus templos, caso já se tenha verificado essa necessidade em alguma delas e, tentar encontrar pontos de ligação entre todas as formas de dessacralizar os templos para, posteriormente, aplica-la ao templo cristão.

Figura 2: Templo Shintoísta Hejan Jingu, Quioto, Japão, 2012
Fonte: Wordpress



Figura 3: Templo Budista Tran Quoc Pagoda, Hanoi, Vietnam, 2013
Fonte: Victor, Postphotos



Figura 4: Mesquita Wazir Khan, Lahore, Paquistão, 2013
Fonte: Kamran Aslam, Wikimedia



3.1.1 Templo Shintoísta

O shintoísmo¹⁷ é a religião tradicional do Japão e, embora não haja elos de ligação entre o shintoísmo e o cristianismo, os japoneses, têm interesse nos ensinamentos cristãos. O facto de não haver um “batismo” shintoísta pode ser uma justificação para que os japoneses não se sintam vinculados a essa religião e, por consequência, tenham tal interesse no cristianismo que, muitos deles, resolvem casar pela igreja.¹⁸

O Japão é, atualmente, uma sociedade secularizada, em cuja cultura, e segundo a Agencia Fibes¹⁹, o shintoísmo ainda assume um aspeto significativo, embora os seus praticantes estejam a diminuir, devido a um fenómeno de sincretismo com o cristianismo. Por esse motivo, faz todo o sentido que analisemos a sua religião tradicional por forma a tentarmos perceber se esta secularização se aplica, também, aos templos e de que forma lidam com isto.

Passemos, então, a analisar o shintoísmo.

Numa fase inicial da sua história, entre os séculos IV a.C e IV d.C, não houve necessidade de construir edifícios destinados ao culto, pelo que este era feito nos armazéns de arroz como parte integrante das festividades sagradas do ciclo agrícola, e posteriormente na natureza a céu aberto, onde a paisagem tivesse algum carater especial e imponente, entre as rochas ou as as árvores, em locais onde aconteça um fenómeno natural, ou um feito histórico importante.

Os santuários de culto shintoísta surgem por todo o Japão nos mais diversos locais, com o objetivo de adorar os Kami²⁰ e são a base do Shintoísmo.

Com o passar do tempo, o ritual shintoísta começou a realizar-se nos palácios de cada clã ou em santuários dedicados ao Kami, até ao final do século VI, quando começam a surgir os primeiros templos.

17 – Shintoísmo é a religião tradicional japonesa. Incorpora práticas espirituais originárias de diversas tradições japonesas pré-históricas, locais e regionais, mas só se afirmou como instituição religiosa aquando da implementação do budismo, do confucionismo e do daoísmo, no século VI, no Japão. Caracteriza-se pelo culto à natureza, aos ancestrais e pelo seu politeísmo, com ênfase na pureza espiritual.

18 – Informação disponível online num artigo da Agência Fides datado de 15-5-2008, no site http://www.fides.org/pt/news/12797-ASIA_JAPAO_Xintoismo_e_Cristianismo_em_dialogo_para_o_bem_comum, acedido a 23 de novembro de 2018

19 - Agencia de noticias do Vaticano.

20 - Kami são os poderes da natureza e as forças do destino ou até mesmo o genius do lugar. Podem ser entendidos como espírito, essência ou divindade, e podem incorporar diversas formas, como a forma humana, animística, formas e forças da natureza. Os kami coexistem no mesmo mundo dos humanos, porém são formados por energias e elementos sagrados. A sua ajuda, era solicitada pelos fiéis através de ritos de diversão e purificação.

A localização dos mesmos continuou a ser de suma importância, mantendo este caráter de relação bem demarcada com a natureza, podendo também ter um caráter político ou um motivo relacionado com a guerra. Após a eleição do local de construção do novo edifício religioso, inicia-se uma série de rituais de purificação do lugar, e de invocação do Kami, convidando-o a habitar nesse espaço, pois ao contrário do que acontece no cristianismo, estes espaços são caracterizados pela presença da divindade. É aqui que ele irá ouvir os fiéis, e tal como no cristianismo, os templos são o local de encontro e partilha da comunidade.

Mas neste caso, são também o local onde se pode estar em plena comunhão com a natureza, o que os shionistas acreditam que aproxima o homem de uma espiritualidade plena. espaços. Como se tem vindo a referir, a envolvente natural é um fator determinante à localização de um templo Shionista, sendo um aspeto comum a todos os casos, independentemente das suas dimensões ou formas que podem variar bastante. As rochas, mas sobretudo as árvores²¹ têm particular importância nestes espaços.

Para chegar ao templo é necessário percorrer um caminho, por vezes extenso e que nunca é feito em linha reta, como símbolo de uma caminhada espiritual e de purificação. Este percurso é dividido em várias partes, com diferentes elementos separadores²² que marcam as etapas dessa caminhada.

Ao chegar ao edifício, existe um tanque de água coberto por um alpendre onde os fiéis se purificam antes de entrar no templo. No mesmo santuário podem existir vários templos, dirigidos a diferentes Kami. Estes, costumam ser modestos em termos de dimensões e constituídos por três espaços distintos: a sala de orações para os fiéis rezarem ao Kami, uma sala de oferendas para os sacerdotes e uma sala mais pequena que é considerada a morada física do Kami, e de acesso interdito. Nesta sala existem objetos simbólicos onde o Kami reside, sendo que o espelho é considerado o elemento privilegiado para a sua morada.

21 - Em muitos rituais, usava-se a árvore sagrada – Sakari.

22 - Existem três tipos de separadores: - Os tori são um género de portal sem porta, constituído por dois postes verticais e duas traves horizontais. É comum existirem três ao longo de cada via do percurso, um no início e dois mais à frente, ou até mesmo uma fila deles.- As pontes que serviam para passar por cima de cursos de água, elemento purificador.- As barreiras e paliçadas, com portas que simbolizam a entrada no local sagrado, exclusivo ao homem puro.

Existem três tipos de templo:

- Os locais, com dimensões mais contidas, onde se venera o Kami de uma comunidade pequena, conectando todos os habitantes que sentem uma veneração comum relativamente à mesma divindade.

- Os particulares, um pouco maiores e muito comuns em todo o Japão e que são feitos com um intuito concreto, como a obtenção de êxito nos estudos, nos negócios...

- Os grandes santuários nacionais, onde rumam milhões de peregrinos anualmente.

Os rituais consistem na invocação do Kami, após a purificação do sacerdote, seguindo-se a oferta de bebidas, alimentos, jogos, danças e representações, no sentido de entreter a divindade. Terminada esta fase do ritual, o Kami é convidado a sair e é realizada uma refeição de confraternização entre os fiéis.

Uma das características dos templos shintoístas é o facto de serem reconstruídos periodicamente sem alterar o seu estilo original. Se em determinada altura se decidir abandonar um santuário ou transferi-lo para outro local, voltam a realizar-se rituais semelhantes aos de abertura do templo, mas desta feita, com o objetivo oposto, o de convidar o Kami a retirar-se daquele espaço.

Concluímos, então, que no caso do templo Shintoísta, a mutação do edifício de sagrado para profano é realizada de forma simples, sem grandes entraves morais ou éticos.



Figura 5: Templo de Kumano, Matsue, Japão, 2018

Fonte: ANSA.EPA

3.1.2 Templo Budista

Apesar da clara diferença entre a complexidade da filosofia budista e a simplicidade prática e emocional do cristianismo, existem várias semelhanças entre estas duas religiões, quer a nível histórico, quer doutrinal.²³

Uma vez que não é este o tema focal do nosso trabalho e não se mostra relevante para o mesmo, não iremos desenvolvê-lo, mas basear-nos-emos nestas semelhanças para tentar encontrar pontos de ligação entre a dessacralização do templo budista e do cristão, caso se verifique.

O budismo²⁴ é uma religião fundada no século VI a. C., na Índia, mas os primeiros templos só surgem no ano 250 a.C, sendo os mais comuns as stupas²⁵ e os chaityas²⁶. Eram construídos em pedra e tijolo, o que os diferenciava das habituais construções em madeira. As stupas eram polidas e despojadas de decoração interior, porém eram bastante organizadas e decoradas como um todo o que contrastava com o ambiente simples das chaityas.

No século II d.C. tem início o período Kushan que ficou marcado pela construção do Templo Mahabodhi no local onde Buda atingiu a iluminação. Um templo retangular com uma torre de 55 metros de altura, em forma de pirâmide truncada.

No século IV, a arquitetura indiana atinge o seu auge espalhando-se por todo o Oriente, dando início ao período Gupta. Nesta época, os templos têm como características principais a planta quadrada com uma torre em forma de pirâmide e a sua decoração trabalhada. É neste período que o budismo chega à China e ao Japão, onde a arquitetura tinha como principal exigência a funcionalidade.

No período medieval, no século XV é construído o maior templo budista da história, o Grande Santuário de Borobudur²⁷, em Java, Indonésia.

Os chineses acreditam que a arquitetura é uma réplica do universo e por isso conjugam formas quadradas em representação da terra, com formas redondas que representam o céu. Com base nisto, e inspirando-se nas stupas indianas, começam a surgir os pagodes como edifício integrante da religião budista.

23 - SOBREIRA, Francisco A. A. Semelhanças entre o Budismo e o Cristianismo. Contribuições Ecumênicas do Oriente para o Ocidente. Ceará, Edição de autor, 2005;

24 - O budismo é uma religião sem crenças. No lugar delas, existe um conjunto de tradições e práticas baseadas nos ensinamentos de Buda (Siddhartha Gautama).

25 - Stupas são pequenos templos onde se guardavam as relíquias de Buda.

26 - Chaityas são templos construídos em rochedos.

27 - Acredita-se que foi construído como templo hinduísta, mas que se converteu posteriormente ao budismo.

São construções de madeira que se desenvolvem em torno de um mastro central, que atravessa todos os pisos. Eram utilizados para guardar, simbolicamente, as relíquias de Buda como cinzas, ossos ou dentes, mas também é comum encontrar pequenas réplicas dos pagodes, nos jardins dos templos, como elementos decorativos. O kondo, ou salão dourado²⁸, é o espaço mais importante dos templos budistas e abriga as imagens mais significativas para o culto. Outra dependência importante nestes templos é a sala de orações, ou kodo, na qual se realizavam as leituras dos sutras ou onde os monges meditam.

Os templos budistas eram construídos, na maior parte das vezes, em locais afastados dos centros urbanos, mas nas imediações das localidades, para permitir a contemplação e o afastamento da vida comum e materialista das cidades, mas ao mesmo tempo, permitir o fácil acesso dos fiéis aos mesmos. Nos templos budistas, tal como nos shintoístas, a envolvente natural é muito importante e o jardim é um dos elementos, se não o elemento principal das construções²⁹.

No caso do budismo, não existe separação entre sagrado e profano³⁰, uma vez que o mundo é considerado uma criação divina. Desta forma, tudo o que nele existe e é encarado como real, ou seja, tudo o que é criado pela divindade e não por capricho do homem, é, consequentemente, sagrado.

Assim, podemos concluir que o templo budista não é dessacralizado



Figura 6: Templo Mahabodhi, Bodh Gaya, India. 2018.

Fonte: Adnieszka Taracha. Pinterest.

28 – O termo salão dourado, deriva do facto de as estátuas no seu interior serem revestidas a talha dourada

29 - O jardim representa o paraíso ocidental ou a terra pura.

30 - Metcalf, Franz. Buda na Mochila. Budismo prático para jovens. São Paulo, Pensamento, 2005. Pág. 13. Consultado em PDF em Google.pt/books, acedido a 3 de maio de 2018.

3.1.2 Templo Islâmico

Os templos de culto do islamismo são as mesquitas e tal como nas religiões anteriormente abordadas, além de serem o local onde os fiéis vão orar são também locais de reunião e apoio à comunidade.

No início da sua história que remonta ao século XVII d.C., as mesquitas eram estruturas simples e ao longo dos séculos foram evoluindo até chegarem às tipologias que conhecemos. Crê-se que a primeira mesquita, a Mesquita Sagrada, foi construída em Meca na área de Caaba, mas alguns muçulmanos acreditam que a primeira foi a de Quiba, em Medina, pelo profeta Muhammad, onde permaneceu por três noites e posteriormente construiu a Mesquita do Profeta, que juntamente com as anteriores são locais importantes e de referência para o islamismo. Contudo, o estilo arquitetónico islâmico surge no ano de 691, com a construção da mesquita Domo da Rocha, ou Mesquita de Omar, em Jerusalém.

Estes templos eram construções de planta retangular ou quadrada, sustentada por colunas, nas quais existia sempre um pátio interior com uma ou mais fontes que permitiam a purificação simbólica, pela água, antes de entrar na sala de orações. Estes espaços não eram mobilados, permitindo assim um maior número de fiéis, nem decorados com figuras, para evitar que a atenção se desviasse de Alá, e eram cobertos por uma cúpula grande que representava o universo aos olhos de Deus. A partir de 665 d.C, as mesquitas começam a possuir minaretes cuja finalidade, à imagem das torres nas igrejas católicas, é chamar os fiéis para as orações. Existe ainda um muro, o muro gibla que se situa no lado oposto à entrada, perpendicular a Meca, e os crentes devem rezar paralelos a este, ou seja, virados para esta cidade.

Durante todo o ano, as mesquitas devem receber os fiéis para as orações, até cinco vezes por dia³¹, e no mês do Ramadão³², após o pôr do sol devem celebrar a refeição do quebra jejum, convidando os mais pobres a participar neste banquete oferecido pela comunidade.

A forma como os homens e as mulheres se organizam dentro do espaço das mesquitas também deve ser distinta. No salão de orações, as mulheres deverão ficar atrás dos homens.

Ao entrar numa mesquita, os fiéis devem deixar toda a agitação do mundo fora das suas portas, e retirar-se neste ambiente calmo e tranquilo, para estar em contacto com a sua comunidade e o seu Deus.

31 – O número de vezes que a mesquita abre portas à oração depende das suas dimensões, da sua importância, e do número de fiéis que fazem parte da sua comunidade.

32 – Ramadão é o mês de jejum ritual para os muçulmanos. Corresponde ao nono mês do ano. É obrigatório a todos os muçulmanos, a partir da puberdade, marcando a sua entrada na idade adulta.

O fenómeno de secularização não se tem verificado nos templos islâmicos, e na última década temos verificado um aumento do número de mesquitas, sobretudo na Europa, possivelmente, devido à forte migração que se tem verificado, como iremos expor em seguida.

Desta forma, e porque algumas igrejas têm sido convertidas em mesquitas, não poderemos usar os templos islâmicos como exemplo na mutação de uso.



Figura 7: The Dome of the Rock (Qubbat al-Sakhra), Jerusalém, 2014.

Fonte: Orientalist, CC BY 3.0

3.1 A secularização

Iremos, agora, tentar entender se as outras religiões que não a católica, também estão a perder fiéis e a ver-se obrigadas a fechar os seus templos de culto.

Após pesquisarmos e analisarmos o tema da secularização em diversas religiões verificámos que não se verifica um número significativo na redução de fieis e em algumas delas, como é o caso do Islamismo, estão a construir mais igrejas para conseguir dar resposta ao grande número de fiéis. Por toda a Europa, desde 1990 até 2017 centenas de igrejas foram vendidas e transformadas em templos islâmicos³³, algo que nunca tinha acontecido anteriormente neste continente, mas já se tinha verificado no Médio Oriente e no Norte de Africa, nos séculos VII e VIII, aquando da expansão do islamismo.

É em França que, desde a década de 90 do século XX, ocorre o maior número de casos e onde podemos ver diversas igrejas transformadas em mesquitas, como a de Saint-Elo, em Vierzon, e a de São Cristóvão, em Nantes. Mas o mesmo acontece noutros países europeus como a Holanda, Alemanha, Bélgica, Reino Unido...

Esta necessidade no aumento de mesquitas, deve-se maioritariamente à forte migração que se verificou nos últimos anos, o que levou a um aumento exponencial no número de muçulmanos a viver na europa, que segundo um levantamento do The Pew Research Center³⁴, na década de 90 era cerca de 29 milhões e em 2030 será superior a 60 milhões.

Quanto à religião católica, a perda de fiéis continua a levar ao encerramento de igrejas por toda a europa. Em Inglaterra fecham cerca de vinte igrejas por ano, na Alemanha quinhentas e quinze foram encerradas na última década e na Dinamarca duzentas igrejas foram fechadas por estarem a ser subutilizadas ou não ser viável mantê-las abertas.

Quanto à religião shintoísta, como referimos anteriormente, por ser a religião tradicional do Japão, e por se estar a verificar um fenómeno de sincretismo com o cristianismo, tem vindo a perder praticantes de forma acentuada, pelo que podemos encontrar aqui um grau de semelhança entre o cristianismo e o shintoísmo. Porém, a dessacralização do templo shintoísta acontece de forma simples e sem grandes preocupações éticas ou morais, em oposição ao templo cristão, como iremos verificar no desenvolvimento do próximo capítulo.

33 – Segundo o Gatestone Institute, responsável por monitorizar a ascensão do islamismo. Como é o exemplo da igreja de San Polino, em Palermo, na Itália, convertida em mesquita em 1990.

34 – The Pew Research Center é uma instituição americana, não partidária, que fornece informações sobre questões sociais, opinião pública, tendências demográficas nos Estados Unidos e no mundo

4.1 Momentos significativos da história da Igreja católica

Faremos, neste capítulo, uma breve abordagem diacrónica da história da igreja católica, onde iremos referenciar os momentos mais significativos, por forma a conseguirmos entender como chegámos ao que a igreja é em pleno século XXI e de que forma estes momentos ditaram as regras e condicionaram a construção dos seus locais de culto.

“A antiguidade cristã é a época do nascimento da Igreja, da sua primeira atividade missionária e da consolidação da sua existência frente ao Estado e à heresia, assim como da fixação da sua autointerpretação dogmática básica.”³⁵

A humanidade sempre expressou a sua religiosidade através de uma busca constante de Deus, traduzida em ritos, imagens, cânticos e templos³⁶. Numa fase pré-histórica, a humanidade que para os cristãos se iniciou com Adão, passando depois por Noé e se transformou numa humanidade Babilónica, dá lugar à História da Salvação que começa no século XVIII a.C., conduzida por Abraão, que tinha por missão constituir um grande povo. Após a sua morte, foram os seus sucessores que prosseguiram com a sua obra, e em 935 a.C., existiam dois reinos, o do Norte (Israel), com capital em Samaria e o do Sul (Judá), com capital em Jerusalém.

Em 721 a.C., os assírios invadem o reino do Norte, deportando muitos dos seus habitantes para a Assíria, fazendo uma espécie de troca com os seus homens que se instalaram em Israel e formaram uma comunidade judaica rival de Jerusalém, construindo mesmo um templo no monte Garizim. Anos mais tarde, entre 578 e 581 a.C., também o reino do Sul foi invadido.

Os babilónios destruíram a capital e deportaram grande parte dos seus habitantes para a Babilónia, fazendo desaparecer o reino do Sul. Porém, este povo cativo conseguiu libertar-se e após tal acontecimento, os hebreus dirigem-se a Jerusalém com o intuito de reconstruir o reino, começando por reerguer o templo, tarefa que se estendeu por vários anos, uma vez que a par disso, segundo Carlos Verdete no primeiro volume da sua obra “História da Igreja Católica. Das origens até ao Cisma do Oriente”³⁷, era necessário reconstruir as casas.

35- Lortz, Joseph. História de la Iglesia I. En la perspectiva de la historia del pensamiento. Antigüedad y edad media. Ediciones Cristiandad, Madrid, 1982, pág. 36.

36- Zigurates, muito comuns na Mesopotâmia

37 – Verdete, Carlos. História da Igreja Católica. Vol. I – Das origens até ao Cisma do Oriente (1054). Lisboa: Paulus Editora, 2009.

No ano 168 a.C., o rei Antíoco IV mandou saquear o templo, enviou cobradores de impostos que se apoderavam do gado e raptavam as mulheres e crianças, destruiu as Escrituras Sagradas e ordenou a pena de morte a quem não cumprisse as proibições de realizar o culto no templo ou circuncisar as crianças, numa tentativa de acabar com a fé dos judeus.

Em 63 a.C., as legiões romanas ocuparam Jerusalém, tornando Judá e Samaria uma província romana. Porém, é com o fim do Império Romano que o cristianismo começa a expandir-se e, conseqüentemente, a Igreja Católica observa uma forte ascensão e torna-se a principal instituição a propagar os valores da doutrina cristã.

Através do Concílio de Niceia em 325³⁸, definem-se as bases religiosas e ideológicas da Igreja Católica Apostólica Romana, estruturando-se uma hierarquia, fazendo com que a Igreja alargasse o seu campo de influências.

O apogeu do cristianismo deu-se no reinado do Imperador Teodósio, o Grande, entre 378 e 395, aquando da publicação de uma lei, em 380, que expressava a vontade do imperador em todos os povos seguirem a fé da Igreja Cristã³⁹. Esta lei vem ainda diminuir o poder dos pagãos retirando-lhes direitos, bem como aos cristãos que abandonem a sua fé. Após a promulgação desta lei, os templos dos arianos e dos cultos de adivinhação e magia foram confiscados e entregues aos cristãos.

No ano de 381, o Concílio de Constantinopla confirmou as decisões de Nicéia, condenou as principais heresias de então e produziu o Símbolo de Constantinopla que resume a crença da Igreja e que passa a ser usado como base para a catequese e demais instrução.

Em 382, de acordo com Carlos Verdete, no primeiro volume da sua obra “História da Igreja Católica. Das origens até ao Cisma do Oriente”⁴⁰, uma outra lei considera os não cristãos marginais, atribuindo direito pleno à cidadania apenas aos cristãos. A par disto, coexistia a religião pagã que começara, então, a sofrer graves perseguições por parte do Imperador Teodósio que ordenara a destruição dos templos.

No final do século IV e início do século V, algumas questões teológicas e disciplinares vêm abalar a unidade da Igreja que se vê obrigada a solucionar os seus problemas internos ao mesmo tempo que começa uma missão de evangelização intensa. No século VI, em Roma, o cristianismo já estava bem enraizado e constroem-se templos de suma importância como as basílicas de São João de Latrão, Santa Maria Maior, Santos Apóstolos e São Paulo Fora dos Muros.⁴¹

38 – Informação consultada online em <http://www.teosofico.com/livros/h-p-blavatsky/isis-sem-véu/decisões-do-concílio-de-nicéia> acedido a 5 de março de 2018

39 - Informação consultada online em <http://www.clerus.org/clerus/dati/2007-11/23-13/21FLAVIO.html>, a 5 de março de 2018.

40 - Verdete, Carlos. História da Igreja Católica. Vol. I – Das origens até ao Cisma do Oriente (1054). Lisboa: Paulus Editora, 2009.

41 – França, S.S., Nascimento, R.S., Lima, M.P. Peregrinos e peregrinações na Idade Média. Rio de Janeiro, Vozes Limitada. 2018.

Em 431 realizou-se o Concílio de Éfeso com o objetivo de solucionar os problemas que a Igreja passava ao momento. Aqui, ficou esclarecido que Cristo e Deus são uma única pessoa, e a doutrina Nestoriana foi condenada, sendo Nestório exilado num mosteiro perto de Antioquia.

Ainda durante a Idade Média, segundo Hilário na sua obra “A Idade Média- Nascimento do Ocidente”⁴², desenvolvem-se, em França, diversas tipologias e modelos de edifícios religiosos, dos quais se destaca a arquitetura gótica que se traduziu em diversas catedrais europeias caracterizadas pela verticalidade e imponência.

Neste período, a vida cristã desenvolve-se de forma muito rápida. As cidades começam a erguer-se em redor dos conventos, os mosteiros servem, além do uso para o qual foram concebidos, de locais de estudos dos manuscritos antigos, criam-se as primeiras escolas e hospitais.

Porém, as diferentes comunidades cristãs iniciam conflitos entre si e cabe à Igreja tentar solucionar este problema. Assim, no Concílio de Constança, em 1043, é proclamada a lei da Trégua de Deus que suspendia as lutas durante determinados períodos importantes para a Igreja como os Domingos, a Quaresma, o Advento, abrangendo metade do ano.⁴³

Já no século XIX, o Papa Leão XIII ajudou a impulsionar a Igreja, dando destaque aos estudos eclesiásticos, criando seminários em todo o mundo, alargando assim, o cristianismo a todo o universo.

42 – Júnior, Hilário. A Idade Média- Nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 2001. Consultado online, em PDF a 8 de março de 2018.

43 - Verdete, Carlos. História da Igreja Católica. Vol. I – Das origens até ao Cisma do Oriente (1054). Lisboa: Paulus Editora, 2009.

4.2 Momentos mais significativos na história do património religioso

Após termos feito uma breve abordagem diacrónica da história da Igreja Católica, iremos salientar dois dos momentos mais significativos na história do seu património edificado.

Seguindo uma ordem cronológica, iremos começar pela Idade Média⁴⁴ (séc. V a XV), abordando o tema da igreja enquanto palco do teatro. Por estarmos a estudar o tema das mutações de uso em edifícios religiosos encerrados ao culto, é importante analisarmos este período da história, por forma a tentarmos entender como é que as igrejas se adaptavam para darem lugar às representações teatrais.

Em seguida, abordaremos a Revolução Francesa⁴⁵ (1789) enquanto o período mais negro no que à destruição do património religioso diz respeito, mas também, um dos mais importantes na criação de legislação para a da preservação do património edificado.

44 - Período histórico que tem início do século V com a queda do Império Romano e termina no século XV com a Tomada de Constantinopla pelos Otomanos. JUNIOR, Hilário. A Idade Média – Nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 2001.

45 – Período de 1789 a 1799 onde se verificou uma intensa agitação social e política que teve um grande impacto não só em França, mas por todo o continente europeu.

4.2.1 Idade média (séc. V a XV) – A igreja além do culto

Segundo Maria Clara Bingemer (2008)⁴⁶, o Cristianismo nasceu no século I, em Jerusalém, resultante de um grupo de pessoas de uma comunidade judaica que não estava de acordo com algumas das crenças do judaísmo⁴⁷. Desta forma, afastaram-se da sinagoga e começaram a praticar o culto nas próprias casas, de forma muito humilde, longe do esplendor do Templo⁴⁸.

Porém, é no espaço cultural da sinagoga que os cristãos vão buscar inspiração para as primeiras construções destinadas ao culto da sua fé, por este ser um espaço de reunião da comunidade em torno da Palavra. Estas eram caracterizadas por um programa simples e uma arquitetura que respondia às necessidades básicas para as quais o edifício era construído. Assim, para a realização da oração e reuniões comunitárias não era necessário construir um complexo de instalações, mas apenas uma sala de reuniões, como podemos verificar em diversas sinagogas construídas na palestina num período histórico próximo ao nascimento de Jesus, mas antecedente a este, como é o caso da Sinagoga de Massada, em Israel⁴⁹.

Desta forma, à imagem das sinagogas, também os lugares de culto cristão são caracterizados não pela presença da divindade, mas pela celebração do ritual. Para os cristãos, o espaço de culto é definido pela reunião, sendo os próprios fiéis, simbolicamente, as pedras do edifício.

Outra característica das sinagogas deste período é a falta de referências alusivas à religião, como representações artísticas ou inscrições, excetuando em alguns casos, o local onde se encontrava a Torah⁵⁰. Para os judeus, o que importava realmente na sinagoga era a possibilidade de reunião do povo para estudar ou receber a instrução da Lei, e não o edifício em si enquanto elemento arquitetónico que aproxima de Deus, fazendo deste um espaço ritual de oração da comunidade e da assembleia em torno da leitura do livro da Lei. Já o Templo tinha um ritual baseado no sacrifício de animais, e todo um esplendor em torno do culto, recorrendo a incenso, vestes sacerdotais e cânticos que envolviam os fiéis.

46 – Bingemer num evento promovido, em 2008, pelo Centro Loyola de Fé e Cultura da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com o nome “Diálogo inter-religioso: fraternidade judaico cristã”, publicado pela Revista do Instituto Humanitas Unisinos. Consultado online no site <http://www.ihuonline.unisinos.br> a 16 de março de 2018.

47 - Nomeadamente, e o ponto fulcral da separação, a pluralidade de mestres reconhecidos pelo judaísmo, que se opunha ao caráter único e divino que os cristãos atribuem a Jesus.

48 - Templo de Jerusalém

49 - 66 a 74 a.C.

50 - Pergaminho que contem os cinco primeiros livros do Tanah (equivalente ao Antigo Testamento da Bíblia).

De forma concisa, após o Pentecostes⁵¹, o lugar de culto dos cristãos é o mesmo que o dos hebreus, porém de forma gradual, os cristãos vão se afastando destes espaços e param drasticamente de usar os templos dos pagãos, começando a reunir-se em casas particulares, utilizando os próprios móveis da casa.

À medida que o cristianismo foi ganhando força entre o povo e a comunidade cristã aumentando, as habitações começaram a ser pequenas para reunir todos os fiéis e foi necessário transferir o culto para edifícios maiores.

Como forma de manter viva a memória dos que partilharam a vida com Cristo, a preferência na eleição destes espaços, recaía em edifícios onde os apóstolos já tinham partilhado conhecimentos com a comunidade. Neste momento, os móveis e utensílios domésticos deixam de ser usados, e começa o processo de sacralização e ritualização do espaço e dos objetos destinados ao culto. Este processo vai evoluindo naturalmente ao ponto de as igrejas começarem a estabelecer-se em locais fixos respondendo, arquitetonicamente, às exigências da celebração da liturgia.

Na Idade Média⁵², de acordo com Brockett na sua obra “History of the Theatre”⁵³, quando a igreja católica ganhou força, a par do culto, realizavam-se, também, nestes espaços espetáculos teatrais chamados “ludus”. Nesta época o teatro era uma das artes mais populares e as representações tinham um forte caráter religioso, baseando-se na Paixão de Cristo, na Ressurreição, na vida dos santos...

A igreja era, à época, a única instituição que tinha acesso aos textos em latim e, como tal, acabou por tirar partido do teatro para transmitir a palavra de Deus, através dos referidos textos.⁵⁴

Estes espetáculos que inicialmente eram realizados no interior das igrejas, começaram a ver o seu público aumentar consideravelmente o que levou à necessidade de um espaço maior para a sua realização, tendo sido obrigados a passar as representações para o adro da igreja. A partir deste momento, de acordo com Brockett na obra referida anteriormente, o teatro começa a afastar-se dos temas religiosos e surgem os temas cómicos, o que levou o teatro a desligar-se por completo da igreja e passar a realizar-se nas praças públicas e feiras.

51 - Comemoração cristã que celebra a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos de Jesus Cristo. Acontece sete dias após a Ascensão de Jesus.

52 - A partir do século V, até ao século XV.

53 - Brockett, O. G. History of The Theatre. Massachusetts: Allyn & Bacon, 1995.

54- Sabe-se, através do autor Leacrof (1984) que foram apresentadas pelos menos dois textos destes, em forma de peças teatrais, intituladas “A Ressurreição de Cristo”, no século XII, em vários espaços do interior da igreja, e “O Jogo de Adão” que representava o paraíso e cuja decoração era bastante rica e exuberante.

4.2.2 Revolução Francesa (1789 a 1799) – A perda de património religioso

A história da igreja católica teve uma das suas fases mais difíceis aquando da Revolução Francesa nos finais do século XVIII.

Desde a época medieval⁵⁵ e nos séculos que lhe sucederam, de acordo com Edward James na obra “The origins of France: from Clovis to de Capetians”⁵⁶, a França foi considerada um dos países que mais força e apoio davam à igreja católica⁵⁷. Até ao final do século XVIII, o catolicismo em França afirmava-se de forma muito forte, e a influência da religião católica na sociedade era enorme, quer a nível político, uma vez que o poder do rei era garantido pelo poder divino, quer cultural, social e económico, levando a população a participar nos rituais religiosos e o clero a cuidar da vida religiosa da sociedade e das suas atividades civis como o casamento ou os registos de nascimento e óbito.

Porém, a Revolução Francesa com os seus ideais iluministas anticlericais e antirreligiosos viria a mudar este panorama drasticamente. Começou por acabar com as estruturas feudais existentes, confiscou os bens do clero para pagar o défice nacional e dividiu o clero francês que era fiel à constituição, do clero refratário, fiel ao Papa, levando a que este deixasse de ter controle sobre o clero francês e à perda dos territórios de Avignon. E foi neste momento da Constituição Civil do Clero e do juramento dos padres que se deu o passo decisivo para a separação da Igreja do Estado, desencadeando um movimento de ataques violentos contra os padres e os templos. Neste momento, as imagens religiosas são destruídas e o culto religioso passa a ser proibido, tentando substituir este por um culto revolucionário onde se exaltavam a razão e a consciência sobre a dominação da Igreja.

“A 13 de Julho, Paris só pensava em defender-se. A 14 atacou.”⁵⁸. O primeiro edifício a ser vitimizado por estes atos de vandalismos foi a Bastilha⁵⁹, no dia seguinte a ter sido tomada pelos revolucionários, como podemos perceber nestas palavras de Jules Michelet “...vários incriminavam as pedras e ensanguentavam as mãos a arrancá-las”⁶⁰

55 - Séculos V a XV.

56– James, Edward. The origins of France: from Clovis to the Capetians, 500-1000. Londres: Macmillan, 1982.

57– Segundo Edward James, desde a coroação de Clovis I, em 496, a Igreja Católica Romana era a religião oficial de França. O monarca francês tinha uma relação bastante intensa e estreita com a Igreja Católica.

58 - Michelet, Jules. História da Revolução Francesa- Da queda da bastilha à festa da Federação. Editora Schwarcz Ltda, 1989, São Paulo, Brasil. Pág 153

59 - É considerado o ponto de partida da Revolução Francesa. A construção da Bastilha iniciou-se em 1370 e foi construída como fortaleza para proteger o lado leste de Paris. Mais tarde deu lugar à prisão que funcionou até à sua tomada no dia 14 de Julho de 1789. O edifício foi completamente destruído e algumas das suas pedras vendidas, outras utilizadas para a construção de pontes e outros edifícios, e outras ainda, esculpidas e transformadas em miniaturas da própria Bastilha, pelas mãos do empreiteiro responsável pela coordenação e demolição oficial do edifício Pierre François Palloy.

60- Michelet, Jules. História da Revolução Francesa- Da queda da bastilha à festa da Federação. Editora Schwarcz Ltda, 1989, São Paulo, Brasil. Pág 165.

Após este, vários outros edifícios foram vandalizados e destruídos, e tudo aconteceu dentro da lei do Estado revolucionário de então como podemos perceber na seguinte citação de Françoise Choay:

“Por toda a França, nas cidades e no campo, aqueles que adquiriram bens nacionais puderam, impunemente, para lotear o terreno ou para converter em materiais de construção, destruir alguns dos mais prestigiosos monumentos... A Assembleia Legislativa, numa situação de desespero, não apenas decretou a fundição das pratarias e dos relicários, mas também mandou transformar em peças de artilharia as armações de telhado de chumbo ou de bronze de catedrais (Amiens, Beauvais, Chartres, Estrasburgo), de basílicas (Saint-Denis) e de igrejas (Saint-Gervais, Saint-Sulpice, Saint-Louis-des-Invalides em Paris).”⁶¹

Estas igrejas acima referidas, foram mais tarde reabilitadas e continuam a servir o seu uso inicial até à atualidade. Porém, outros edifícios semelhantes como é o caso da Sainte Chapelle, em Paris, tiveram outro percurso. Durante a Revolução Francesa, após ter o pináculo, os assentos do coro, o painel do altar principal e algumas relíquias destruídas, foi convertida em escritório administrativo e os vitrais cobertos por armários, o que provavelmente os salvou dos atos de vandalismo. Foi restaurada no século XIX.

Outras igrejas por toda a França foram convertidas em indústrias, armazéns, estábulos ou até mesmo estabelecimentos prisionais como é o caso da igreja do Mont Saint-Michel que, em 1790, viu os seus monges serem expulsos e dois anos depois todos os bens existentes no seu interior serem vendidos. A partir de então, Mont Saint-Michel recebeu setecentos prisioneiros nas celas que outrora foram os quartos dos abades, e a maioria das restantes salas são transformadas em oficinas onde os prisioneiros viriam a trabalhar. Por forma a aumentar a área utilizável do agora complexo prisional, é construído um piso na igreja.

Em 1834, depois da administração da prisão ter abandonado a manutenção do edifício por quase duas décadas, a igreja agora transformada em oficina de chapéus, sofreu um incêndio e o telhado fica destruído e a estrutura do edifício muito danificada. Em 1863, a prisão foi extinta e uma década mais tarde começam as obras de restauro do edifício que voltaria a receber monges e peregrinos. Ou seja, estamos perante um caso de uma igreja que, tal como a Saint-Chapelle, mudou de uso durante um determinado período de tempo, e mais tarde voltou ao seu uso original.

61- Choay, Françoise, A Alegoria do Património. Estação Liberdade, São Paulo, Brasil, 2001, pág. 106. Consultado em PDF, online, a 14 de março de 2018.

Após as consequências da destruição causada pela Revolução Francesa, torna-se urgente reabilitar muito do património que, como já referimos, havia sido parcialmente destruído. Porém, estas intervenções eram feitas com pouco conhecimento e pouca preocupação com a história e materialidade das construções. Existia uma vontade enorme de disfarçar as mazelas que os edifícios haviam sofrido, de forma rápida e económica, sobretudo por uma questão estética.⁶²

E, assim, muitos dos edifícios foram apenas remendados e não realmente reabilitados. Contudo, isto serviu de pretexto para se iniciar uma consciencialização para a importância da correta reabilitação dos edifícios, e a França tornou-se pioneira na criação de uma tutela do património histórico, criando uma legislação com procedimentos claros e racionais, que serviu de referência não só na Europa, mas em todo o mundo.⁶³

A propósito destes estragos feitos em várias igrejas medievais, mas em particular na de Notre Dame, Vitor Hugo⁶⁴ comenta:

*“São mutilações que vêm tanto de dentro quanto de fora. O padre pinta, o arquiteto raspa e depois vem o povo e as destrói.”*⁶⁵

E foi para evitar estas demolições que começam a admitir-se novos usos para as igrejas vandalizadas e abandonadas após a Revolução. Porém, para controlar o tipo de usos e propor uma utilização mais apropriada a estes espaços outrora sagrados, começaram a ser feitos acordos entre o governo central e os representantes de cada cidade, apesar de terem pontos de vista divergentes, uma vez que o governo central estava mais preocupado com a conservação dos monumentos e os representantes das cidades com o tipo de uso que iriam ter. Ainda assim, estes acordos permitiram que, neste período histórico, o número de monumentos demolidos fosse muito reduzido.

62 - CHOAY, F. A Alegoria do Património. Lisboa: Edições 70, 2000. Pág. 106

63 - CHOAY, F. A Alegoria do Património. Lisboa: Edições 70, 2000.

64 - O seu romance “Notre Dame de Paris”, datado de 1831, consolidou uma ideia e um estado de espírito que influenciaram o restauro da catedral de Notre Dame a partir de 1845;

65 - HUGO, Vitor Notre Dame de Paris, Rio de Janeiro: Zahar, 2013, Introdução.

4.2.2.1 As repercussões da Revolução Francesa no património religioso em Portugal

Durante o século XIX, o património religioso português foi alvo de diversos atos de vandalismo, tal como aconteceu em França aquando da Revolução Francesa. De acordo com Fortunato Almeida na sua obra “História da Igreja em Portugal”⁶⁷, a conjuntura social, financeira e política de então, à qual se aliaram as invasões francesas em 1807, 1809 e 1810, a guerra civil, a extinção das ordens religiosas, entre outros fatores, contribuíram para que uma parte significativa do património religioso fosse saqueado e destruído.

A fuga da família real para o Brasil deixou um clima de insegurança e desconfiança na população em geral e abriu as portas a que estes atos aumentassem de escala e rapidamente se espalhassem por todo o território. É sabido que grande parte dos monumentos e obras de arte em todo o país foi saqueada e destruída pelo exercito francês, contudo, a extinção de determinadas casas e ordens religiosas levou a que os próprios padres destruíssem as igrejas e conventos, bem como todo o seu conteúdo, como forma de protesto contra o rei e o governo. Em Lisboa, a extinção do Mosteiro de São Bento da Saúde levou os monges “*rebeldes a seu Rey Legítimo, blasfemando contra elle e o Governo*”⁶⁷, a quebrar os altares e as imagens sagradas, e a cortar as árvores existentes na cerca do mosteiro.

Em maio de 1834, após a oficialização da extinção das ordens religiosas⁶⁸, através de um decreto⁶⁹, o património religioso passa a ser pertença do Estado e com isto diversos edifícios sagrados são deixados ao abandono por estarem localizados em locais ermos ou por falta de interesse em mante-los abertos, levando ao furto do seu recheio e à sua degradação gradual por falta de manutenção.

Assim, o Estado decide começar a desfazer-se de parte destes monumentos, vendendo alguns com todas as obras de arte e mobiliário no seu interior que acabavam por ser revendidos pelos compradores ou vendidos às peças, e demolindo outros. Porém, ainda restavam vários edifícios abandonados e a solução encontrada para não os deixar “morrer” foi atribuir-lhe novos usos, maioritariamente civis ou militares.

66 - ALMEIDA, Fortunato – História da Igreja em Portugal, Vol. III, Porto/Lisboa, Livraria Civilização-Editora, 1970.

67 - apud Rodrigues, Rute Massano. Entre a Salvaguarda e a Destruição: A extinção das Ordens Religiosas em Portugal e as suas consequências para o património artístico dos conventos (1834-1868). Tese de mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2017. Pág. 146

68 – Rodrigues, Henriques. Extinção das ordens religiosas e dinâmicas sócio-culturais: frades residentes no Alto Minho no século XIX.

69 – Decreto datado de 28 de Maio de 1834, assinado por Joaquim António de Aguiar. Este decreto referia que todos os conventos, mosteiros, colégios, hospícios e qualquer casa religiosa de todas as ordens, deveriam passar a ser pertença do Estado. ALMEIDA, Fortunato – História da Igreja em Portugal, Vol. III, Porto/Lisboa, Livraria Civilização-Editora, 1970, p. 49.

Contudo, e como seria de esperar na ausência de leis que definissem regras para estas mudanças de utilização, muitos destes espaços foram completamente alterados e descaracterizados, perdendo as suas características espaciais, funcionais e até mesmo arquitetónicas.

No âmbito de continuar a salvaguardar o património religioso, e tal como já tinha acontecido em França onde os atos contra os monumentos e obras de arte originaram a criação de leis de consciencialização, defesa e conservação do património histórico, em 1836, Luís Mouzinho de Albuquerque⁷⁰ nomeia a Academia das Ciências de Lisboa responsável por determinar que edifícios, quer pela sua arquitetura, quer por motivos históricos, eram dignos de ser conservados e nomeados como monumentos públicos. Porém, a demora do processo de criação de uma rede nacional de informadores, levou a que muitas igrejas fossem vendidas a particulares.

Veio a perceber-se que as autoridades administrativas da conservação dos conventos e igrejas negligenciava o seu trabalho e muitos destes edifícios continuavam ao abandono sendo alvos fáceis de roubos e destruição.

Foi então que, em 1841, e por completo desconhecimento do estado e do uso dos monumentos religiosos que possuía, é solicitado ao Inspetor Geral das Obras Públicas, um levantamento dos monumentos nacionais que descriminasse o seu uso, o seu estado de conservação, as obras que continha no seu interior e o que necessitava de ser feito para a sua conservação, por forma a evitar chegar ao estado de ruína.

O Mosteiro da Batalha e a Igreja Monumental de Santa Maria, em Alcobaça, foram dois dos primeiros edifícios a sofrer obras de restauro.⁷¹

70 – Inspetor geral Interino das Obras Públicas. Além disso, foi militar, engenheiro, poeta, cientista e político.

71- NETO, Maria João Baptista – O Restauro do Mosteiro de Santa Maria da Vitória de 1840 a 1900, Cadernos de História da Arte, Lisboa, Instituto de História da Arte/Faculdade de Letras de Lisboa, 1991.

4.3 A secularização do templo cristão

4.3.1 Do espaço sagrado ao espaço profano

Ao longo da história, diversos autores como Berger (1987), Wilson (1992) e Pierucci (1998) fazem referência a uma perda progressiva dos valores religiosos na sociedade, fenómeno conhecido por secularização, e já nos princípios do séc. XIX Goethe⁷², no seu romance “Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister”⁷³ afirmava que tal fenómeno se deve ao facto de o cristianismo celebrar “a profundidade divina da dor”.

Porém, podemos considerar que este afastamento de Deus se iniciou nos primórdios da humanidade. Como refere Nietzsche na obra “A origem da tragédia proveniente do espírito da música” datada de 1872:

*“O homem, elevando-se a alturas titânicas, conquista por si a própria civilização, forçando os deuses a ele se aliarem, porque na sua própria sabedoria tem nas suas mãos a existência e os limites dela. (...) O pressuposto do mito de Prometeu é o valor infinito que uma humanidade ingénua atribui ao fogo, como ao verdadeiro paládio de toda a civilização ascendente: mas aos homens contemplativos primitivos pareceu um sacrilégio, uma rapina em prejuízo da natureza divina o homem dispor livremente do fogo e não o receber apenas como um presente do céu, como raio incendiário ou como chama ardente do sol. E assim, o primeiro problema filosófico põe de imediato uma árdua e insolúvel contradição entre homem e Deus...”*⁷⁴

Aqui, defende que o processo de secularização começa quando o homem descobre o fogo, começando a emancipar-se de uma força divina que decide o que lhe dá e quando dá, tornando-se mais autónomo, e iniciando assim o processo de civilização, que à medida que vai crescendo, se vai afastando de Deus.

No final do século XIX, mais propriamente em 1888, Nietzsche, no seu livro “O Anticristo”⁷⁵, não pondo em causa a existência de Deus, questiona-se se o mundo ainda se organiza e desenvolve em torno da ideia Deste.

72- Johann Wolfgang Goethe (1749-1832) foi um escritor alemão considerado por muitos críticos como um dos iniciadores do romantismo europeu.

73 - Goethe, Johann Wolfgang. Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister. Lisboa: Relógio d'Água, 1998;

74 - F. Nietzsche, F. A origem da tragédia proveniente do espírito da música. Cupolo, eBookLibris, 1987. Consultado online em <http://ebooksbrasil.org/nacionais/ebooklibris.html>, a 13 de maio de 2018.

75 - Nietzsche, Friedrich. O Anticristo – Ensaio de uma crítica do Cristianismo. Guimarães Editores. 1997, Lisboa, Portugal.

Este processo de emancipação que se inicia, aparentemente, nos primórdios da humanidade vai, aos poucos, expandindo-se e influenciando diversas áreas do saber, como a ciência que começa a isolar-se da visão teológica do mundo, no século XVI.

Basicamente, e como diz Francis Bacon, o *“reino de Deus”*, começa a ser substituído pelo *“reino do homem”*, onde este deixa de esperar que as coisas aconteçam pela fé em Deus, e passa a realizar o que deseja. E assim, com a secularização, *“o homem desvincula-se da hierarquia da criação e, portanto, de todos os limites.”*⁷⁶

Com a evolução social e referida emancipação do homem, a própria prática cerimonial foi perdendo força e a espetacularidade que era conseguida, em parte, pela própria construção arquitetônica com a sua grandiosidade, jogos de luz e obviamente por todo o rito em si que tentava colocar-se à altura da grandeza de Deus.

Apesar de existirem diversos edifícios de culto abandonados, continuam a construir-se igrejas de arquitetura contemporânea que respondem a necessidades sobretudo funcionais e acabam por contribuir também para a dessacralização com a quebra da força e interesse cerimonial, transformando todo o culto em maçadoras lengalengas sem envolvimento ou poética espacial.

De acordo com Galimberti:

*“Assistimos hoje nas igrejas ao baixo perfil da rotina devocional desprovida de beleza e esplendor, a que não faltam mecanismos de sedução ao apelo emotivo aos fiéis, que se veem assim induzidos a celebrar somente a vulgaridade do espírito, tanto dentro como fora das igrejas, naquelas cheias de fé que se nutrem dos mesmos ingredientes de que uma vez se alimentavam os encontros de massa, num equilíbrio entre a resignação do dever penoso e a excitação de um sistema de empréstimo”.*⁷⁷

Os terrenos onde estas igrejas se situam, possuem um elevado valor imobiliário, pelo que, se torna tentador demolir os edifícios para construir superfícies comerciais (ou de outra natureza). Por outro lado, existe a necessidade de conservar as igrejas devido ao seu carácter histórico.

De acordo com o mesmo autor⁷⁸, na Grécia Antiga o fim era considerado algo perfeito, uma vez que se chegou ao fim é porque cumpriu a sua finalidade. Após alcançar a finalidade o objeto ou o edifício, neste caso, morre podendo renascer com um novo objetivo, com uma nova finalidade. Esta visão, permite que o edifício possa perdurar eternamente, como um ciclo. Visto

76 - U. Galimberti, *Rastros do sagrado*, p. 167, Paulus Editora, 2003, Brasil

77 - U., Galimberti, *Rastros do Sagrado*, Paulus Editora, 2003, São Paulo, Brasil. Pág. 193.

78- U., Galimberti. *Rastros do Sagrado*, Paulus Editora, 2003, São Paulo, Brasil. Pág. 131

que a finalidade se sobrepõe ao fim, para os gregos antigos, o fim não é um aspeto negativo, mas um bem necessário para a construção e continuidade da história ao longo dos tempos.

Desta forma, o tempo é um elemento de salvação, tal como defendia Santo Agostinho⁷⁹, é o que permite a realização de um ciclo. Este, não permite nostalgias, esperas ou arrependimentos, apenas a construção de um presente, de certa forma associado ao passado, mas que não se prende a este, renova-o.

Nesta linha de pensamento, é admissível que as igrejas que fecham portas ao culto, sejam reinventadas, recebam novos usos, permitindo um prosseguir da história, um continuar de um ciclo.

Tal fenómeno já está a ocorrer por toda a Europa, mas é em Inglaterra e na Holanda que existe o maior número de igrejas transformadas em outros espaços.

No primeiro a principal entidade responsável pela preservação das igrejas é o “The Church Conservation Trust” (TCCT)⁸⁰ que trabalha, desde 1969, a nível nacional em parceria com outras entidades locais. O TCCT tenta manter as igrejas fiéis ao original, conservando a mobília, a decoração e os elementos litúrgicos, o que normalmente diverge das entidades locais, que procuram encontrar um uso funcional e prático para estes edifícios, tornando-os lucrativos, sem alterar as suas características arquitetónicas e evitando a demolição.

É neste momento que se começam a definir os novos usos e se começa a distinguir o sagrado do profano que, do ponto de vista de Durkheim⁸¹ e Elíade⁸², acontece devido à sua completa alteração pela diferenciação bastante demarcada do próximo (o profano) e do distante (o sagrado), sendo este último um valor atribuído pela comunidade de fiéis ao edifício de culto, que se confronta com o valor histórico que deve ser preservado como memória coletiva de um país.

Norwich é um dos casos mais marcantes na secularização de espaços em Inglaterra, desde a Reforma Anglicana⁸³ em 1538, e é entendido por Nora⁸⁴ como um processo que transformou estes lugares de memória em espaços de história que espelham o florescimento económico da cidade entre os séculos XIII e XVI e que, apesar de já não fazerem parte da memória como edifício sagrado, são parte integrante da paisagem urbana e da história desta comunidade.

79 – Agostinho de Tagaste. *La città di Dio*, Livro XXVII, Rusconi, Milão 1984.

80- The Church Conservation Trust é uma instituição de caridade fundada, no Reino Unido, em 1969, com o objetivo de proteger igrejas históricas em risco.

81 – E. Durkheim, *As formas elementares da vida religiosa*, Martins Fontes, São Paulo, Brasil, 1996.

82 – M. Elíade, *O Sagrado e o Profano: A essência das religiões*. Martins Fontes, São Paulo, Brasil, 2001.

83- Durante a Reforma Anglicana, em 1538, foram dissolvidos os mosteiros e retirado das igrejas tudo o que remetesse à igreja Católica Romana.

84 – P. Nora, *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, n.10, dezembro 1993. Pág. 7-28.

Na Holanda, segundo um estudo realizado em 2011, em Dallas⁸⁵, até 2050, 70 % da população, da qual 28% é católica, não vai estar conectada a qualquer religião. Porém, este fenómeno já se começa a verificar e desde a década de 70 do século XX cerca de mil igrejas foram encerradas, sendo grande parte delas demolidas e a outras, atribuídos novos usos. Como exemplo destas readaptações temos a igreja de Maastricht que foi transformada em livraria, ou a igreja de St. Jakobus que deu lugar à residência “Church of Living”.

No entanto, e apesar de o elemento espacial da igreja nunca deixar de o ser, estas mudanças de uso levantam questões e divergências quanto à sua natureza. A passagem do sagrado para o profano pode ser algo muito sensível e levantar muitas controvérsias, sobretudo junto da comunidade cristã que ainda resta. Surgem questões ligadas à poética do espaço, ou à descaracterização completa deste, que iremos abordar seguidamente.



Figura 8: Igreja de St. Jude, em Montral, Canadá, transformada em Ginásio e Spa. Da autoria do arquiteto Thomas Balaban, 2013
Fonte: archdaily.com

85 - Estudo divulgado num encontro da American Physical Society, em 2011, na cidade de Dallas, Estados Unidos, refere que, na Holanda, 40% da população é atea e este valor tende a aumentar para os 70% até ao ano 2050 neste e em outros países como Áustria, Canadá, Austrália, República Checa, Finlândia, Irlanda, Suíça e Nova Zelândia

4.3.2 A transformação do templo cristão

Abordar o tema das mutações de uso em edifícios religiosos é algo sensível. É necessário ter em conta a população que frequentava a igreja, aqueles que não a frequentam a vêem como um local sagrado, e todas as questões éticas relacionadas com a mudança do sagrado para o profano. Porém, não podemos esquecer que a igreja não é feita, apenas, de simbologias e imagens, também é feita de bens materiais, como é o caso dos seus edifícios de culto, que apesar de sagrados, são obras de arquitetura.

Ottavio Bucarelli⁸⁶, na apresentação do simpósio “Deus não habita mais aqui? Abandono de locais de culto e gestão integrada dos bens culturais e eclesiais”, faz uma citação que nos ajuda a entender esta dicotomia entre o lado sagrado e o lado profano do edifício de culto e a forma como é encarado pelas pessoas:

“A Igreja também é feita de cultura material, de coisas, de construções. De lugares onde eram celebrados batismos, funerais e casamentos, onde a comunidade se reunia para participar da Eucaristia. Lugares que são percebidos pelas pessoas como sagrados, mesmo quando não mais o são”.⁸⁷

Nesta observação de Ottavio Bucarelli podemos perceber a carga simbólica que os edifícios de culto possuem e que aos olhos das pessoas continuam a ter, mesmo quando deixam de ser sagrados. Ainda que o seu interior tenha recebido uma nova utilização e, por esse motivo, se tenha tornado profano, quem vê as suas fachadas continua a atribuir-lhe uma conotação sagrada.

Quando atravessamos o portal e entramos no interior das igrejas, torna-se ainda mais evidente toda a carga simbólica do edifício. O Seminarista de Teologia José de Lima, na sua tese de doutoramento “Igreja, Ícone da Trindade – Espaço Litúrgico, Imago Ecclesiae”⁸⁸, ajuda-nos a entender o motivo pelo qual estes edifícios exercem sobre as pessoas esta influência simbólica:

86 – Diretor do Departamento dos Bens Culturais da Igreja Pontifícia Gregoriana de Roma.

87 – Ottavio Bucarelli na apresentação do simpósio “Deus não habita mais aqui? Locais de culto e gestão integrada dos bens culturais eclesiais”, no Pontifício Conselho para a Cultura, no dia 10 de julho de 2018. Consultado online no site do Vaticano News, em <https://www.vaticannews.va/pt>, a 4 de janeiro de 2019.

88 -. Lima, Antonio Morais Lima. “Igreja, Ícone da Trindade - Espaço Litúrgico, Imago Ecclesiae”. Tese de doutoramento. 2012.

“O espaço celebrativo é um todo que exerce uma influência maior do que se crê sobre o comportamento humano. Criado e definido pelo homem, acaba por envolvê-lo e condicioná-lo com suas próprias características.”⁸⁹

Como o autor refere na citação anterior, a poética do espaço de uma igreja influencia os seus utilizadores em termos comportamentais e mesmo sentimentais. É criada uma atmosfera mística, através das dimensões do espaço, dos jogos de luz, e também de toda a decoração usada na idolatração aos santos, que posteriormente é complementada com todo o ritual de celebração, mas que por si só é suficiente para condicionar e envolver o observador. Este misticismo, esta poética é criada nestes espaços com um objetivo bem definido de envolver e direcionar os fiéis naquele sentido específico. Como diz Vicente Jorge Silva:

“Estas igrejas são mais que casas de Deus. Alguém soprou poesia para dentro delas”⁹⁰

Assim sendo, e se mais que objetos arquitetónicos estes edifícios são obras poéticas, se a igreja deixa de o ser na prática, continua a sê-lo teoricamente. Ou seja, a tal poética do espaço não se anula ou desaparece, simplesmente pelo facto de não se realizar mais o culto ali. Porém, quando o espaço da igreja recebe um novo uso, surge uma questão que, a meu ver, é mais de natureza ética.

É importante manter a poética do espaço da igreja, ainda que deixe de o ser, ou por já não ser um edifício de culto, deixam de existir estas condicionantes e características tão particulares e específicas, e desta forma torna-se possível modificar a essência do edifício sem qualquer barreira?

Estamos a falar numa mudança de uso e de identidade, num câmbio do sagrado pelo profano e, por isso, é necessário, antes de mais, entender que o sagrado está separado do profano de forma bem vincada, embora pertençam ao mesmo plano físico. Um termina onde o outro começa.

Nos templos shintoístas, por exemplo, a entrada no espaço sagrado é marcada pelo torii, o portal que marca o início do percurso que conduz ao edifício. É este que separa os dois mundos e ao atravessá-lo, os fiéis iniciam um caminho de purificação e despojo do profano que termina numa “limpeza” pela água que é um elemento de purificação comum a quase todas as religiões e situa-se sempre na entrada do templo. Nesse momento, estão completamente purificados e aptos a entrar no templo. No caso das igrejas cristãs, normalmente localizadas dentro das urbes,

89 - Lima, Antonio Moraes. “Igreja, Ícone da Trindade - Espaço Litúrgico, Imago Ecclesiae”. Tese de doutoramento. 2012. Consultado online em <https://www.iar.unicamp.br> a 20 de março de 2018

90 – Vicente Jorge Silva na introdução de “O Livro das Igrejas Abandonadas” de Tonini Guerra, 1997

rodeadas de elementos profanos, praças, edifícios habitacionais e de lazer, marcam um momento diferente na paisagem arquitetónica do local onde se inserem.

Sabemos que dentro destes espaços existe o sagrado e fora deles o profano e que, à partida, facilmente se poderão misturar, porém, há um elemento que os separa e impede que se interliguem: a porta.

Esta é ao mesmo tempo o elemento de continuidade e de separação. Um elemento simbólico que serve de passagem para um plano transcendente. Convida os fiéis a entrar, mas também guarda o templo, proibindo que o profano entre nele.

Ora, ainda que o templo cristão deixe de realizar o culto e as suas portas sejam encerradas ao público, continua a ser um espaço sagrado onde a porta ainda é o elemento válido de separação das duas realidades.

Porém, a partir do momento em que se começam a modificar as características do espaço interior, com o intuito de adaptá-lo a um novo uso, o profano começa a apoderar-se deste local. Para o sagrado, o espaço é heterogéneo e organizado, não podendo ser rompido, atravessado, cortado ou delimitado, ao contrário do espaço profano que não possui qualquer orientação estrutural, sendo relativo, homogéneo e neutro.

Assim sendo, podemos concluir que a partir do momento em que se modifica o espaço interior de uma igreja para reabilitá-la para um novo uso, construindo paredes, criando um elemento de separação horizontal para criar outro piso, abrindo novos vãos... estamos a profanar o espaço, aniquilando qualquer réstia do sagrado que outrora foi.

Porém, se o edifício for adaptado para uma habitação, podemos afirmar que continua a ser um edifício sagrado, uma vez que “a habitação é sempre santificada, pois constitui uma *imago mundi*, e o mundo é uma criação divina”⁹¹.

Todas as culturas tradicionais vêem a casa como um espaço sagrado, uma vez que reflete o mundo. Deparamo-nos, então, com uma ambiguidade. Por um lado, o facto de a habitação ser sempre sagrada, por outro o facto de se romper a geometria do espaço, tornando-o profano.

Mas de qualquer das formas, após o término do culto, faz mais sentido manter as portas fechadas e deixar que o edifício se degrade até ao momento em que terá que ser demolido e provavelmente substituído por uma outra construção ou, de alguma maneira, após a “morte” do edifício proceder ao luto e reabilitá-lo sem excessivas condicionantes advindas do contraste sagrado/profano? Para responder a estas questões temos que tentar perceber a o ciclo de vida do edifício e também de que forma, após a sua “morte” poderá ser realizado o luto para permitir a reabilitação do edifício.

91 - Eliade, M. O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões, Edição Livros do Brasil, Lisboa, 1962, página 31.

Podemos começar por um caso sucedido em 1997, aquando do terramoto em Itália que destruiu parte da basílica de Assis, no qual o cardeal Tonini afirma “um homem vale cem basílicas”⁹², demonstrando que a seu ver, a vida humana é um bem muito mais precioso do que a “vida” de um edifício. Por outro lado, e perante o mesmo acontecimento, um repórter de televisão afirmou “a perda de vidas humanas e de um património artístico que vale mais”⁹³, mostrando um pensamento exatamente contrário ao do cardeal.

Em qualquer dos casos, comenta-se a perda do património como algo lamentável. Porém, é de salientar a posição do cardeal, que como membro da igreja dá primazia à vida humana em detrimento do seu edifício de culto, que contrasta com a opinião do repórter que lamenta a perda irreparável de todo o património artístico. Desta forma, podemos concluir que para os membros da igreja, tomando o cardeal Tonini como exemplo e generalizando, a verdadeira essência e importância não reside no edifício em si, mas nos fiéis que o frequentam. Ora então, não haverá qualquer problema em deixar o edifício da igreja “morrer” ou mudar de uso quando os seus fiéis deixarem de o frequentar.

Por outro lado, muitas vezes, o templo é a peça central de uma localidade como podemos perceber nas palavras do Cardeal Gianfranco Ravasi⁹⁴

“pessoas que, mesmo não frequentando a igreja, consideram-na um símbolo do bairro, um emblema encaixado no contexto urbano”⁹⁵

Estes edifícios, para os fiéis, têm uma carga emocional muito forte, pois é a casa onde se recolheram para adorar o seu Deus, onde experimentaram um sem fim de emoções e até mesmo onde deram as boas vindas a uns familiares e se despediram de outros. Por estes motivos, não é fácil para os utilizadores daquela igreja, verem-na fechar portas, e ainda menos ser demolida. Pelo que, a meu ver, será bem mais fácil para eles, verem o seu edifício de culto transformado. Mas é aqui que começam as questões éticas.

Ao atribuir um novo uso a uma igreja, ela deixa de ser uma igreja e, a localidade onde ela se encontra e que se caracterizava e identificava pela igreja, pelo café e pouco mais, sofre assim uma enorme transformação. E é isto que tem vindo a acontecer a um ritmo galopante em toda a Europa nos últimos anos.

92 - Galimberti, Umberto. Rastros do Sagrado. Paulus. São Paulo, Brasil, 2003. Página 185

93 - Galimberti, Umberto. Rastros do Sagrado. Paulus. São Paulo, Brasil, 2003. Página 185

94 - Cardeal presidente do Pontifício Conselho da Cultura de Roma

95 – Em entrevista feita ao Cardeal Gianfranco Ravasi, para o Vaticano News, a 17 de dezembro de 2018, após publicação do documento “Diretrizes. A cessação e reutilização eclesial das igrejas, na conclusão do congresso internacional “Deus não habita mais aqui? Cessação dos locais de culto e gestão integrada dos bens culturais eclesiais”. Consultado online no site da Vaticano News em <https://www.vaticannews.va/pt> a 4 de janeiro de 2019.

Tem havido uma preocupação das comunidades em atribuir um uso “digno” e o menos profano possível às igrejas fechadas e que, de certa forma, recrie esta centralidade que a igreja tem na localidade. Porém, em muitos casos, a transformação não foi positiva do ponto de vista ético nem arquitetónico.

Noutros casos, as igrejas, apesar de não se realizar mais o culto nelas, continuam a manter as portas abertas, devido ao elevado número de visitantes anuais, como nos refere Gianfranco Ravasi em entrevista à Vaticano News:

“Mais da metade das igrejas do centro de Roma não é utilizada, mas jamais poderemos transformá-las em museu ou outra atividade porque são símbolos da cidade e do mundo e recebem visitantes o ano inteiro. Se a sacralidade de um templo é subtraída não quer dizer que perde a função simbólica de lugar espiritual e artístico. Por isso o patrimônio “nobre” será conservado e tutelado assim como estão, mesmo não sendo mais destinado ao culto.”⁹⁶

No que respeita a mudanças de uso, o documento com as Diretrizes da Santa Sé sobre a cessação dos lugares de culto⁹⁷ refere que a decisão do novo uso a ser atribuído às igrejas encerradas ao culto, deverá fazer parte de um projeto que inclua e ponha em diálogo a comunidade eclesial e a comunidade civil. Em relação a este tema, Gianfranco Ravasi refere:

“A Bíblia define “tenda do encontro”, ou seja, do encontro com Deus que é primário, mas também dos fiéis entre eles. Culto divino, anúncio do Evangelho e caridade em ação: na liturgia não há apenas a dimensão da verticalidade, mas também a da horizontalidade. Por isso, um destino “diferente”, mas que se refira à comunidade faz parte da alma da liturgia: é um tipo de paraliturgia, uma continuação da liturgia, mas de outra forma.

De resto, São Francisco afirmava que era lícito alienar bens da igreja e objetos sacros para finalidades caritativas... é preferível usos culturais, sociais ou caritativos, excluindo usos comerciais com finalidades especulativas.”⁹⁸

96- Em entrevista feita ao Cardeal Gianfranco Ravasi, para o Vaticano News, a 17 de dezembro de 2018, após publicação do documento “Diretrizes. A cessação e reutilização eclesial das igrejas, na conclusão do congresso internacional “Deus não habita mais aqui? Cessação dos locais de culto e gestão integrada dos bens culturais eclesiais”. Publicado e consultado online no site da Vaticano News em <https://www.vaticannews.va/pt>, a 4 de janeiro de 2019.

97 -Aprovado pelo Pontifício Conselho da Cultura – Dicastério da Santa Sé responsável pela questão – e pelos delegados das Conferências Episcopais da Europa, Canadá, Estados Unidos e Austrália na conclusão do congresso internacional: “Deus não habita mais aqui? Cessação dos locais de culto e gestão integrada dos bens culturais eclesiais” (Pontifícia Universidade Gregoriana, 29-30 de novembro).

98 – Palavras de Gianfranco Ravasi para o Vaticano News, a 17 de dezembro de 2018, após publicação do documento “Diretrizes. A cessação e reutilização eclesial das igrejas, na conclusão do congresso internacional “Deus não habita mais aqui? Cessação dos locais de culto e gestão integrada dos bens culturais eclesiais” Publicado e consultado online no site da Vaticano News em <https://www.vaticannews.va/pt>, a 4 de janeiro de 2019.

Porém, existem diversos casos de igrejas transformadas em espaços comerciais. É na Holanda que o número de casos é mais flagrante. Existem igrejas transformadas em supermercados, lojas de roupa e até ginásios, ou seja, locais comerciais.

Desde o mundo clássico, onde Mercúrio era o deus dos comerciantes e protetor dos vigaristas, que o comércio é considerado profano. Mais tarde, durante o cristianismo, São Nicolau foi denominado patrono dos comerciantes e ladrões, e ao ver que a tentação era um dado recorrente nesta profissão, São Tomás de Aquino delegou que os comerciantes não teriam permissão para entrar no Reino do Céu⁹⁹.

Por outro lado, ainda que tentemos atribuir um uso mais apropriado à igreja, o elevado valor monetário destas propriedades cria uma barreira que começa a filtrar e encaminhar automaticamente no sentido do comércio.

A opção de transformar uma igreja num teatro parece, à partida, a mais correta uma vez que religião e teatro sempre estiveram ligados, desde a Idade Média¹⁰⁰. Do ponto de vista da organização espacial e até mesmo da poética do espaço, a igreja e a sala de teatro têm muito em comum. Podemos atribuir ao altar mor a função de palco e a própria iluminação cuidadosamente estudada e orientada cria a atmosfera ideal quer para o culto, quer para a dramatização.

Uma outra opção que, à partida, parece válida é a biblioteca. Desde que existem mosteiros que estes assumem o papel de bibliotecas e locais de estudo. E a própria espacialidade e ambiente da igreja convidam ao retiro e silêncio habituais e necessário em bibliotecas.

Temos ainda a possibilidade de transformar as igrejas em habitações, pois como já foi referido anteriormente, e reforçado nas palavras de Eliade¹⁰¹, a casa é sempre um local sagrado e em tempos remotos, o culto acontecia nas próprias habitações.

Mas, obviamente, não é possível nem viável transformar todas as igrejas em teatros, bibliotecas ou habitações e, por esse motivo, há que abrir o leque de possibilidades de novos usos.

Em seguida iremos apresentar alguns exemplos de igrejas transformadas, com usos distintos e analisar caso a caso, contextualizando os edifícios na sua localização espacial e demonstrando que alterações sofreram na sua transformação.

99 - Le Goff, Jacques. Em busca do Tempo Sagrado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. Pág. 81

100 - Brockett, O. G. History of The Theatre. Massachusetts: Allyn & Bacon, 1995

101 - Eliade, M. O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões, Edição Livros do Brasil, Lisboa, 1962, página 31: “a habitação é sempre santificada, pois constitui uma *imago mundi*, e o mundo é uma criação divina”

5. CASOS DE ESTUDO

5.1 Internacionais

Os exemplos que apresentamos, seguidamente, foram eleitos entre diversos casos de igrejas internacionais analisadas para a realização deste trabalho e que foram convertidas a novos usos, quer pela diversidade desses mesmos usos, quer pela forma positiva como foram arquitetonicamente intervencionados.

Assim, os exemplos que iremos abordar são:

5.1.1 CONVENTO DE SANT FRANCESC – ESPAÇO CULTURAL

Local: Santpedor, Espanha

Arquiteto: David Close

Ano do projeto: 2011

5.1.2 IGREJA DOMINICANA SELEXYZ - LIVRARIA

Local: Maastricht, Holanda

Arquiteto: Merckx-Girod

Ano do projeto: 2006

5.1.4 IGREJA DE ST. JAKOBUS - HABITAÇÃO

Local: Utrecht, Holanda

Arquiteto: Zecc Architects

Ano do projeto: 2007

5.1.1 Convento de Sant Francesc, Espanha – Espaço Cultural



Figura 9: Interior da igreja antes das obras, 2011

Fonte: David Closes, archdaily.com

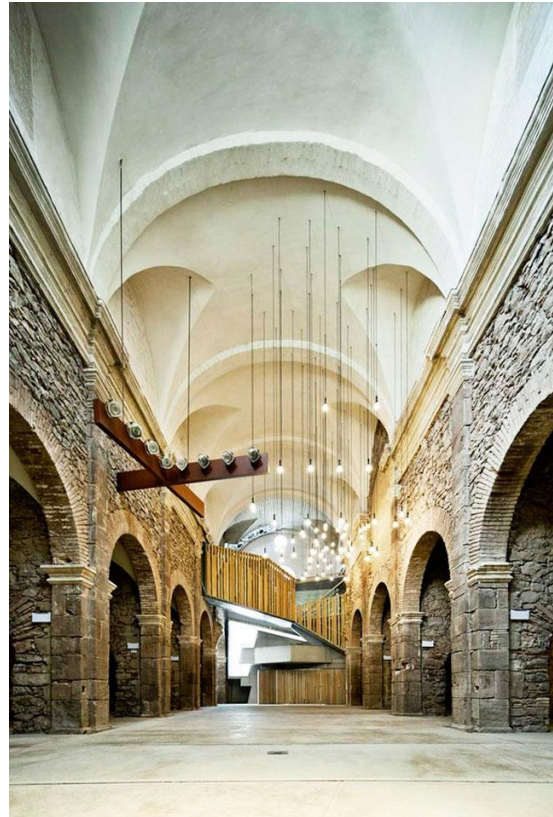


Figura 10: Interior da igreja depois das obras, 2012

Fonte: Jordi Surroca, archdaily.com

Enquadramento histórico

O Convento de Sant Francesc, localizado na cidade catalã de Santpedor, em Espanha, foi construído no princípio do século XVIII, entre 1721 e 1729. De estilo barroco, era composto por três alas que, juntamente com a igreja, encerravam o espaço sobre um claustro retangular.

Manteve-se como convento da ordem dos irmãos franciscanos até ao ano de 1835, quando Juan Álvarez Mendizábal¹⁰² os expulsou dali. Após este acontecimento, o complexo conventual foi saqueado.

¹⁰²- Juan Álvarez Mendizábal foi um político e economista espanhol, nascido em 1790 em Chiclana de la Frontera e falecido em 1853 em Madrid.

Entre 1851 e 1893, o convento foi provisoriamente ocupado pela Carmelitas da Caridade e, ainda durante este século, abrigou por sete anos o bispo de Palmira – Félix Amat.

No dia 8 de agosto de 1979, uma forte chuva de granizo danificou os telhados do, então abandonado, complexo conventual dando início à sua deterioração progressiva, o que levou à criação da Associação dos Amigos do Convento, em 1988, que promovia a recuperação do conjunto e a sua transformação em espaço cultural.

No ano 2000, procedeu-se à demolição parcial do conjunto de edifícios, ficando a igreja de pé e possibilitando a intervenção do arquiteto catalão David Closes que converteu os seus escombros num espaço cultural.

Novos usos

A igreja do antigo convento de Sant Francesc esteve aberta ao culto até ao ano de 1936, porém, após vários anos de abandono encontrava-se bastante deteriorada, levando a Câmara Municipal de Santpedor a tomar medidas para a sua conservação e restauro. Assim, surge o projeto da autoria do arquiteto David Closes que transformou a igreja em espaço cultural.

O conceito base do projeto é restituir a herança histórica do edifício. O objetivo é dar uma nova vida ao monumento, convertendo a igreja em auditório e centro cultural multifuncional, deixando evidentes as marcas do passar dos anos, como se de uma cicatriz se tratasse. Ou seja, o projeto, além de focar a restauração do edifício, procura dar ênfase aos detalhes e elementos antigos, tornando clara a diferença entre o passado e o presente. Isto foi conseguido com a utilização de materiais mais ou menos neutros, como o betão, o vidro, o aço e a madeira. As dimensões dos espaços interiores mantêm-se e os buracos provocados pelo desmoronamento progressivo do edifício são utilizados como entradas de luz.

Para evitar que a implementação de um novo programa quebrasse a unidade espacial da nave interior, o arquiteto resolveu desenvolver o programa através de volumes encaixados nas ruínas, de forma parcialmente exposta e outros colocados no exterior da edificação. As escadas e rampas, elementos novos no interior deste espaço, foram construídas para possibilitar o acesso aos pavimentos superiores da igreja, criando um percurso circular ao longo de todo o

edifício e oferecendo diversos pontos de vista no interior do espaço. Na construção original, este acesso era feito a partir do primeiro piso do convento e não a partir da igreja.

Em 2008 terminou a primeira fase de intervenção, e em 2010 a segunda. Existe a intenção de realizar uma terceira fase que irá incluir um arquivo histórico nos pisos superiores no lado sul da capela.



Figura 11: Nave da igreja adaptada a Auditório, 2014
Fonte: Grupo Soler

5.1.2 Igreja Dominicana, Holanda – Livraria



Figura 12: Interior da igreja, 1928
Fonte: Antonietti, J.P.A



Figura 13: Interior da igreja, 2007
Fonte: Roos Aldershoff, archdaily.com

Enquadramento histórico

A igreja Dominicana, a mais antiga do estilo gótico na Holanda, foi construída entre 1260 e 1294 para receber a Ordem dos Dominicanos.

Em 1494 o mosteiro aderiu ao movimento de reforma dos observadores dentro da ordem e em novembro de 1566 evitou uma iconoclastia¹⁰³ que viria a acontecer em 1577 quando mercenários alemães pilharam o mosteiro e a igreja e mataram alguns monges.

Em 1620 o mosteiro sofre obras de restauro que vieram corrigir os danos provocados pela invasão alemã quarenta e três anos antes.

103- Iconoclastia tem origem no grego *eikon* (ícone ou imagem) e *klastein* (quebrar) e significa quebrar imagens. É o nome dado a um movimento de contestação à veneração de ícones religiosos que surgiu no século VIII.

Resistiu à reforma das ordens religiosas nos séculos XVI e XVII e à tomada da cidade de Maastricht em 1632 pela Republica Protestante dos Países Baixos Unidos, e nos séculos XVII e XVIII volta a ser um dos principais mosteiros da Holanda.

Em 1794 o convento foi atacado pelas tropas francesas que danificaram todo o edifício, levando à expulsão dos monges e posterior ocupação pelos militares.

Três anos mais tarde, a igreja foi reaberta como edifício de culto, com a designação de igreja paroquial de Saint John Parish, porém, por pouco tempo, sendo usada como armazém da cidade a partir de 1805.

Em 1912, volta a sofrer profundas obras de restauro cujas intervenções visaram remover o portal barroco da fachada principal, proceder à restauração da fachada oeste em estilo puro gótico e remover as camadas de cal do interior do edifício, deixando a pedra à vista.

Em 1924 foi instalada a rede elétrica e dois anos mais tarde o edifício foi equipado com aquecimento central.

A partir de 1928, a igreja volta a ser usada como igreja paroquial e, por esse motivo, dois anos mais tarde foi construído um órgão que viria posteriormente a ser trasladado para outra igreja.

Novos usos

A igreja dominicana de Maastricht serviu a sua função enquanto templo religioso até 1794 (tendo voltado ao seu uso original algumas vezes, sem sucesso), quando foi cercada e danificada pelas tropas francesas. Passou a ser utilizada para fins militares depois de confiscada pelo exército francês. Após a sua partida, o edifício teve diversos usos. A partir de 1805, como referido acima, o edifício foi usado como armazém da cidade e escola. A partir de 1899, a igreja passa a exercer funções culturais, como local de concertos musicais e de exposições. De 1970 a 1978, o Departamento dos Arquivos da Cidade e a Biblioteca usaram o edifício como arquivo municipal. De 1978 a finais de 1979, a igreja foi utilizada como Sede dos Correios e, em 1980 transformou-se num salão de festas, e espaço de exposições. Funcionou, ainda, como garagem de bicicletas até ser comprado, em 2005, pelo grupo Beekhandels Groep Nederland para a construção de uma livraria.

O projeto, realizado pelo atelier de arquitetura Merx + Girod, partiu da construção de uma estrutura de ferro preto, que abraça as colunas de um dos lados da nave central e permite a instalação das estantes para os livros, mantendo as características espaciais da igreja. No lado oposto, mantém-se o pé direito original enfatizando a altura do edifício e permitindo a quem

sobe ao nível superior, ter a percepção da verdadeira monumentalidade deste espaço, e apreciar os frescos e as abóbodas de perto.

Esta estante de três pisos, apesar de ter dimensões bastante ostensivas que vão de encontro à monumentalidade da igreja, aparenta uma enorme leveza e transparência, devido às passagens criadas para os visitantes, à criação de perspetivas e ao uso de aço perfurado. Desta forma, permite disfrutar de uma nova forma de ver e utilizar o espaço, sem se impor a este e entrosando-se na arquitetura existente.

As instalações técnicas, armazéns e instalações sanitárias estão “escondidas” dos visitantes, num porão existente sob o coro e a iluminação foi incorporada na estante preta, de forma a manter o espaço o mais “clean” possível.

Na zona do altar, foi criado um café com uma mesa central em forma de cruz, iluminada por um enorme candeeiro circular suspenso.

A espacialidade da igreja e toda a poética do espaço conferem à livraria um ambiente e uma misticidade que a torna uma das mais belas e acolhedoras da era moderna.

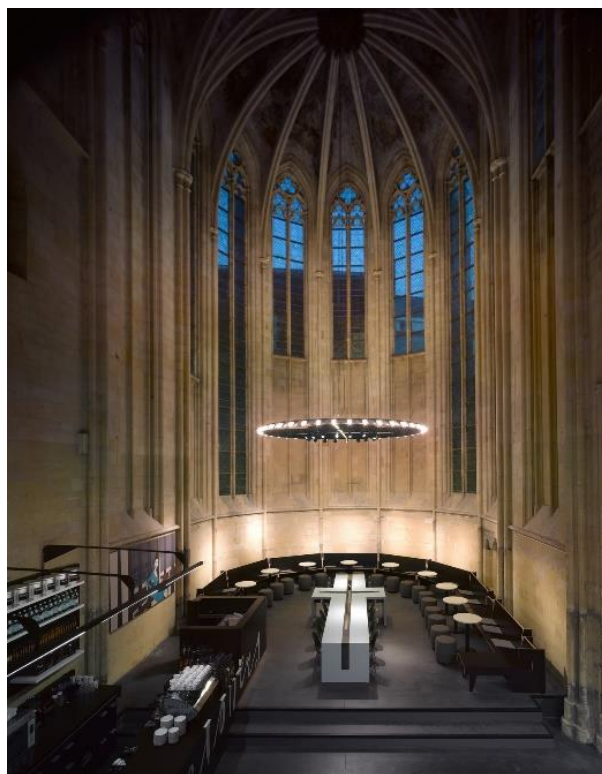


Figura 14: Altar da igreja, transformado em café, 2007
Fonte: Roos Aldershoff

5.1.3 Igreja de St. Jakobus, Holanda – Habitação



Figura 15: Interior da igreja, 2007
Fonte: Zecc Architecten, archdaily.com



Figura 16: Interior da igreja, 2009
Fonte: Zecc Architecten, archdaily.com

Enquadramento histórico

A igreja de St. Jakobus, com 475 m² de área, foi construída no estilo gótico, em 1870 pelo arquiteto Gerard Gerritsen, em Utrecht, na Holanda. Inicialmente, possuía uma torre sineira que teve de ser demolida em 1889, uma vez que começou a ceder por ser demasiado pesada para as fundações do edifício.

A igreja foi usada para realização do culto religioso até 1980, ano em que fechou portas aos fiéis devido aos elevados custos de manutenção do edifício.

Todo o recheio interior da igreja foi transferido para outros templos da paróquia e em 1991 o edifício foi vendido a um privado.

Novos usos

Desde 1991 até ao ano de 2007 o edifício da igreja deu lugar a novos usos como sala de exposição de móveis antigos, sala de conferências e sala de concertos. Foi sujeita a diversas manutenções a nível estrutural e de conforto do espaço interior, sendo a mais importante a construção de uma mezzanine em aço que veio quebrar a noção de unidade espacial interior.

Em 2007, a igreja foi vendida a outro particular e em 2009 transformada em habitação unifamiliar pelo atelier de arquitetura Zecc Arquitetos e o arquiteto de interiores Thomas Haukes.

A mezzanine construída nos anos 90, foi o ponto de partida para a realização do projeto de interiores. Por forma a melhorar as qualidades espaciais da igreja, este elemento foi modificado, permitindo a divisão de espaços e uma melhor penetração de luz no piso térreo, através da criação de “pátios” interiores. Os espaços de circulação desenvolvem-se através do edifício, ligando a parte da frente da igreja à parte de trás, onde antes estava o altar, criando momentos distintos, nos quais se dá primazia ora à monumentalidade da igreja antiga, ora à contemporaneidade do edifício.

Na fachada do altar, foram rasgados três novos vãos que permitem uma relação direta do interior da habitação com o jardim exterior e uma maior entrada de luz. Para reforçar a iluminação natural, os vitrais coloridos desta fachada foram substituídos por vidro transparente. Os restantes vitrais foram mantidos, bem como o piso de madeira e as portas originais.

Os materiais utilizados na construção das divisões interiores da antiga igreja são maioritariamente aço, madeira e vidro que se integram na perfeição com os elementos históricos, criando uma agradável fusão entre o antigo e o moderno.

As intervenções, extremamente bem realizadas, no interior deste edifício permitem que o mesmo possa, futuramente, voltar ao seu uso inicial com as mesmas características espaciais da igreja que outrora foi.



Figura 17: Altar transformado em sala de jantar, 2009
Fonte: Zecc Architecten, archdaily.com

5.2 Nacionais

Após analisarmos diversos casos de igrejas convertidas a novos usos, a nível nacional, apresentaremos três exemplos que consideramos serem bem conseguidos, quer pela diversidade de usos, quer pela forma positiva como foram arquitetonicamente intervencionados.

São eles:

5.2.1 COLÉGIO DE SANTIAGO MAIOR DA COMPANHIA DE JESUS – TEATRO

Local: Faro

Arquiteto: Justino Cúmano (não sendo arquiteto, foi o responsável pelas obras de adaptação da igreja em teatro)

Ano do projeto: 1845

5.1.2 IGREJA DA MISERICÓRDIA – CINETEATRO

Local: Moura

Arquiteto: Gabinete de Apoio Técnico de Moura

Ano do projeto: 1989 a 1992

5.2.3 IGREJA DE SÃO JULIÃO – MUSEU DO DINHEIRO

Local: Lisboa

Arquiteto: Gonçalo Byrne e João Pedro Falcão de Campos

Ano do projeto: 2007

5.2.1 Colégio de Santiago Maior da Companhia de Jesus – Teatro



Figura 18: Fachada principal, ano desconhecido
Fonte: Seraphim, Câmara Municipal de Faro



Figura 19: Fachada principal, 2005
Fonte: SIPA

Enquadramento histórico e novos usos

O Colégio de Santiago Maior foi fundado, nos finais do século XVI, pelo bispo do Algarve D. Fernando Mascarenhas. Era um colégio Jesuíta de grandes dimensões, que englobava uma cerca para cultivo de cereais, uma nora e um conjunto de outras construções.

Em 1759, a Companhia de Jesus foi extinta e banida do país e o colégio fechou as portas, passando para a posse dos Padres Marianos. Na primeira década do século seguinte, as dependências do colégio são usadas como quartel pelas tropas do General Junot.

Em 1843, o conjunto arquitetónico é levado a hasta pública e arrematado por Lázaro Doglioni¹⁰⁴ que tinha a intenção de transformar o antigo colégio num teatro ao estilo italiano. Dois anos mais tarde, terminam as obras de adaptação da capela em sala de espetáculos e o teatro é inaugurado com o nome Teatro Lethes¹⁰⁵.

Em 1860, a capacidade da sala que era constituída apenas pela plateia e duas galerias de camarotes é ampliada para 621 espetadores, tendo a capacidade da plateia aumentado para 215 lugares, os camarotes passaram de duas galerias a quatro e foi construída uma varanda com capacidade para 100 pessoas. Foi, ainda, projetada uma caixa de ressonância abobadada que melhorou a acústica da sala.

104 – Médico Italiano que se radicou em Faro no séc. XIX. Apresentava grande interesse pela arte, em específico pelo teatro.

105 - Nome de um rio mítico, cuja água tinha o poder de apagar das almas as lembranças das agruras da vida.

O teatro encerra em 1901 e, cinco anos mais tarde iniciam-se as obras de restauro que se prolongaram por mais dois anos, tendo o espaço sido recuperado e redecorado pelo pintor José Porfírio. Estas obras visaram melhorar a acústica do teatro, aumentar o conforto da plateia e dos camarotes, decorar os tetos com pinturas representativas de cenas musicais e colocar um pano na boca de cena com uma paisagem bucólica representada.

No final de 1998, o teatro é encerrado por problemas estruturais na cobertura e paredes, tendo as obras de consolidação e restauro durado até ao ano de 2001, voltando a abrir portas com uma programação diversificada.

A planta do edifício é composta por três retângulos articulados, correspondendo o retângulo central à antiga igreja e os laterais às dependências conventuais e colegiais. O auditório, os espaços cénicos e técnicos e os foyers instalaram-se no volume com o maior pé direito, o da igreja. A nave deu lugar à plateia e camarotes, no lugar do coro nasceu o palco cuja boca de cena se encontra no alinhamento do arco toral abatido que demarcava a separação entre coro e nave, na capela mor e sacristias encontram-se os foyers e os acessos por escadas aos camarotes. Todos os restantes espaços de apoio ao público e ao palco encontram-se distribuídos pelos pisos zero da ala norte e sul. A abóboda de berço da nave da igreja e os arcos da capela mor e do coro alto foram ocultados pela cobertura de madeira do agora auditório.



Figura 20: Plateia, frisas e camarotes de primeira ordem, 2005
Fonte: SIPA

5.2.2 Igreja da Misericórdia - Cineteatro



Figura 21: Auditório, 1926
Fonte: D.R., Câmara Municipal de Moura



Figura 22: Auditório, 2017
Fonte: D.R., Câmara Municipal de Moura

Enquadramento histórico

A igreja da Misericórdia, sita em Moura, no Alentejo, foi construída em 1579 e integrava um pequeno convento localizado no centro da vila.

O interior da igreja era composto por uma nave com 21 metros de comprimento e 8 de largura e pela capela-mor com 6 metros de largura por 4 e profundidade, ambas com uma cobertura abobadada que se mantém até hoje, e dois arcos que seccionavam a nave no seu comprimento. Existia, ainda, um coro sustentado pelo primeiro arco da capela, na extremidade oposta à localização da sacristia e o altar era elevado em relação ao resto da igreja, e possuía uma tribuna dos mesários.

Novos usos

Não há certezas no que à data de transformação da igreja em cineteatro diz respeito, sendo apontadas várias datas por diversos autores. Na memória descritiva da última intervenção¹⁰⁶ refere-se o ano de 1846, mas Luís Soares Carneiro¹⁰⁷ afirma que a adaptação do espaço ocorreu entre 1860 e 1866 e José António de Oliveira Correia¹⁰⁸ diz que o cineteatro existe desde 1926. Porém, a primeira notícia que saiu sobre a existência de um teatro público em Moura, data de 1866 publicada no “Mappa dos teatros do reino considerados públicos”. Aqui, referia-se que o teatro possuía uma plateia de 104 lugares e uma galeria com 136 lugares, num total de 240 assentos.

Após a mudança de uso, e como é habitual quando as igrejas se transformam em salas de espetáculos o altar deu lugar ao palco, mas de uma forma muito rudimentar, sendo utilizado um estrado elevado a servir de piso, sem qualquer apoio à cena como camarins, ombros ou teia. O coro alto, situado em cima da entrada principal da igreja, transformou-se em galeria acessível por uma escada.

No séc. XX, o então teatro sobre obras de remodelação. Foi construído um balcão, encerrada a porta da fachada principal por forma a possibilitar a construção de uma cabine de projeção, e a entrada passa a ser feita por portas abertas na fachada lateral. Foram fechados outros vãos entre os contrafortes que permitiram a instalação da bilheteira e arrecadações. No lado do palco, foram criados novos compartimentos para assegurar um aumento do programa e criar saídas de emergência. Estas últimas remodelações vieram alterar a estrutura original da igreja.

Em 1992, o agora cineteatro, volta a sofrer obras de remodelação que lhe atribuíram as características atuais. Aqui, o acesso volta a ser feito pela antiga porta principal localizada na fachada posterior e são fechados outros vão que haviam sido abertos na reabilitação anterior. As escadas de acesso ao palco foram redesenhadas e foram construídas outras de acesso ao piso superior. As dependências de apoio à sala de espetáculo, sofreram alterações libertando o espaço e criando áreas de convívio e de ensaios. O balcão em forma de U foi alterado, deixando de ser de madeira e passando a ser em betão.

106 – Memória descritiva do projeto base de remodelação do Cineteatro Caridade, Moura, 1991. pág.7.

107 – Carneiro, Luis Soares, Teatros Portugueses de Raiz Italiana, Porto: Faculdade de Arquitetura, 2002, 2ª vol. Tese de Doutoramento, pág. 407 – vol. 1

108 – Correia, José António de Oliveira, Moura: Culturas e Mentalidades. Moura: Câmara Municipal de Moura 1997, pág. 54

Figura 23: Edifício do
Cineteatro, 1990
Fonte: SIPA

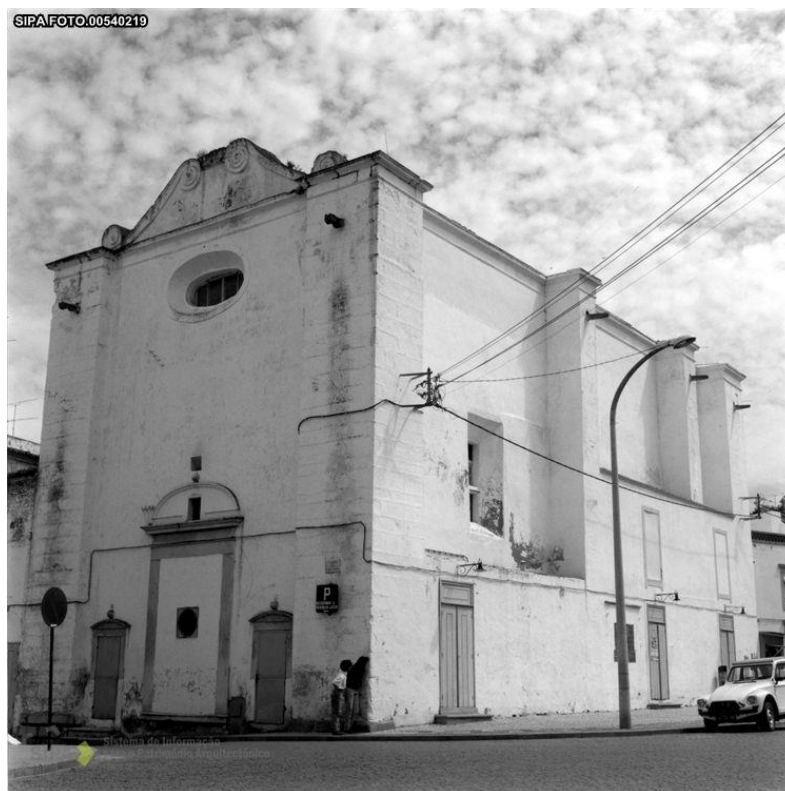


Figura 24: Edifício do
Cineteatro, 1991
Fonte: SIPA



5.2.3 Igreja de São Julião – Museu do Dinheiro



Figura 25: Capelas laterais, 1961
Fonte: Mário Costa, Arquivo Municipal de Lisboa



Figura 26: Capelas laterais, 2013
Fonte: José Manuel Rodrigues, archdaily.com

Enquadramento histórico

A igreja de São Julião, sita em plena Baixa Pombalina da cidade de Lisboa, foi construída, originalmente no século XIII, no cruzamento da Rua de São Julião com a Rua Augusta. Após a sua destruição causada pelo terramoto de 1755, foi reconstruída no local onde se encontrava, anteriormente, a igreja Patriarcal de D. João V. que também fora destruída pelo terramoto.

Em 1816, a igreja de São Julião, cujas obras de reconstrução haviam terminado seis anos antes, viu o seu interior consumido por um incêndio, tendo sido submetida a novas obras de reabilitação que se prolongaram até 1854.

Em 1933, o Banco de Portugal, após negociações com a Arquiconfraria de São Julião, comprou a igreja e respetivos anexos.

Cinco anos depois, o arquiteto Porfírio Pardal Monteiro elaborou um anteprojecto que visava substituir a igreja e respetivos anexos por um único prédio, que foi submetido, pelo Banco de Portugal à Câmara Municipal de Lisboa, obtendo resposta negativa.

Entre 1965 a 1970, foram elaborados dois projectos de aproveitamento do espaço que propunham a elevação de mais um piso e a demolição da antiga igreja para integrar esta zona num edifício único, como já havia sido proposto, mas recusado anteriormente. Ambas as propostas foram aprovadas em 1971 e 1973, respetivamente, com a condição de as pedras da igreja serem numeradas para posterior reedificação noutra local. Porém, após a revolução de 25

de Abril de 1974, a Câmara Municipal deu ordens para que as obras de destruição da igreja fossem suspensas.

Em 2007 é iniciado o projeto de reabilitação e restauro do edifício.¹⁰⁹

Novos Usos

Após a venda da igreja ao Banco de Portugal e posterior deferimento do anteprojeto da autoria do arquiteto Porfírio Pardal Monteiro, pela Câmara Municipal de Lisboa, a igreja e os seus anexos foram utilizados como áreas técnicas, casas fortes, arquivo e estacionamento. Os carros entravam pela porta principal e estacionavam na nave da igreja. Serviu, também, para cargas e descargas de materiais, equipamentos e pessoas, realizados por veículos motorizados.

Em 2007 é realizado o projeto que visa converter a igreja em museu e o restante conjunto arquitetónico envolvente em áreas de trabalho do Banco de Portugal.

Em 2012 terminam as obras e o edifício é reocupado. Dois anos mais tarde, abre ao público o Núcleo de Interpretação da Muralha de D. Dinis, datada do século XIII e, só em 2016 o Museu do Dinheiro que veio ocupar o espaço da antiga igreja.

O projeto de remodelação do edifício sede do Banco de Portugal parte do conceito do edifício-quarteirão que “integrando a igreja de S. Julião, não compromete a sua presença unitária; a importância da cenografia facial das fachadas e respetiva hierarquia; e a relevância da presença do saguão longitudinal no funcionamento e articulação de todo conjunto”.¹¹⁰

A intenção do projeto é desvendar e enfatizar os fantásticos espaços da igreja e a sua comunicação com o saguão do quarteirão que, numa sequência de espaços vazios de proporções notáveis formam a espinha dorsal do edifício. Adoçadas a este eixo longitudinal, demarcado pela sequência espacial da entrada da igreja, nártex, nave, altar-mor e ligação axial ao saguão, desenvolvem-se as circulações verticais (escadas e elevadores).

A nave central da igreja foi deixada espacialmente semelhante à original, com toda a área desafogada, proporcionando as condições ideais para a realização de atividades representativas e culturais. Este espaço funciona como uma grande sala de visitas do edifício da Sede do Banco de Portugal, e como espaço cultural polivalente. O Museu do Dinheiro encontra-se instalado no espaço envolvente à nave central da igreja, inclusive nas capelas laterais, cujos

109 – Informação disponível no site do arquiteto João Falcão de Campos. Consultado online em <https://www.falcaoedecampos.pt> a 10 de Janeiro de 2019.

110- Descrição enviada pela equipe de projeto publicada no site Archdaily. <https://www.archdaily.com.br/br/764156/remodelacao-do-edificio-sede-do-banco-de-portugal-goncalo-byrne-arquitectos-plus-joao-pedro-falcao-de-campos>, acedido a 2 de novembro de 2018.

danos provocados pela anterior instalação de casas-fortes, antes do restauro, eram bastante significativos.

Como forma de delimitar e corrigir acusticamente os espaços da igreja e do museu, a artista plástica Fernanda Fragateiro concebeu um conjunto de cortinas e panos de pura seda dourada e prateada pintados à mão com reproduções originais do Livro do Desassossego do heterónimo de Fernando Pessoa, Bernardo Soares. Estes elementos atribuem ao espaço uma materialidade e uma sensação de conforto leveza e calor que contrastam com o peso, opacidade e frio da pedra.

De uma forma geral, o conjunto arquitetónico foi bastante valorizado, tirando-se partido da pedra lioz como matéria natural com as suas tonalidades e texturas diferentes, assumindo os seus defeitos e danos causados pelo passar do tempo, como um testemunho da “vida” do edifício.¹¹¹

“Acima de tudo, procurou-se alcançar uma harmonia e um equilíbrio global, utilizando todas as técnicas disponíveis: conservação, reparação, restauro, reconstrução e renovação.”¹¹²



Figura 27: Antigo altar-mor, 2013
Fonte: José Manuel Rodrigues, archdaily.com

111 - Informação disponível no site do arquiteto João Falcão de Campos. Consultado online em <https://www.falcaoedecampos.pt> a 10 de Janeiro de 2019.

112 - Descrição enviada pela equipe de projeto publicada no site Archdaily.
<https://www.archdaily.com.br/br/764156/remodelacao-do-edificio-sede-do-banco-de-portugal-goncalo-byrne-arquitectos-plus-joao-pedro-falcao-de-campos>, acedido a 2 de novembro de 2018.

6.1 Enquadramento

1.1 A igreja na cidade – Lisboa como cenário

A igreja “constitui uma rotura de nível no espaço profano de uma cidade moderna”¹¹³, como refere Eliade na sua obra “O Sagrado e o Profano”¹¹⁴. É um ponto de diferenciação na malha urbana de qualquer cidade que mantém o seu entorno purificado.

Para melhor entendermos de que forma a igreja se enquadra na cidade, iremos recuar nos séculos para tentar perceber qual a posição que os templos ocupavam nas cidades antigas.

À medida que formos desenvolvendo este tema, faremos uma aproximação à cidade de Lisboa, onde a nossa proposta está localizada.

Começemos, então, por falar no Templo, em Jerusalém. Este era um elemento central na cidade, sendo considerado um *imago mundi*¹¹⁵ que se manifestava no homem como uma referência cosmológica¹¹⁶ com capacidade para organizar e estabilizar todo o sistema habitacional.

E era assim que o edifício religioso se apresentava na urbe, como um ponto central da vida comunitária a partir do qual a cidade se desenvolvia. Esta centralidade era definida por uma manifestação de transcendência que iria definir o local onde a igreja se iria instalar permitindo a comunicação entre o céu e a terra e, a partir dela, o desenvolvimento da cidade.

No meio de toda a urbe, de todo o caos, de todo o profano que é a própria cidade¹¹⁷, havia uma ou outra igreja que permitiam a presença do sagrado, marcando um ponto de rutura na paisagem urbana.

Porém, e com o avançar dos tempos, a Igreja perdeu a importância e imponente que tinha e começa a ter a mesma importância e hierarquia que os demais edifícios. Podemos verificar isto na baixa pombalina de Lisboa, onde as igrejas têm a mesma cénica que os edifícios que as ladeiam e se camuflam nas fachadas. Isto deve-se, sobretudo, ao facto de a função se sobrepor à simbologia, mas também à valorização de cada edifício de forma individual, ao desinteresse pela arquitetura representativa e à falta de interesse ou respeito pela história e cultura do lugar.

113 – Eliade, M. O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões. Lisboa, Livros Brasil, 1962. Pág. 39

114 - Eliade, M. O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões. Lisboa, Livros Brasil, 1962.

115 – O templo era um *imago mundi*, ou seja, situava-se no centro do mundo, santificando o Cosmos como um todo, mas também o Tempo;

116 – “Toda a morada se situa perto do *axis mundi*, pois o homem religioso só pode viver implantado na realidade absoluta” (Eliade, 2012, 1992. Pág. 52).

117 – Eliade, M. O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões. Lisboa, Livros Brasil, 1962. Pág. 39

Em 1965, o Concílio do Vaticano II não definiu de forma clara as regras gerais da construção de edifícios religiosos e da sua relação com o espaço envolvente, permitindo a eliminação de determinados elementos espaciais que atribuíam um carácter particular e específica ao espaço sagrado, dando liberdade aos arquitetos de interpretar e desenvolver os seus projetos de acordo com as tendências da época.¹¹⁸

A secularização é um dos principais fatores desta nova forma de entender e fazer arquitetura religiosa. O facto de a religião estar em progressiva desvalorização¹¹⁹ faz com que, por conseguinte, os edifícios religiosos percam a sua importância enquanto ponto central e dinamizador da cidade, e por este motivo deixem de se articular da mesma forma com o espaço público e passem a ser condicionados pela malha urbana.

Como forma de tentar contrariar esta realidade, começaram a ser projetados complexos paroquiais onde, além da igreja, se articulavam diversos serviços comunitários, que tinham como objetivo levar as pessoas a vivenciarem aquele espaço. Porém, e apesar de as pessoas começarem a utilizar esses espaços, esta medida não resultou no que à relação da igreja com a cidade respeita, uma vez que os serviços ali localizados, formalmente, não tinham a simbologia necessária para se imporem e afirmarem na cidade.

No caso da cidade de Lisboa, antiga Olisipo¹²⁰ as igrejas encontram-se distribuídas por toda a malha urbana, afirmando-se de forma mais, ou menos imponente.

Ao longo dos séculos, na cidade de Lisboa, foram construídas igrejas de diversos estilos arquitetónicos. Seria de esperar que a mais antiga remontasse ao período da ocupação romana que se manteve por cinco séculos¹²¹, porém dessa época não restaram vestígios arqueológicos de nenhum templo. Assim, a igreja mais antiga e ainda de pé¹²², remonta ao séc. XII - a Igreja de São Brás e Santa Luzia, construída dentro da cerca moura¹²³, num ponto alto da cidade, era, inicialmente, uma igreja fortaleza sobre o lado oriental de Lisboa que após o terramoto de 1755, depois de já ter sofrido várias intervenções e reabilitações advindas de outros eventos catastróficos de menores dimensões, apresentava uma arquitetura chã de linhas simples e inspiração clássica. Possui planta em cruz latina com uma única nave, capela-mor e dois altares colaterais.¹²⁴

118 – ZANON, Darlei. Para ler o Concílio do Vaticano II. Lisboa: Paulus, 2012.

119- FERNANDES, António Teixeira - Formas de Vida Religiosa nas Sociedades Contemporâneas. Oeiras: Celta, 2001, pág.1-17

120 – Designação inicial da cidade de Lisboa.

121 – Embora não se consiga precisar a data da conquista de Olisipo pelos romanos, sabe-se que esta aconteceu após as guerras púnicas, que aconteceram entre 264 a.C. e 146 a.C..

122 – Segundo informação presente no site oficial da Câmara Municipal de Lisboa. Consultado a 8 de setembro de 2018.

123 – Terá sido construída pelos Mouros, após ocuparem o território de Lisboa, entre os inícios do século X e 1147, quando as tropas de D. Afonso Henriques tomaram a cidade aos Mouros.

124- SANTA CATARINA, Frei Lucas de. Memória da Ordem Militar de S. João de Malta. Lisboa 1734. Pág. 269 a 271



Figura 28: Fachada principal da igreja de São Brás e Santa Luzia, 1961
Fonte: Arnaldo Madureira, no Arquivo Municipal de Lisboa



Figura 29: Fachada da igreja de São Brás e Santa Luzia, 1998.
Fonte: SIPA

Outra das igrejas mais antigas da cidade, cuja construção se iniciou na segunda metade do séc. XII e terminou no séc. XIII é a Sé de Lisboa, construída, também, dentro da Cerca Moura onde outrora fora uma mesquita.

A construção original, de estilo românico, era muito semelhante à da Sé de Coimbra, sendo composta por três naves, um trifório, um transepto saliente e cabeceira tripartida. Porém, foi sendo acrescentada e remodelada ao longo dos séculos, acabando por se tornar como a conhecemos atualmente, numa mistura de estilos arquitetónicos.¹²⁵

A primeira grande destruição da Sé aconteceu em 1344, após um terramoto que foi sentido na cidade e que obrigou a realização da primeira reabilitação do edifício. Mais tarde, no século XV, é novamente atingida por um sismo e voltou a ser remodelada. Mas é em 1755 que a Sé de Lisboa é alvo de uma grande destruição, aquando do grande terramoto sentido na cidade e posterior incêndio que deixou a igreja em ruínas. É então sujeita a mais uma reconstrução que se iniciou dois anos mais tarde, de forma pouco cuidada e muito apressada. Só no século XX é que o monumento viria a ser cuidadosamente reabilitado, inicialmente sob os comandos de Augusto Fuschini¹²⁶ que pretendia atribuir à Sé um carácter medieval com apontamentos neogóticos e neoclássicos, e nas

125 – Informação consultada no site do SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitetónico e em <http://www.historiadeportugal.info> a 6 de janeiro de 2019.

126 – Augusto Fuschini foi engenheiro civil, vogal do Conselho dos Monumentos Nacionais, ministro do estado honorário, conselheiro de estado e deputado. Nasceu em Lisboa em 1843 e faleceu em 1911.

décadas seguintes à morte deste, as obras foram comandadas pelo arquiteto António do Couto Abreu que privilegiou o pré-existente, dando ao edifício um aspeto neorromânico.



Figura 30: Fachada da Sé de Lisboa no séc. XIX

Fonte: Salema, ca 18



Figura 31: Fachada da Sé de Lisboa com as obras de Fuschini, 1910

Fonte: SIPA



Figura 32: Fachada da Sé de Lisboa, 2012

Fonte: Diogo Delso, Google.com

Estas duas igrejas são monumentos robustos, imponentes e arquitetonicamente muito apelativos e, como muitas das igrejas existentes na cidade, marcam um ponto de rutura na própria urbe, enquanto outras se confundem com os restantes edifícios devido à sua arquitetura despida de ornamentos ou da monumentalidade dos grandes templos, sendo reconhecidas apenas pelos seus pórticos de maior escala que os demais edifícios. Entre as dezenas de igrejas existentes no concelho de Lisboa, podemos encontrar alguns casos destes na Baixa da cidade.

Segundo os dados fornecidos pelo Patriarcado de Lisboa¹²⁷, o concelho possui 69 igrejas paroquiais e 46 não paroquiais dependentes das paróquias ou das Irmandade, num total de 115 igrejas.



Figura 33: Vista aérea de Lisboa, onde podemos perceber a proximidade das duas igrejas.

1- Igreja de São Brás e Santa Luzia.

2- Sé de Lisboa

Fonte: SIPA, editada pelo autor

127 – Contacto realizado em agosto de 2018, via email, com o Padre Tito, da Vigararia Geral do Patriarcado de Lisboa.

6.1.1 Bairro Alto – Enquadramento da igreja dos Fiéis de Deus na cidade

É em pleno coração do Bairro Alto que se localiza a igreja dos Fiéis de Deus, edifício que se pretende intervencionar e, por esse motivo, iremos fazer um enquadramento deste bairro sito na cidade de Lisboa.

O Bairro Alto nasceu na época quinhentista, nos limites da muralha Fernandina, quando a Lisboa intramuralhas estava sobrelotada por uma população oriunda das mais diversas partes do mundo, devido ao crescimento do comércio marítimo de então. Esta sobrelotação que se verificava nos finais do século XV, princípio do século XVI obrigou à expansão da cidade além das suas muralhas. Este processo iniciou-se com a deslocação da Corte do Castelo de São Jorge para o Terreiro do Paço, onde foi construído um conjunto de edifícios ostensivos que dariam origem ao novo palácio da Corte, o Paço da Ribeira. Este novo complexo edificado veio alterar por completo a estrutura urbana de Lisboa, criando uma nova centralidade entre o Terreiro do Paço e o Rossio, que permitiu a extensão da cidade para ocidente graças, também, à construção de novos aterros.

Em 1513¹²⁸, fruto deste desenvolvimento urbanístico, começa a construir-se um bairro chamado de Vila Nova de Andrade¹²⁹ que rompeu com as regras do urbanismo medieval e trouxe à cidade uma revolução e inovação na forma de desenhar e construir a cidade. Os novos princípios arquitetónicos e urbanísticos postos em prática na construção deste bairro prendiam-se com a ortogonalidade do traçado das ruas que se hierarquizavam e criavam quarteirões que se mostravam fundamentais na organização do espaço. As ruas principais eram largas e perpendiculares ao rio e as travessas mais estreitas e paralelas a este.¹³⁰

Este novo bairro, situado entre as Portas de Santa Catarina¹³¹ e o aglomerado urbano Cata-Que-Farás¹³², pela sua localização, depressa se tornou um lugar de eleição das gentes ligadas ao mar e ao comércio marítimo.

Mais tarde, em meados do século XVI, inicia-se uma segunda fase de construção e crescimento do bairro, devido ao aumento de habitantes. O centro do bairro desloca-se da Vila Nova de Andrade para a zona alta que passa a ser chamada de Bairro Alto de S. Roque. Em 1553,

128 - CASTILHO, Júlio de. Lisboa Antiga. O Bairro Alto. Vol. I. Lisboa: Oficinas Gráficas da CML, 1954. Pág. 84

129 - Nome da família que permitiu a construção do atual Bairro Alto.

130 - CASTILHO, Júlio de. Lisboa Antiga. O Bairro Alto. Vol. I. Lisboa: Oficinas Gráficas da CML, 1954. Pág. 85 a 87

131 - Localizadas na zona do Largo do Chiado, as Portas de Santa Catarina eram ladeadas por duas grandes torres que foram demolidas para dar lugar às igrejas da Encarnação e do Loreto

132 - Cata-Que-Farás, atual Cais Sodré, era um pequeno povoado de pessoas ligadas ao mar que começaram a instalar-se em habitações feitas diretamente no areal do Tejo.

os Jesuítas instalaram-se ali¹³³ e, de certa forma, devido à sua influência cultural e política possibilitaram o contínuo crescimento urbanístico do bairro. Instalaram-se na igreja existente no Alto de São Roque¹³⁴ que serviu de referência para a construção da Rua Larga de São Roque¹³⁵ que viria a tornar-se o eixo organizador do Bairro Alto de S. Roque.

Nesta altura, a população do Bairro começa a mudar. A nobreza e a burguesia começam a instalar-se por todo o bairro e começam a surgir palacetes e casas senhoriais que respeitam a linguagem arquitetónica e urbanística do bairro, mantendo as cercas das habitações populares existentes, por forma a manter a harmonia do conjunto.¹³⁶

Em 1755, o terramoto que destruiu Lisboa não afetou significativamente o Bairro Alto. As normas de construção impostas pela realza aquando da edificação do bairro, que ordenavam a construção em paredes grossas de alvenaria e com uma baixa cerca, permitiram que o Bairro Alto fosse pouco afetado quer pelo terramoto quer pelo incêndio que se lhe seguiu, tendo sido atingido apenas nos limites sul e nascente.

Após este desastre, a cidade precisava de ser reerguida e, todos os edifícios afetados pelo terramoto reconstruídos nos limites do bairro, acabaram por isolá-lo do resto da cidade, servindo quase como muralha psicológica. Ou seja, as vias que circundavam o bairro e o delimitavam¹³⁷ foram alargadas e nelas foram construídos edifícios pombalinos que criavam uma barreira física entre o Bairro Alto e a restante cidade.

Já no século XIX, são construídas praças e jardins adjacentes ao Bairro que lhe vêm trazer um certo desafogo, descomprimindo o seu exterior e demarcando ainda mais a privacidade do seu interior. Surge a Praça Luís de Camões, o Miradouro de São Pedro de Alcântara e o Jardim do Príncipe Real. Também na primeira metade deste século, começamos a assistir a uma densificação gradual do Bairro Alto que se torna ainda mais atrativo para a classe média e alta burguesia. Os lotes quinhentistas substituídos por edifícios pombalinos ou tardo pombalinos são aproveitados e começam a crescer em altura, começando também, a utilizar-se as águas furtadas para habitação. É nesta época que o clima artístico, intelectual e político ganha mais força no bairro. A imprensa instala-se nos seus palacetes, e o fado nos seus bordéis, tornando o Bairro Alto um lugar cada vez mais homogéneo.

No século XX, com o surgimento do Estado Novo, o ambiente no bairro mudou, sobretudo devido à censura que afetava diretamente os jornais e coibia os artistas e intelectuais de se reunirem tranquilamente nas tascas e botecos para discutir abertamente os mais variados

133 – CASTILHO, Júlio de. Lisboa Antiga. O Bairro Alto. Vol. I. Lisboa: Oficinas Gráficas da CML, 1954. Pág. 74

134 – A igreja de São Roque foi mandada construir por D. Manuel, em 1506, em louvor ao santo protetor contra a peste. As relíquias de São Roque foram oferecidas por Veneza a Lisboa, e guardadas nesta igreja, no ano em que a peste atacou violentamente a cidade.

135 – Atual Rua da Misericórdia, ligava o alto da colina às portas de Santa Catarina.

136 – CASTILHO, Júlio de. Lisboa Antiga. O Bairro Alto. Vol. I. Lisboa: Oficinas Gráficas da CML, 1954. Pág. 88 e 89

137 – Rua da Misericórdia, Rua de O Século e Calçada do Combro

assuntos. Isto fez com que o caráter fechado do Bairro Alto se acentuasse e se fixasse nele uma população mais pobre e marginal.

A verdade é que se passaram mais de 500 anos desde o nascimento do Bairro Alto e, embora as suas gentes e respetivas vivências se fossem moldando ao longo dos tempos, a sua estrutura urbana e social não sofreu alterações desde a sua construção até aos dias de hoje. Em contrapartida, alguns edifícios foram sofrendo alterações arquitetónicas, como é o caso da igreja dos Fiéis de Deus, como iremos verificar no capítulo seguinte.



Figura 34: Mapa do Bairro Alto, com localização do edifício a ser intervenção

Fonte: SIPA, com alterações executadas pelo autor

6.1.2 Igreja dos Fiéis de Deus – Habitação



Figura 35: Igreja dos Fiéis de Deus, 1948

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



Figura 36: Igreja dos Fiéis de Deus, 2018

Fonte: Do autor

Enquadramento histórico

A Ermida dos Fiéis de Deus foi fundada, em 1551, por Afonso Brás, de quem pouco ou nada se conhece, como local de culto dedicado às almas do purgatório, como é possível ler na lápide colocada na parede do lado esquerdo da entrada da atual capela.¹³⁸

Foi construída numa encruzilhada com a fachada principal voltada a poente, onde outrora existira um cemitério no qual eram sepultados os criminosos que, ainda que tivessem cumprido a pena, não tinham direito a sepultura em chão cristão, dentro dos muros da cidade. As pessoas que passavam por este caminho, tinham o hábito de atirar pedras ou terra sobre as

138 – CASTILHO, Júlio de. Lisboa Antiga. Bairro Alto. Vol. III. Lisboa: Oficinas Gráficas da CML, 1956. Pág. 235 a 236

sepulturas e rezar pelas almas dos então denominamos “Fiéis de Deus”. Pedras essas que viriam a ser usadas na construção da ermida.¹³⁹

Após a morte do seu fundador, o edifício passa a ser administrado pelas sobrinhas de Afonso Brás e após a morte destas, pela Misericórdia.¹⁴⁰ Foi neste momento que os devotos de Nossa Senhora instituíram a Irmandade de Nossa Senhora da Ajuda e Santos Fiéis de Deus, que ainda existe atualmente.

Em 1690, a Irmandade estava reduzida a dois membros e a o edifício da ermida a necessitar de obras de reabilitação. Estas, são realizadas por ordem do padre Gil Lourenço que mandou construir a capela mor e respetivo arco em talha dourada, revestir as paredes de azulejos até meio acima dos quais pendurou dois quadros a óleo de Bento Coelho da Silveira que representavam cenas da vida da Virgem Maria.

Em 1755, o terramoto danificou profundamente a igreja, o que levou a uma reedificação integral da mesma.

O novo edifício é construído respeitando a malha ortogonal quinhentista do Bairro Alto, mas a sua construção remete para uma realidade rural de tradição medieval que se manteve após a estruturação do novo bairro, convivendo com a realidade envolvente que assentava nos princípios de modernidade urbanística. Aquando da reconstrução, a fachada principal deixa de ser a poente e passa a ser orientada a nascente, tal como a conhecemos atualmente.

No lado oposto à atual porta principal da igreja, por trás do altar, encontra-se a antiga casa do ermitão¹⁴¹, com acesso exterior pela fachada lateral e acessível, também, pela sacristia. Neste local, funcionou um albergue que acolhia os meninos perdidos que, ao serem encontrados sem os pais, eram levados e mantidos nestas instalações até algum familiar ir à sua procura.

Desde a sua construção, no século XVI, a igreja foi sofrendo diversas alterações. Até 1837, possuía um adro¹⁴² elevado na rua bastante estreita, dificultando o acesso à mesma. Por esse motivo, nesse mesmo ano, o município ordenou a demolição do adro, o que obrigou a uma adaptação da igreja à cota da rua. Assim, a fachada principal sofreu alterações, tendo sido rebaixada através de acrescentos que podem ser observados nas ombreiras da porta, soco e cunhal a sul, e a criação de dois degraus que vencem a cota da rua e a do piso da igreja. E foi assim que se manteve até aos dias de hoje (séc. XXI), com uma fachada despojada e o interior de pequenas dimensões, com nave única e pequenos altares laterais recortados nas paredes.

139 - CASTILHO, Júlio de. Lisboa Antiga. Bairro Alto. Vol. III. Lisboa: Oficinas Gráficas da CML, 1956. Pág. 235

140 - CASTILHO, Júlio de. Lisboa Antiga. Bairro Alto. Vol. III. Lisboa: Oficinas Gráficas da CML, 1956. Pág. 236

141 - CASTILHO, Júlio de. Lisboa Antiga. Bairro Alto. Vol. III. Lisboa: Oficinas Gráficas da CML, 1956. Pág. 231

142 - CASTILHO, Júlio de. Lisboa Antiga. Bairro Alto. Vol. III. Lisboa: Oficinas Gráficas da CML, 1956. Pág. 238

Novo uso

Tal como se tem verificado por toda a Europa na última década, Portugal não é exceção no que ao decrescer do número de fiéis a frequentar a igreja respeita.

Aquando da nossa deslocação à igreja dos Fiéis de Deus, fomos informados por Fernando Oliveira¹⁴³, responsável pela administração do edifício, que o número de missas semanais foi reduzido de duas para uma, e a quantidade de pessoas que frequentam as mesmas decresceu abruptamente. Atualmente, a igreja abre portas ao culto às sextas-feiras, pelas 17 horas e os bancos que outrora eram ocupados na totalidade recebem, agora, 3 a 5 pessoas por missa.

Fernando Oliveira referiu, ainda, que a igreja tem necessitado de algumas intervenções de conservação, que embora pequenas e pontuais, requerem um investimento monetário considerável. Ao momento, necessita de intervenções na torre sineira que se encontra fragilizada e debilitada a nível estrutural. As fachadas são constantemente grafitadas, o que requer a sua limpeza e/ou pintura frequente.

Pelo facto de o número de pessoas a frequentar esta igreja ter vindo a diminuir consideravelmente nos últimos anos e de necessitar de intervenções recorrentes, supõe-se que, num futuro próximo, esta igreja feche portas ao culto, por não ser rentável mantê-la. Como tal, será necessário decidir qual será o seu novo uso. Analisando os exemplos de igrejas convertidas, anteriormente apresentados, conhecendo a envolvente urbanística do Bairro Alto e tendo por base algumas questões abordadas neste trabalho como a poética do espaço ou os usos mais apropriados para edifícios religiosos encerrados, vimos propor que, após o eventual encerramento, esta igreja se converta numa habitação, pelos motivos que iremos referir em seguida.

Justificação da proposta conceptual

Fruto de diversas obras de conservação e restauro, a quinhentista igreja dos Fiéis de Deus está a perder frequentadores, caminhando a passos largos para o seu encerramento.

Quando isto acontecer, é altura de reinventar o seu uso, dar-lhe uma nova vida, um novo futuro, conservando toda a história que este edifício tem transportado consigo ao longo destes séculos.

143 – Deslocação efetuada no dia 27 de dezembro de 2018

A igreja dos Fiéis de Deus, propriedade do Patriarcado de Lisboa e pertencente à Paróquia das Mercês, localiza-se em pleno coração do Bairro Alto, ladeada por habitações, suficientemente afastadas dos locais de diversão noturna, permitindo que esta seja uma zona mais silenciosa e tranquila no bairro.

As zonas de bares e discotecas, estão bem demarcadas na malha urbana do Bairro Alto, e os pequenos comércio são diversificados e em número suficiente, encontrando-se distribuídos por todo o quarteirão.

Como referido no capítulo sobre a secularização do templo cristão e, segundo palavras de Eliade, “a habitação é sempre santificada, pois constitui uma *imago mundi*, e o mundo é uma criação divina”¹⁴⁴. Em todas as culturas tradicionais, a habitação é vista como um espaço sagrado, uma vez que reflete o mundo.

Assim, propomos que a igreja se torne numa habitação, pois ao converte-la a este uso estamos, por um lado, a manter a linguagem tipológica daquela zona, permitindo que continue a ser uma parte mais sossegada deste núcleo urbano e, por outro lado, a não dessacralizar a igreja completamente, uma vez que a habitação também é sagrada, como referido por Eliade na sua obra “O Sagrado e o Profano”¹⁴⁵.

A igreja dos Fiéis de Deus integra o tecido consolidado do Bairro Alto, classificado como Conjunto de Interesse Público¹⁴⁶ desde 2010 e, por esse motivo, é abrangida por esta classificação que atribui ao conjunto edificado um nível de proteção que obriga a que sejam respeitadas uma série de princípios e orientações tuteladas pela Direção Geral do Património Cultural em articulação com as Direções Regionais de Cultura.

Alguns destes procedimentos a serem respeitados são: a realização de um projeto rigoroso e global que descrimine as técnicas usadas originalmente e nas reabilitações sofridas posteriormente, dar prioridade, sempre que possível, à reparação das estruturas degradadas, em vez da sua substituição, deve ser respeitada a autenticidade do estilo arquitetónico e materialidade do edifício, incluindo as diferentes fases construtivas pertencentes a períodos históricos distintos e, deverá ser dada preferência às técnicas menos invasivas e que possam ser reversíveis, ou não limitar futuras intervenções.¹⁴⁷

Relativamente ao interior da igreja, segundo conseguimos apurar na obra de Júlio de

144 - Eliade, M. O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões, Edição Livros do Brasil, Lisboa, 1962, página 31.

145 - Eliade, M. O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões, Edição Livros do Brasil, Lisboa, 1962.

146 – Imóvel de Interesse Público: um bem considera-se de interesse público quando a respetiva proteção e valorização represente ainda um valor cultural de importância nacional, mas para o qual o regime de proteção inerente à classificação como de interesse nacional se mostre desproporcionado. Dos bens móveis pertencentes a particulares só são passíveis de classificação como de interesse público os que sejam de elevado apreço e cuja exportação definitiva do território nacional possa constituir dano grave para o património cultural. Decreto Lei n.º 107/2001 de 8 de setembro, Art.15º, 16º.

147 – Decreto Lei 140/2009 de 15 de junho, sobre intervenções ou obras nos bens móveis e imóveis classificados.

Castilho “Lisboa Antiga. Bairro Alto”¹⁴⁸, não existem obras protegidas ou de relevante interesse patrimonial. Segundo um documento referenciado pelo autor e manuscrito pelo Cónego António Pereira, datado de 1877, a única obra valiosa existente na capela, a imagem de Nossa Senhora da Ajuda, terá sido transladada para a Igreja de Santa Catarina no início do século XVII.

Assim, tendo em atenção as normas anteriormente referidas e seguindo as recomendações da Igreja Católica, que podemos entender nas já referidas palavras do Diretor do Departamento dos Bens Culturais da Igreja Pontifícia Gregoriana de Roma Gianfranco Ravasi¹⁴⁹, que refere que, sempre que é necessário dar um destino diferente ao edifício da igreja que não o de lugar de culto, deverão ser prioritárias as finalidades criativas, de uso cultural, social ou caritativo e excluídos os usos comerciais, propomos a conversão da igreja dos Fiéis de Deus para habitação, como já referido, sem que isso altere as suas fachadas externas, a sua volumetria ou mesmo a sua espacialidade interior. Pelo facto do conteúdo existente no interior da igreja não possuir qualquer valor patrimonial, cultural ou histórico, sugerimos que este seja transladado para outras paróquias, como já aconteceu em casos semelhantes.

Em termos arquitetónicos, o interior da igreja será intervencionado de acordo com as diretrizes referidas anteriormente, sendo privilegiado o uso de gesso cartonado no encerramento dos nichos laterais e na construção de divisórias interiores, por forma a permitir, que o processo seja revertido e, no futuro, o interior da igreja possa voltar ao aspeto original.

Por forma a permitir a sua acessibilidade em segurança, a torre sineira, deverá sofrer obras de reabilitação que, não alterando o seu aspeto original deverão possibilitar a segurança dos utilizadores e interromper e reverter o estado de degradação da mesma.



Figura 37: Igreja dos Fiéis de Deus, 1945

Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa

148 - CASTILHO, Júlio de. Lisboa Antiga. Bairro Alto. Vol. III. Lisboa: Oficinas Gráficas da CML, 1956. Pág. 238

149 – Em entrevista ao Vaticano News, a 17 de dezembro de 2018, após apresentação do documento “Diretrizes. A cessação e reutilização eclesial das igrejas”, na conclusão do congresso internacional “Deus não habita mais aqui? Cessação dos locais de culto e gestão integrada dos bens culturais eclesiais” Publicado e consultado online no site da Vaticano News em <https://www.vaticannews.va/pt>, a 4 de janeiro de 2019.

Memória descritiva da proposta conceptual

Exterior

As fachadas posterior/ nascente e lateral/ norte são simples e despojadas de ornamento e assim se manterão aquando da mudança de uso.

Interior

Antes de começar a intervir no interior da igreja, é importante definir um eixo visual que atravessa a nave da igreja em todo o seu comprimento. É fundamental não quebrar esta sensação de grande dimensão longitudinal.

Assim, começamos por libertar o espaço da entrada, eliminando a antecâmara de madeira existente, permanecendo os dois degraus de acesso à nave da igreja tal como se encontram. Retirado este objeto de carpintaria, criamos dois volumes laterais no início da nave, de baixo do coro, que irão incluir o primeiro altar lateral das paredes norte e sul. Estes dois volumes servirão como instalação sanitária de serviço e espaço de arrumos. Estão estrategicamente construídos por forma a criar um hall de entrada e, ao mesmo tempo, tornar o espaço seguinte mais privado, assim como orientar a vista diretamente para o altar através do pequeno corredor criado entre os dois volumes.

Este corredor conduz-nos à sala de estar que ocupa os 4.43 metros de largura total da nave, e os 6.48 metros de comprimento que antecedem o altar, mantendo os 6,35 metros de pé direito da atual igreja. Os altares laterais deixarão de existir, bem como o púlpito, sendo a sua porta convertida num vão que servirá de iluminação para o espaço posterior. A sala de estar será iluminada naturalmente pelas duas janelas existentes na parede norte.

Imediatamente após este espaço, e separado dele por um enorme vão em arco de volta perfeita, temos a cozinha e sala de jantar que se irão instalar no altar, acessível por três degraus. O falso vão da parede sul será emparedado, e os ornamentos das restantes paredes eliminados, bem como a porta de acesso direto à sacristia, localizada na parede a poente. Os armários e bancadas de serviço e apoio à cozinha serão instalados nas paredes norte e sul e a mesa da sala de jantar deverá ocupar um lugar central no então altar. A iluminação natural deste espaço é feita pela janela existente na parede norte.

Atravessando a porta presente na parede sul, encontramos a despensa imediatamente à direita e acedemos a um espaço de circulação e acessos. Este espaço, iluminado por um pequeno vão envidraçado, localizado a nascente, conduz nos ao piso superior e à sacristia.

A sacristia irá dar lugar a um quarto, iluminado pela janela existente na parede norte, uma instalação sanitária completa e uma escada de acesso ao piso superior.

Subindo a escada, acedemos ao nicho do altar que irá converter-se num quarto iluminado pela janela a norte. O vão em arco que se encontra aberto, será coberto com vidro translúcido, permitindo que se mantenha o contacto visual ao longo de todo o edifício.

Voltando à zona de circulação onde se encontra a despensa, podemos aceder, pela escada existente, a outro espaço de acessos, no piso superior que conduz ao coro, onde se irá instalar um quarto no conceito *“open space”*. A linguagem arquitetónica do coro manter-se-á e a sua guarda será substituída por outra mais simples de material opaco, permitindo alguma privacidade. A iluminação será feita pela janela a nascente.

Ainda neste piso, o acesso à torre sineira será encerrado e eliminado, uma vez que é extremamente estreito e perigoso, tal como o cimo da torre. Futuramente, poderá ponderar-se a possibilidade de transformar esta torre num espaço de *“miradouro”*. Por aqui, também acedemos a um pequeno espaço de arrumos que será aberto para as escadas que lhe dão acesso e transformado num espaço de leitura/ lazer. A iluminação é feita pela janela a poente.

Todas as dependências da antiga casa do ermitão serão separadas da igreja, através do encerramento do vão que as comunica e da construção de uma parede no piso superior, no espaço onde irão ser construídas as escadas de acesso ao quarto do nicho do altar. A casa do ermitão tem acesso autónomo feito pela Travessa dos Fiéis de Deus, na fachada norte.



Figura 38: Desenho da primitiva Ermida dos Fiéis de Deus, séc. XVI

Fonte: Braunio, no livro Lisboa Antiga. Bairro Alto. Vol. III

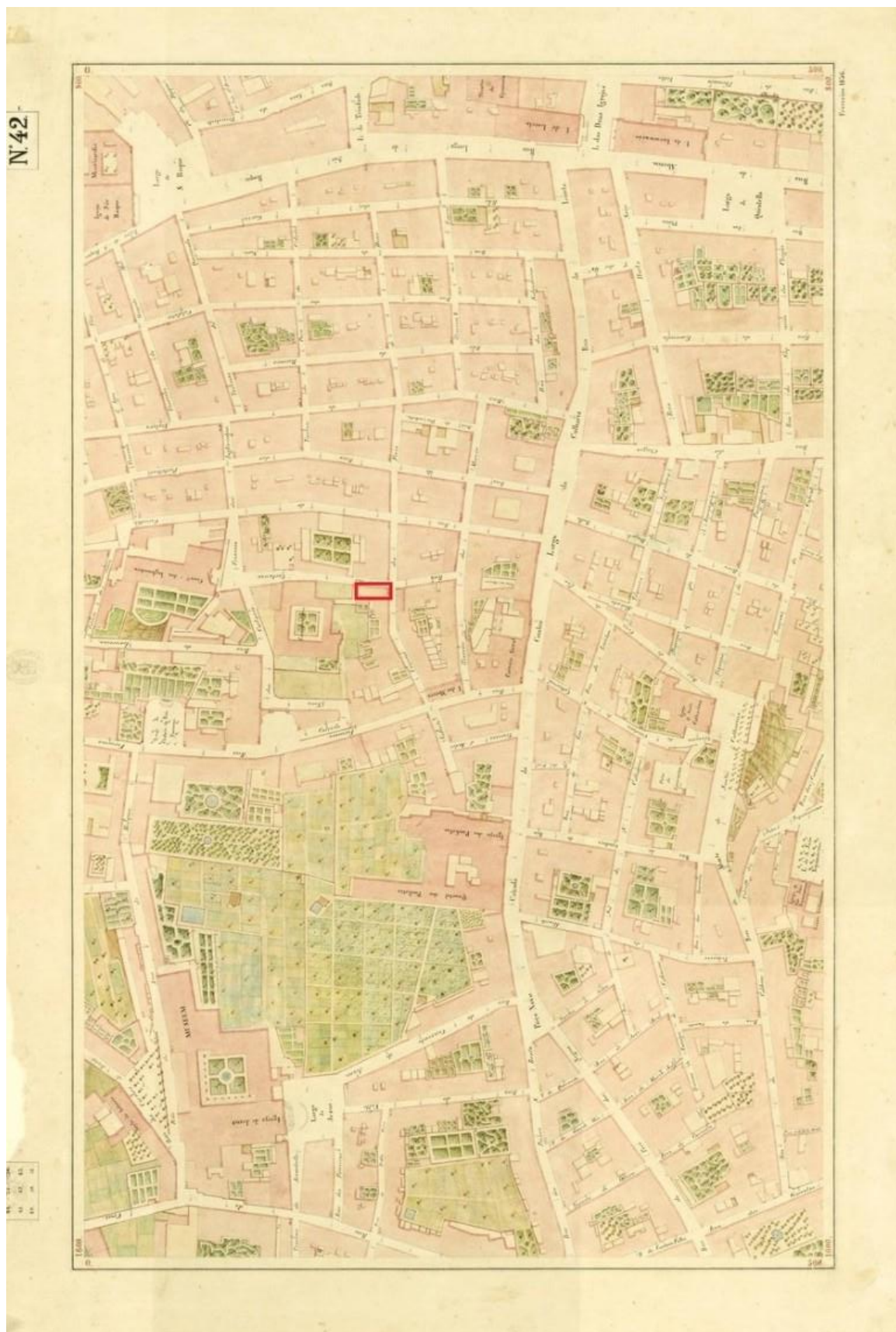


Figura 39: Atlas da carta topográfica de Lisboa, N. 42, 1856.
 Fonte: Filipe Folque, Arquivo Municipal de Lisboa



Figura 40: Ortofotomapa com implantação, 2019
Fonte: Do autor com base no mapa Google

Figura 41: Igreja dos Fiéis de Deus, 1959
Fonte: Fernando Manuel de Jesus Matia,
Câmara Municipal de Lisboa



Figura 42: Igreja dos Fiéis de Deus, 2018
Fonte: Do autor

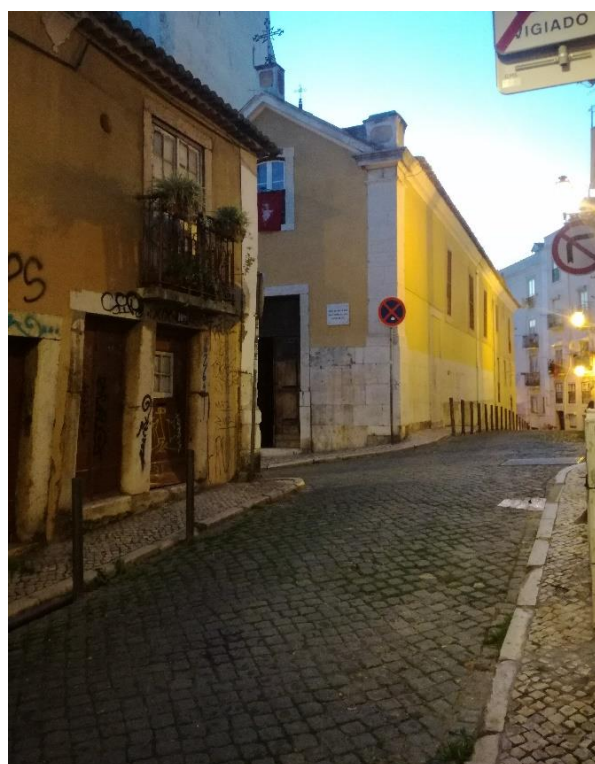


Figura 43: Nave da igreja, 2018
Fonte: Do autor



Figura 44: Nave da igreja, 2018
Fonte: Do autor



Figura 45: Vista do coro, 2018

Fonte: Do autor

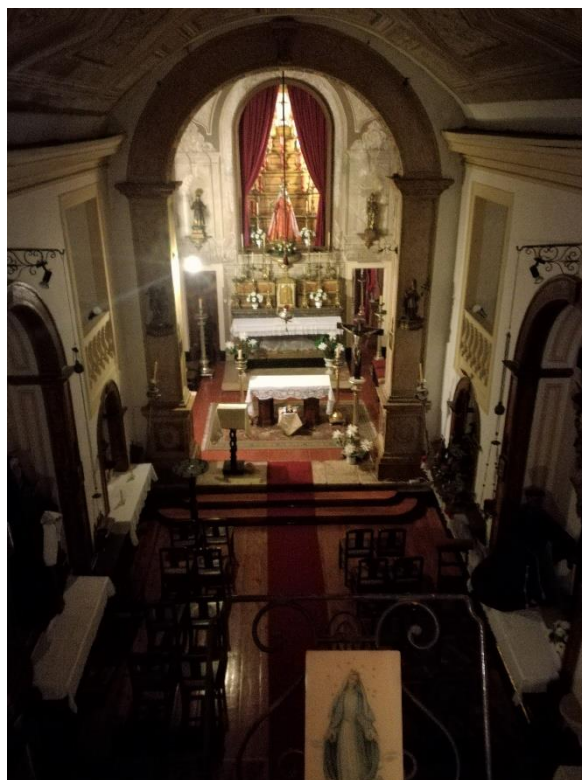
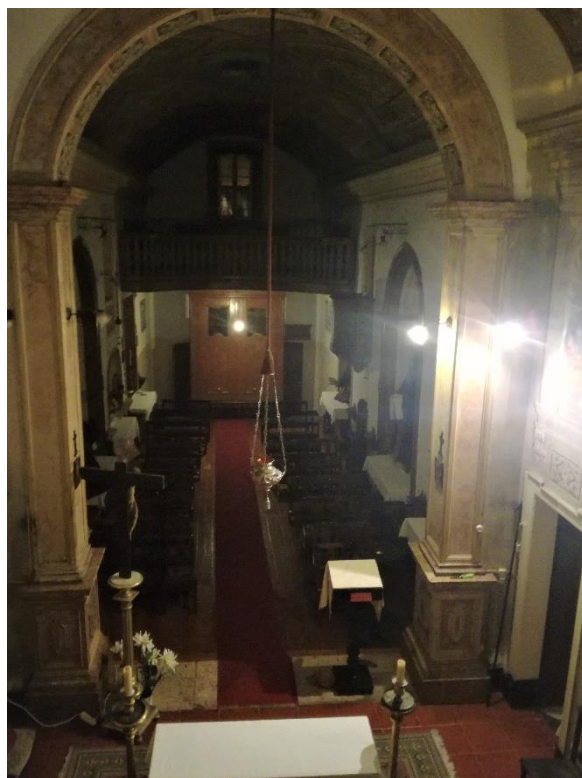


Figura 46: Vista do nicho do altar mor, 2018

Fonte: Do autor



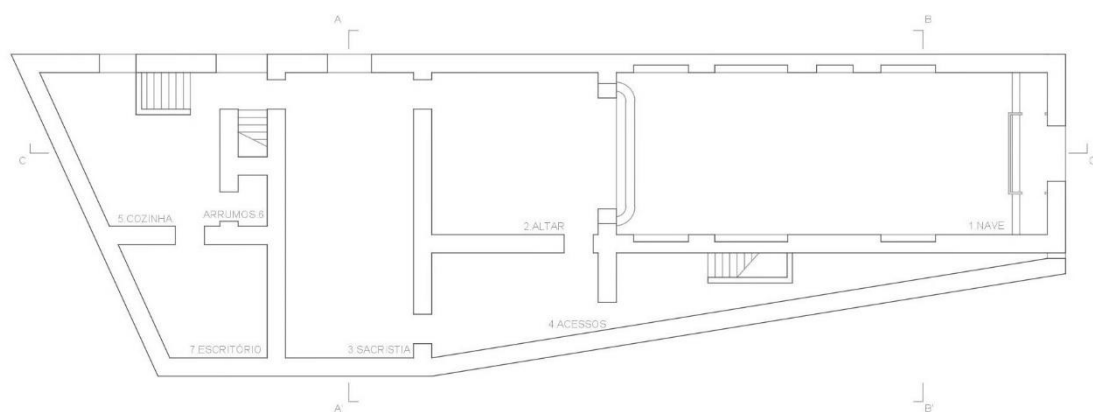


Figura 47: Planta baixa da igreja original

Fonte: Do autor

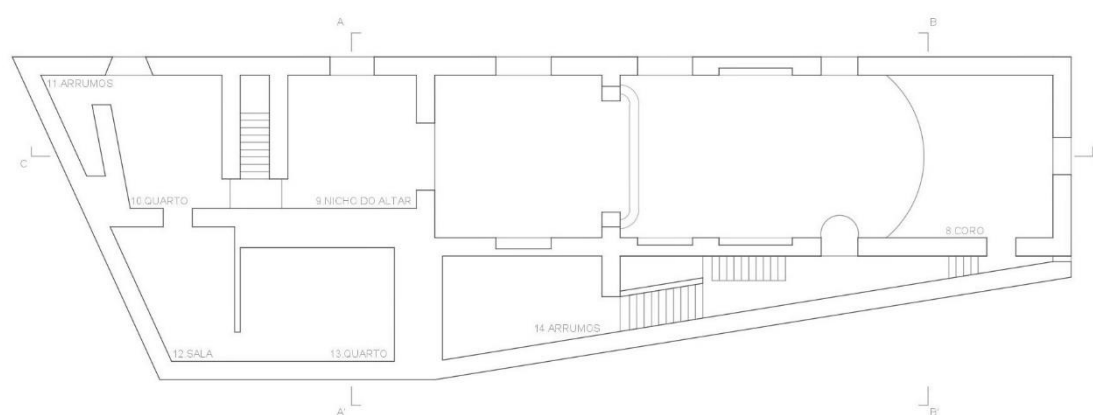


Figura 48: Planta alta da igreja original

Fonte: Do autor

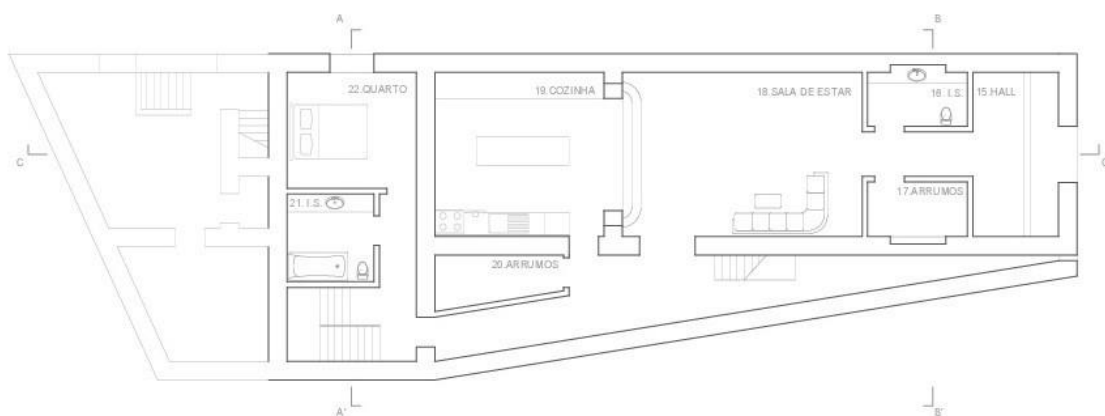


Figura 49: Planta baixa da igreja após reconversão em habitação

Fonte: Do autor

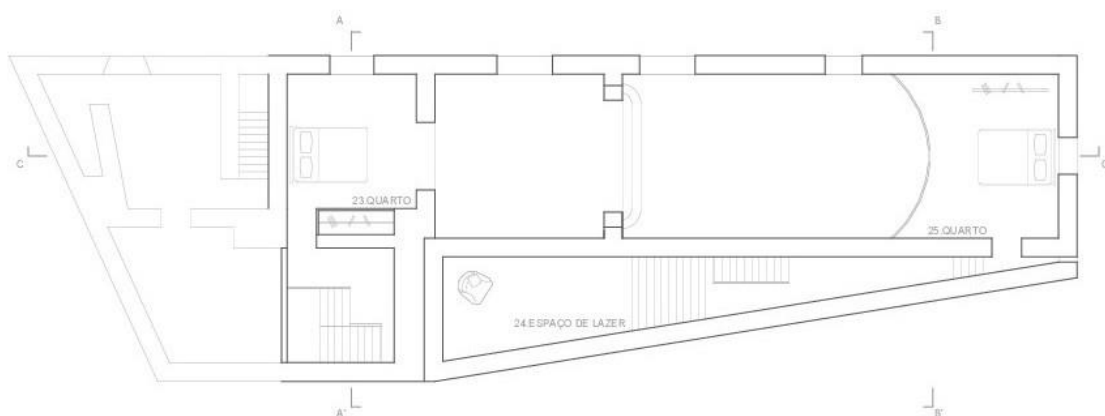


Figura 50: Planta alta da igreja após reconversão em habitação

Fonte: Do autor

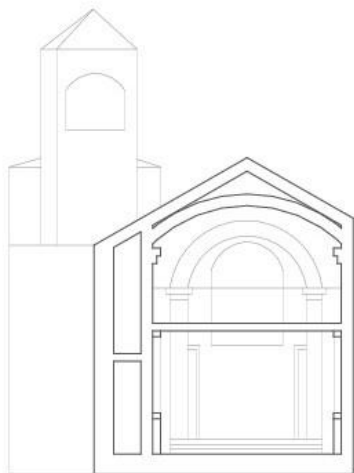


Figura 51: Corte BB' da igreja original

Fonte: Do autor

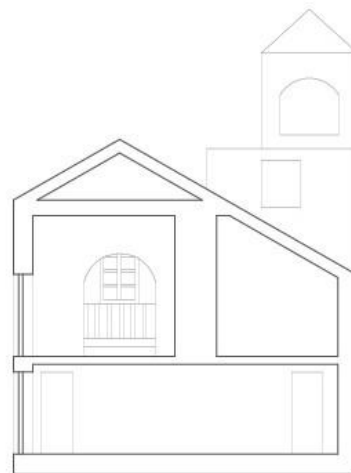


Figura 52: Corte AA' da igreja original

Fonte: Do autor



Figura 53: Corte CC' da igreja original

Fonte: Do autor

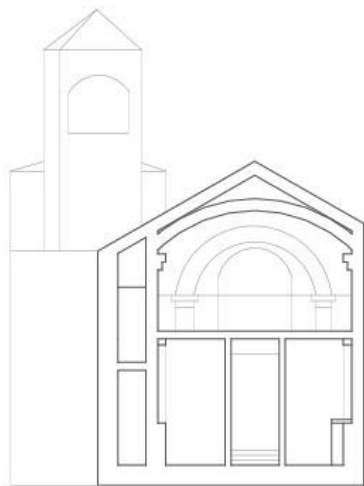


Figura 54: Corte BB' da igreja após reconversão em habitação

Fonte: Do autor

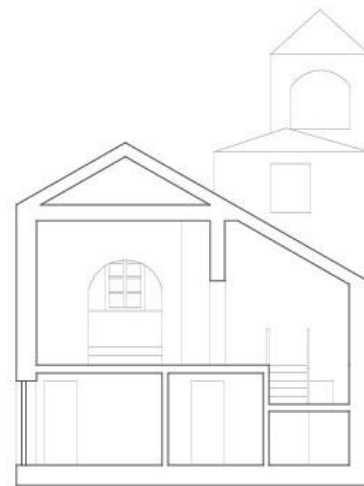


Figura 55: Corte AA' da igreja após reconversão em habitação

Fonte: Do autor

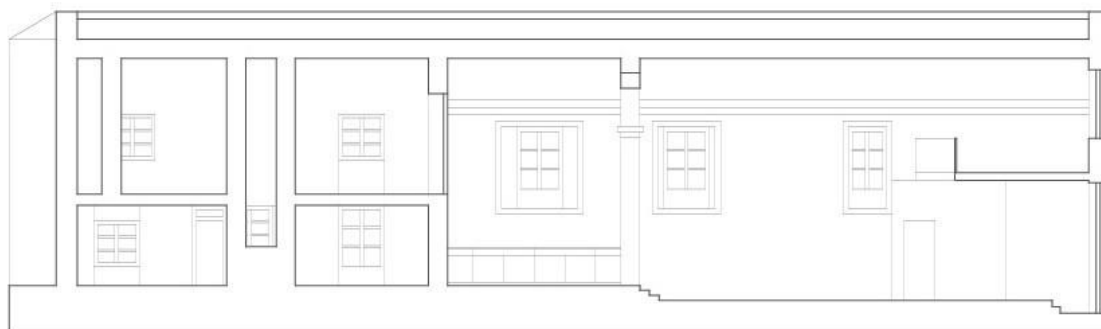


Figura 56: Corte CC' da igreja após reconversão em habitação

Fonte: Do autor

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho divulgado neste documento que agora termina, relata a abrangência de possibilidades no que refere à atribuição de novos usos a igrejas encerradas ao culto.

Iremos, de seguida, apresentar algumas considerações finais de carácter crítico e reflexivo sobre o estudo acabado de apresentar.

Assim, da informação recolhida e exposta neste documento retemos que, ao longo da história, a igreja passou por diversos períodos que, de alguma forma, contribuíram para nos orientar e apoiar na conversão de edifícios religiosos encerrados ao culto.

Podemos começar pela Idade Média, o primeiro período da história em que a igreja é utilizada para um uso diferente daquele para o qual foi projetada. Apesar das representações terem um carácter religioso, o teatro não usava a igreja como palco, até então. Neste período, a igreja começa a abrir o leque das possibilidades de uso, permitindo que tenhamos a percepção da possibilidade de a converter numa sala de espetáculo. A própria espacialidade da igreja conduz nesse sentido. A atmosfera criada pelas entradas de luz cuidadosamente controladas, a monumentalidade do edifício e todo o ambiente criado pela sua arquitetura remetem para as salas de concerto ou representação. Evidente é, que não podemos converter todas as igrejas em auditórios, porém, é uma opção válida e a considerar.

Outro dos momentos marcantes na história da igreja católica, como referimos, foi a Revolução Francesa de 1789. Neste período o património edificado da igreja foi bastante comprometido e parte dele destruído. Como consequência destes atos de vandalismo, houve a necessidade de tomar medidas para que os edifícios fossem recuperados, o que nos remete para a importância da reabilitação do património.

Antes de proceder à conversão de qualquer edifício a um novo uso, é necessário analisar o seu estado de conservação e averiguar se é necessário ou não reabilitá-lo, para posteriormente podermos realizar o processo de conversão de forma correta e segura, prolongando a “vida” do edifício. Porém, as intervenções realizadas no sentido de reabilitar, se não forem feitas de forma correta e com conhecimento, poderão ser prejudiciais para o edifício, como comprovámos ter acontecido em diversos casos após a Revolução Francesa, onde a vontade de disfarçar as mazelas do património, de forma urgente, induziu à descaracterização de algum do património edificado.

Por esse motivo, e para tentarmos entender o verdadeiro significado desta área do saber que é a reabilitação, fizemos uma breve abordagem ao tema, por forma a podermos aplicar este conceito no edifício religioso que intervencionámos, caso fosse necessário.

Quando, finalmente, iniciamos o processo de transformação de um edifício religioso a um novo uso, deparamo-nos com diversas questões éticas, morais, culturais, uma vez que este é um tema bastante delicado.

Como podemos concluir após leitura deste documento, intervir no património edificado religioso no sentido de lhe conferir outro uso interfere, diretamente, com a comunidade onde o mesmo se encontra, e por esse motivo há que agir com precaução.

Referimos que o edifício da igreja representa um momento diferente na paisagem urbana, que purifica o seu entorno, pelo facto de nele habitar o sagrado. A separação entre estes dois momentos distintos e que marca a transição do sagrado para o profano é a porta do templo, como também foi referido anteriormente.

Ora, estando cientes destas questões, já possuímos algumas ferramentas informativas que nos permitem partir para a conversão de usos.

Porém, para melhor entendermos como é que estas conversões poderão acontecer, de forma mais correta, e nos munirmos de mais ferramentas no sentido de posteriormente elaborarmos o projeto de conversão da nossa proposta, analisámos diversos casos de estudo a nível nacional e internacional.

Os casos de estudo apresentados são aqueles que, de entre os analisados, considerámos os mais bem conseguidos do ponto de vista da intervenção arquitetónica realizada e do uso atribuído.

Entre eles, encontrámos uma linha condutora que nos permitiu eleger um uso e adotar uma forma de intervenção corretos para a nossa proposta. Como exemplo, temos a reduzida ou nula alteração da estrutura arquitetónica dos edifícios intervencionados, o facto de se tirar partido máximo da espacialidade interior das igrejas para criar um novo espaço, utilizando materiais e técnicas construtivas que permitam que estas transformações sejam reversíveis no futuro, e a atribuição de usos que vão de encontro àqueles que são considerados dignos pela Igreja Católica e que também referimos neste documento.

Pelo caminho, ficaram diversos exemplos de igrejas convertidas em espaços comerciais, que como referido anteriormente, é um uso que deve ser evitado pelo facto de estar diretamente conectado com o universo profano.

Desta forma, estão reunidas as ferramentas para iniciarmos o processo de conversão da igreja dos Fiéis de Deus.

Fizemos o enquadramento da igreja, de forma geral, na cidade de Lisboa e, posteriormente, da igreja dos Fiéis de Deus no Bairro Alto. Aqui, conseguimos perceber que a igreja em questão não tem especial relevância quer no bairro, quer na paróquia a que pertence. É uma pequena igreja secundária, se assim lhe podemos chamar. Por outro lado, pelo facto de se localizar no Bairro Alto, classificado como Conjunto de Interesse Público, como já referimos, é abrangido por esta classificação.

Após procedermos a uma análise do seu entorno, entendemos que o edifício se localiza numa zona habitacional do Bairro Alto, suficientemente distante da confusão e ruído das zonas de diversão noturna, atribuindo a esta zona um carácter mais tranquilo.

Como referimos anteriormente, de acordo com Choay, a habitação é sempre sagrada. Assim, assente nestas premissas tomámos a decisão de converter a igreja dos Fiéis de Deus em habitação, por nos parecer o uso mais adequado, quer ao edifício quer à realidade daquela região do bairro.

Antes de iniciarmos o projeto de conversão de uso, propriamente dito, realizámos uma visita ao edifício com o intuito de procedermos ao levantamento arquitetónico do mesmo, uma vez que não encontrámos desenhos técnicos da igreja em parte alguma. Nesta deslocação conversámos com Fernando Oliveira, responsável pela igreja nas últimas décadas e fomos informados que o edifício, à data, não necessitava de qualquer intervenção além da torre sineira cujo acesso é feito por uma escada bastante antiga, estreita e que denota alguns problemas de segurança pelo degradar dos materiais utilizados na sua construção.

Assim, decidimos que a torre sineira, por não ter especial interesse no projeto que desenvolvemos e não comprometer a integridade do edifício e da própria torre, irá ter o seu acesso encerrado, permitindo possibilitar uma futura intervenção de reabilitação do mesmo, quando se mostre relevante.

Por ser um edifício integrado num bairro classificado como Conjunto de Interesse Público, desde 2010, o que significa que deverá manter a sua traça e materialidade originais, mantivemos as fachadas fiéis ao original e as intervenções realizadas no seu interior foram feitas com materiais que permitem reverter o processo e voltar às formas originais, respeitando as diretrizes da Direção Geral do Património Cultural para edifícios com este tipo de classificação.

Importa referir, ainda, que as dependências da casa do ermitão, conectadas à igreja pela sacristia, serão independentizadas desta, permitindo usos separados, uma vez que possuem acessos diferentes.

Chegando ao final da presente dissertação e considerando a questão orientadora de toda a investigação, sabendo que a igreja dos Fiéis de Deus se encontra, atualmente, com um número bastante reduzido de utilizadores, consideramos que a nossa proposta de conversão de uso para este edifício, poderá ser tida em consideração numa eventual necessidade de conversão desta igreja, no futuro.

Este documento deverá ser entendido como um compêndio da evolução da igreja ao longo da história e dos momentos que mais marcaram o seu património edificado e, também, como um documento que sirva de base para futuras intervenções em igrejas encerradas ao culto e cuja conversão de uso se mostre necessária. O presente documento vem reunir a informação consultada e dispersa na bibliografia, por forma a possibilitar estudos futuros mais aprofundados sobre o tema da conversão de edifícios religiosos a outros usos.

Por fim, respondendo às questões de partida, temos que os edifícios religiosos encerrados ao culto e que nos trouxeram aos dias de hoje a materialização da história da arquitetura, podem e devem continuar erguidos, ainda que, com um uso diferente do original, tendo sempre em atenção que as intervenções deverão ser feitas segundo as regras e condicionantes referidas ao longo do documento, mantendo as características originais dos edifícios.

8. BIBLIOGRAFIA

AAP, Associação Arquitetos Portugueses. Guia Urbanístico e Arquitetónico de Lisboa, Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1987;

ALBA, António Fernández. Teoria y História de la Restauracion. Madrid: Editorial Munilla. 1997;

ALMEIDA, Fortunato – História da Igreja em Portugal, Vol. III, Porto/Lisboa, Livraria Civilização-Editora, 1970;

BACHELARD, G.A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 2000;

BENEDETTI, S. Novas Igrejas de Vários Tempos. Atas do Colóquio sobre Arquitetura e Arte Sacra, Lisboa, 16-17 novembro 1996;

BERGER, P. The Social Construction of Religion. Londres: Penguin, 1987;

BOLLE, K. Secularization as a Problem for the History of Religions. Comparative Studies in Society and History, v.12, n. 3. (Jul. 1970), pp. 242-259, 1970;

BRAGA, Isabel (2013) – Bairro Alto, uma história concentrada. 500 Anos do Bairro Alto

BRANCO, Micaela. Lugar do Sagrado- Igreja como elemento dinamizador do espaço público. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2015;

BROCKETT, O. G. History of The Theatre. Massachusetts: Allyn & Bacon, 1995;

BURKE, Edmund. Reflexões sobre a Revolução Francesa. Brasília: UNB, 1969;

CARITA, Hélder. Bairro Alto Tipologias e Modos Arquitetónicos. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 2ª Edição, 1994;

CASTILHO, Júlio de. Lisboa Antiga. O Bairro Alto. Vol. I. Lisboa: Oficinas Gráficas da CML, 1954;

CASTILHO, Júlio de. Lisboa Antiga. O Bairro Alto. Vol. II. Lisboa: Oficinas Gráficas da CML, 1955;

CASTILHO, Júlio de. Lisboa Antiga. O Bairro Alto. Vol. III. Lisboa: Oficinas Gráficas da CML, 1956;

CHILDE, G. The Urban Revolution. In: WALTON, J. et alli. Cities in change: Studies on the urban condition. 3a ed. Boston, 1974;

CHOAY, Françoise. *As questões do património : antologia para um combate*. Lisboa: Edições 70, 2015;

CÓIAS, V. - Inspecções e Ensaios na Reabilitação de Edifícios. IST Press, Lisboa, 2006;

CRIPPA, M. Novas Igrejas de Vários Tempos. Atas do Colóquio sobre Arquitetura e Arte Sacra, Lisboa, 16-17 novembro 1996;

D'AVILER, Augustin Charles. *Cours d'Architecture qui comprend les ordres de Vignole*. Mariette, Paris, 1710;

DEFFONTAINES, P. *Geographie et Religions* Paris: Gallimard, 1948;

DURKHEIM, É. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996;

ELIADE, M. *O Sagrado e o Profano. A Essência das Religiões*. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1962;

FERNANDES, António Teixeira - *Formas de Vida Religiosa nas Sociedades Contemporâneas*. Oeiras: Celta, 2001;

FONTES, Ana Cristina. *O bairro como estrutura urbana: o caso do Bairro Alto em Lisboa*. Tese de Mestrado Integrado em Arquitetura. Universidade Lusíada de Lisboa. Lisboa, 2016;

FRANÇA, José- Augusto. *A reconstrução de Lisboa e a Arquitetura Pombalina*. Biblioteca Breve Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. 2ª Edição. Volume 12, Lisboa, 1981;

FRANÇA, José-Augusto. *Urbanismo e Arquitetura*. 5ª Edição. Lisboa: Livros Horizonte, 2005;

FRANÇA, S.S., Nascimento, R.S., Lima, M.P. *Peregrinos e peregrinações na Idade Média*. Rio de Janeiro, Vozes Limitada, 2018;

FURET, François. *Pensar a Revolução Francesa*. São Paulo: Paz e Terra, 1989;

GALIMBERTI, Umberto. *Rastros do Sagrado*. São Paulo: Paulus, 2003;

GATTI, Vincenzo. *Liturgia e Arte*. Bolonha: Centro Editoriale Dehoniano, 2001;

GOETHE, Johann Wolfgang. *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister*. Lisboa: Relógio d'Água, 1998;

GUERRA, Tonino, *O Livro das Igrejas Abandonadas*. Lisboa Assírio & Alvim: 1997;

HEIDEGGER, M. *Construir, habitar, pensar*. Citado in *Eupalinos revisitado: diálogo socrático em torno do ser da arquitetura*, Pedro Abreu (2013). Pfullingen: Günther Neske, 1954;

HUGO, Vitor. *Notre Dame de Paris*, Rio de Janeiro: Zahar, 2013;

JAMES, Edward. *The origins of France: from Clovis to the Capetians, 500-1000*. Londres: Macmillan, 1982;

KIECKHEFER, Richard. *Theology in Stone: Church Architecture from Byzantium to Berkeley*, 1ª Edição, Oxford University Press, 2004

KOSTOF, Spiro -*A History of Architecture -settings and rituals -2nd edition*, New York, Oxford

KHUL, Beatriz Mugayar. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. São Paulo: ANPUH, 2013;

LAMEIRA, Francisco I. C. *Faro Edificações Notáveis*. Faro: Edição da Câmara Municipal de Faro, 1995;

LE GOFF, Jacques. *Em busca do Tempo Sagrado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014;

LIMA, Antonio Morais Lima. “Igreja, Ícone da Trindade - Espaço Litúrgico, Imago Ecclesiae”. Belo Horizonte: Tese de doutoramento da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de BH. 2012;

LOYN, H. R. *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1997;

MICHELET, Jules. *História da Revolução Francesa*, Companhia das Letras, São Paulo, 1989;

MERCIER, Alain, *La Deuxième Fille de Cluny. Grandeurs et misères de Saint-Martin-des-Champs*, Glénat, Paris, 2012;

METCALF, Franz. *Buda na Mochila. Budismo prático para jovens*. São Paulo, Pensamento, 2005;

NETO, Maria João Baptista – *O Restauro do Mosteiro de Santa Maria da Vitória de 1840 a 1900*, *Cadernos de História da Arte*, Lisboa, Instituto de História da Arte/Faculdade de Letras de Lisboa, 1991.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo – Ensaio de uma crítica do Cristianismo*. Lisboa: Guimarães Editores, 1997;

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, n.10, dezembro 1993;

PIERUCCI, A. F. Reencantamento e secularização. *Novos Estudos CEBRAP*, n.49, julho 1998;

POULOT, Dominique. *Uma história do Patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XIX: do monumento aos valores*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009;

RIEGL, A. *El culto moderno a los monumentos: caracteres y origen*. Madrid: Visor, 1987;

SANTA CATARINA, Frei Lucas de. *Memória da Ordem Militar de S. João de Malta*. Lisboa 1734;

SCOTTi, R.A *Os Segredos da Basílica de São Pedro*. Lisboa: Casa das Letras, 2010;

SERIACOPI, Gislane Campos Azevedo; SERIACOPI, Reinaldo. *A Revolução Francesa*. In: *História: volume único*. São Paulo: Ática, 2005;

SOBREIRA, Francisco A. A. *Semelhanças entre o Budismo e o Cristianismo*. Contribuições

Ecumênicas do Oriente para o Ocidente. Ceará, Edição de autor, 2005;

SOUZA, L. A. Secularização em declínio e potencialidade transformadora do sagrado. Religião e Sociedade. Rio de Janeiro: ISER, 1986;

VERDETE, Carlos. História da Igreja Católica. Vol. I – Das origens até ao Cisma do Oriente (1054). Lisboa: Paulus Editora, 2009.

VOVELLE, Michel. A Revolução Francesa. São Paulo: Unesp, 2012;

WILSON, B. Religion in sociological perspective, Oxford: Oxford Press, 1982;

ZANON, Darlei. Para ler o Concílio do Vaticano II. Lisboa: Paulus, 2012.

WEBGRAFIA

ROMANO, L'Observatore (2018). Destino de locais de culto abandonados é tema de Simpósio na Gregoriana. Vaticano News. Acedido em 18 de dezembro de 2018 em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2018-07/locais-culto-abandonados-simposio-gregoriana.html>;

ROMANO, L'Observatore (2018). As indicações do Papa para a redução de locais de culto. Vaticano News. Acedido em 18 de dezembro de 2018 em <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-11/papa-francisco-desativacao-locais-culto.html>;

PALMER, Jason (2011). Religion may become extinct in nine nations, study says. BBC News. Acedido em 27 de janeiro de 2018 em: <https://www.bbc.com/news/science-environment-12811197>;

A.M. (2008). Ásia/ Japão – Xintoísmo e Cristianismo, em diálogo para o bem comum. Agência Fides. Acedido em 23 de novembro de 2018 em http://www.fides.org/pt/news/12797-ASIA_JAPAO_Xintoismo_e_Cristianismo_em_dialogo_para_o_bem_comum;

VIRTUAL, Estante. (2012). AS decisões do Concílio de Nicéia. Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda. Acedido em 5 de março de 2018 em <http://www.teosofico.com/livros/h-p-blavatsky/isis-sem-véu/decisões-do-concílio-de-nicéia>;

TEAM, Archdaily. (2015). Remodelação do Edifício Sede do Banco de Portugal / Gonçalo Byrne Arquitectos + João Pedro Falcão de Campos. Archdaily. Acedido em 2 de novembro de 2018 em <https://www.archdaily.com.br/br/764156/remodelacao-do-edificio-sede-do-banco-de-portugal-goncalo-byrne-arquitectos-plus-joao-pedro-falcao-de-campos>;

TEAM, Museu do dinheiro. (?). A Antiga Igreja de São Julião. Museu do Dinheiro. Banco de Portugal. Acedido a 2 de novembro de 2018 em <https://www.museudodinheiro.pt/patrimonio/1/antiga-igreja-de-s-juliao>;

Anexo 1 – Convento de Sant Francesc – Espaço Cultural

Anexo 2 – Igreja Dominicana Selexyz – Livraria

Anexo 3 – Igreja de St. Jakobus – Habitação

Anexo 4 – Colégio de Santiago Maior da Companhia de Jesus – Teatro

Anexo 5 – Igreja da Misericórdia – Cineteatro

Anexo 6 – Igreja de São Julião – Museu do Dinheiro

Anexo 1 – Convento de Sant Francesc – Espaço Cultural



Figura 57: Planta de implantação
Fonte: David Closes, archdaily.com

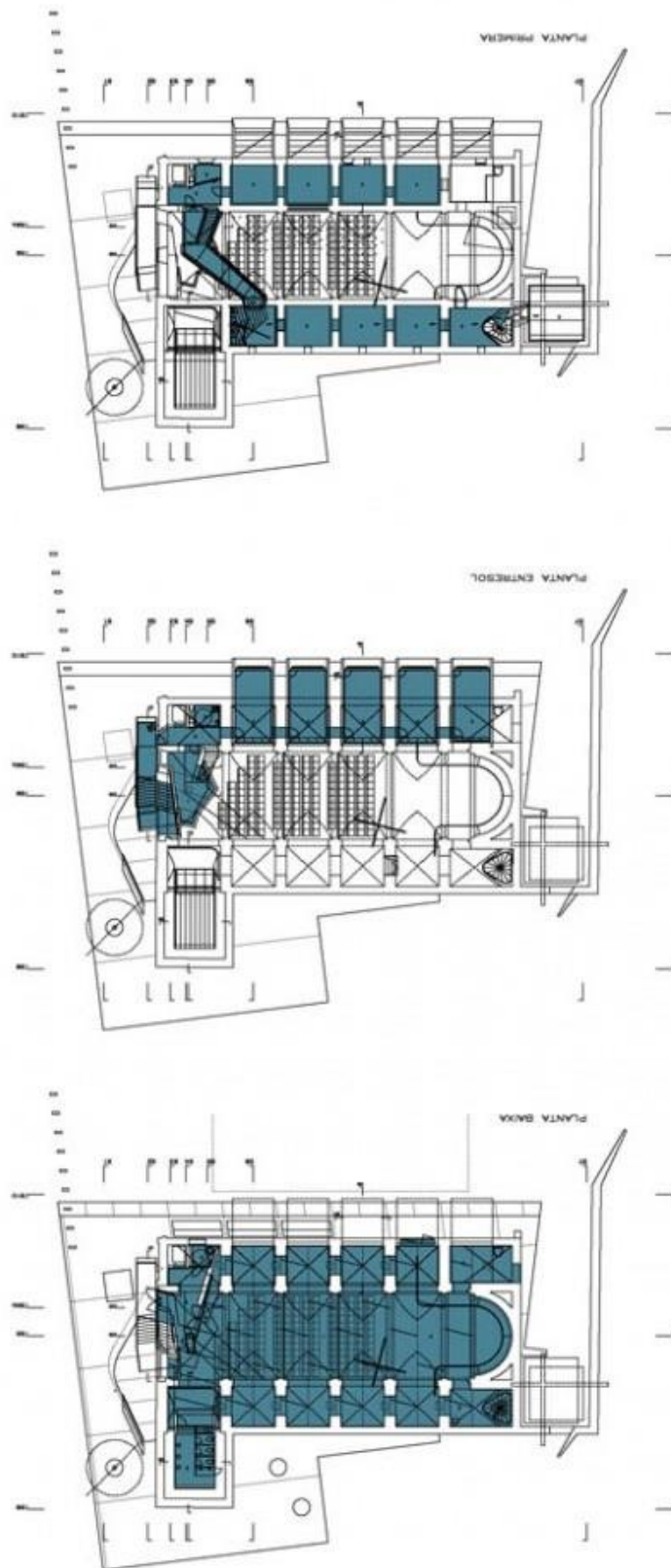


Figura 58: Plantas
 Fonte: David Closes, archdaily.com

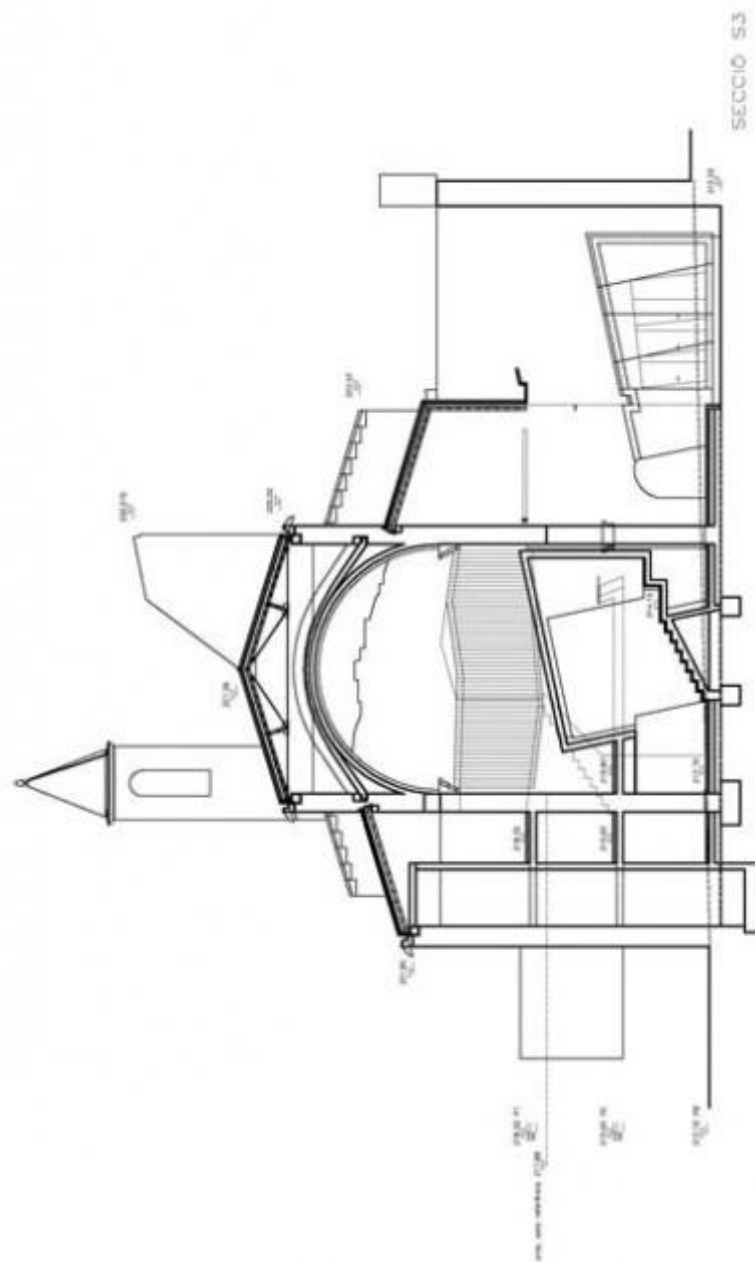


Figura 59: Corte
 Fonte: David Closes, archdaily.com

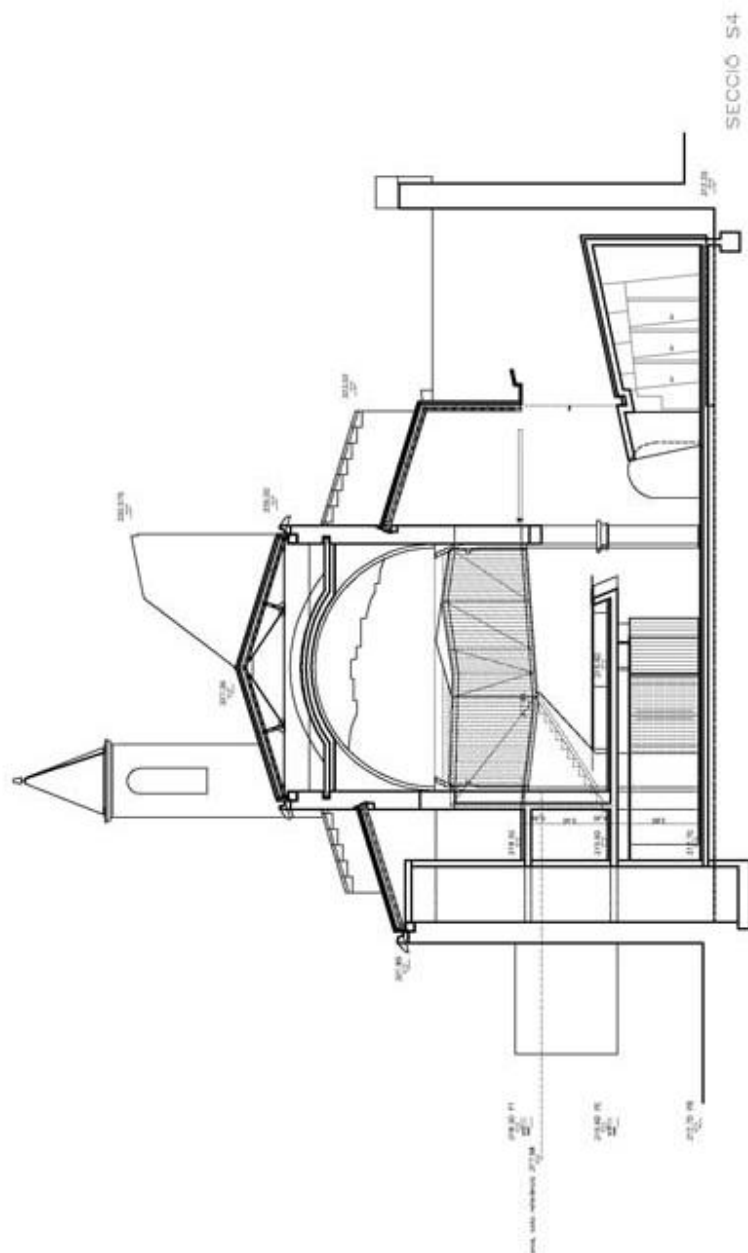


Figura 60: Corte
 Fonte: David Closes, archdaily.com

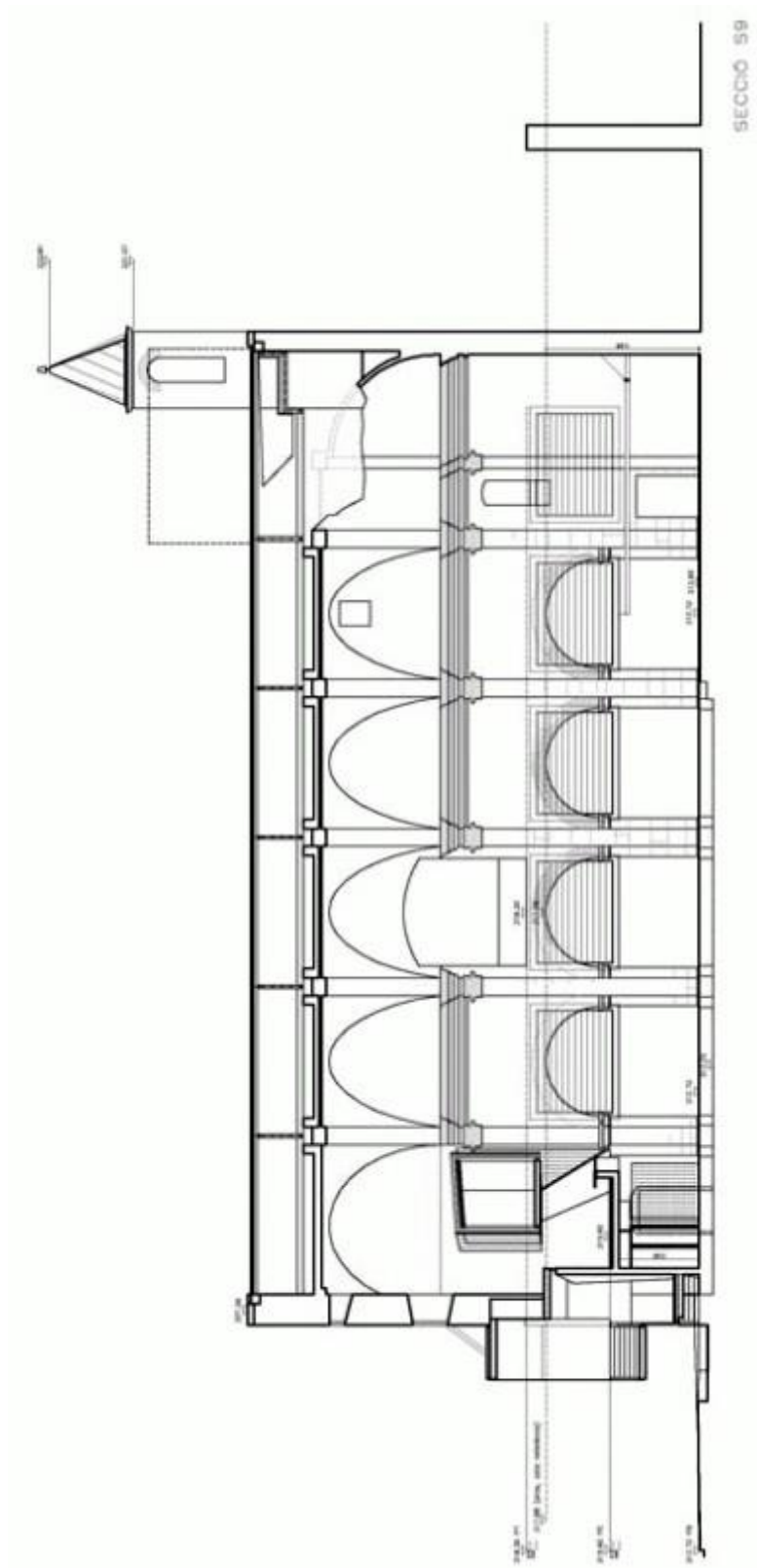


Figura 61: Corte
 Fonte: David Closes, archdaily.com

Figura 62: Claustro do Mosteiro, 1903
Fonte: Gaietà Barraquer



Figura 63: Interior da igreja, 2011
Fonte: arxiu/pepa mañé



Figura 64: Claustro do Convento, ano desconhecido
Fonte: Web



Figura 65: Convento, vista geral, 2012
Fonte: Jordi Surroca, archdaily.com



Figura 66: Fachada principal, 2012
Fonte: Jordi Surroca, archdaily.com



Figura 67: Arcada interior, 2012
Fonte: Jordi Surroca, archdaily.com

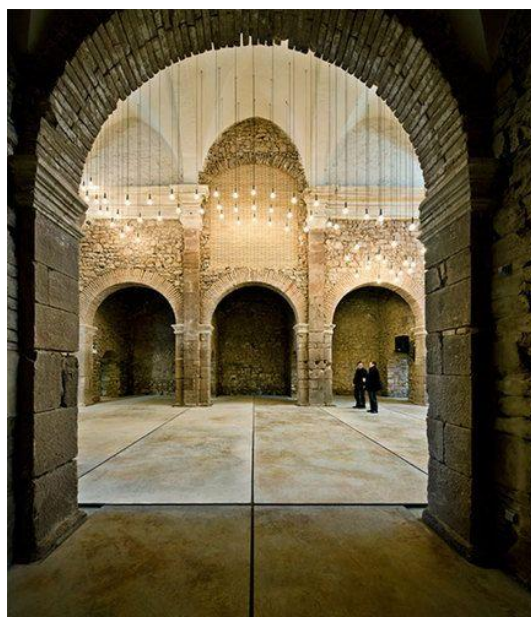


Figura 68: Nave da igreja adaptada
a Auditório, 2014
Fonte: Grupo Soler



Figura 69: Nave da igreja adaptada
a Auditório, 2014
Fonte: Grupo Soler



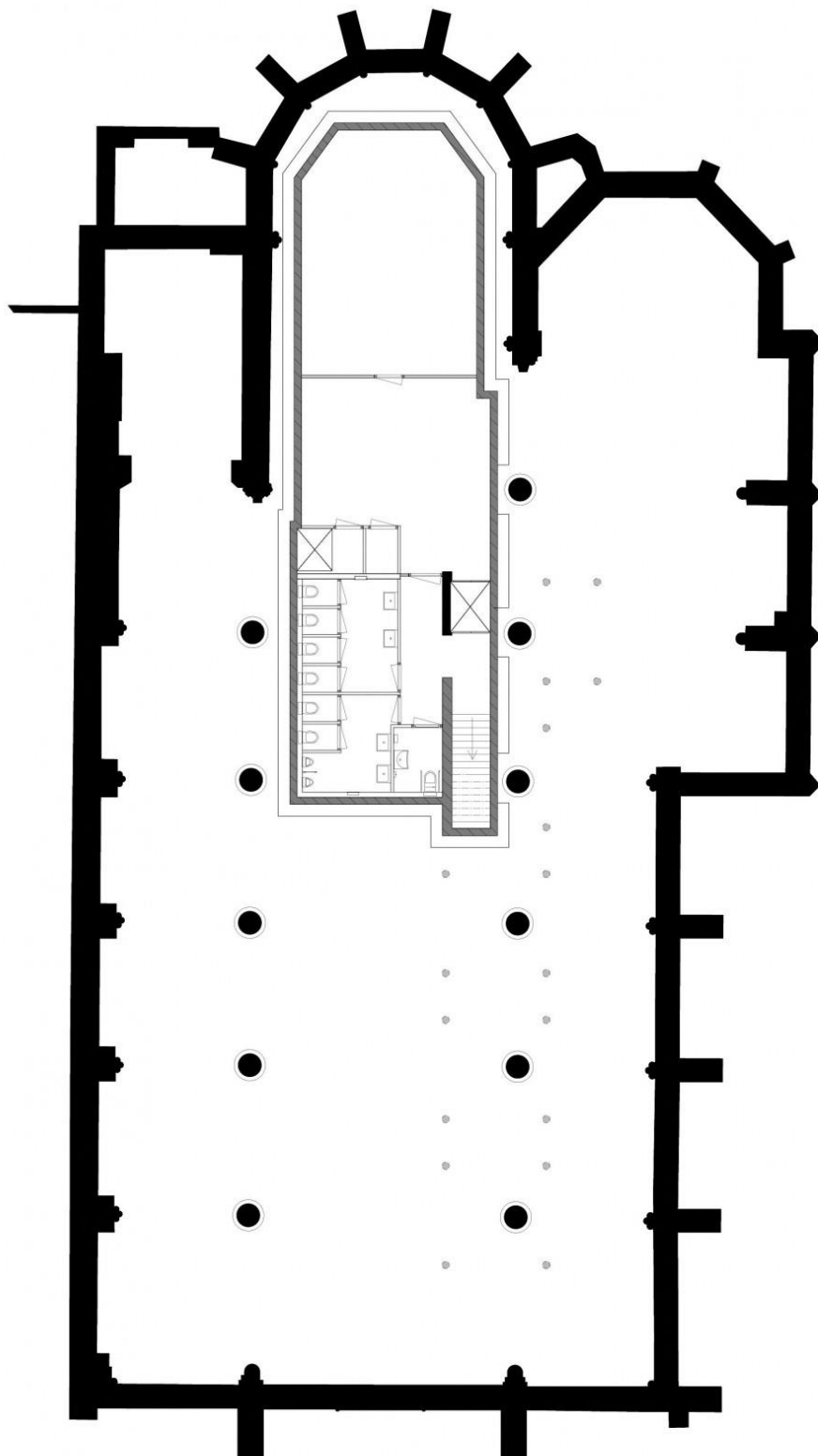


Figura 70: Planta
Fonte: Merx + Girod, archdaily.com

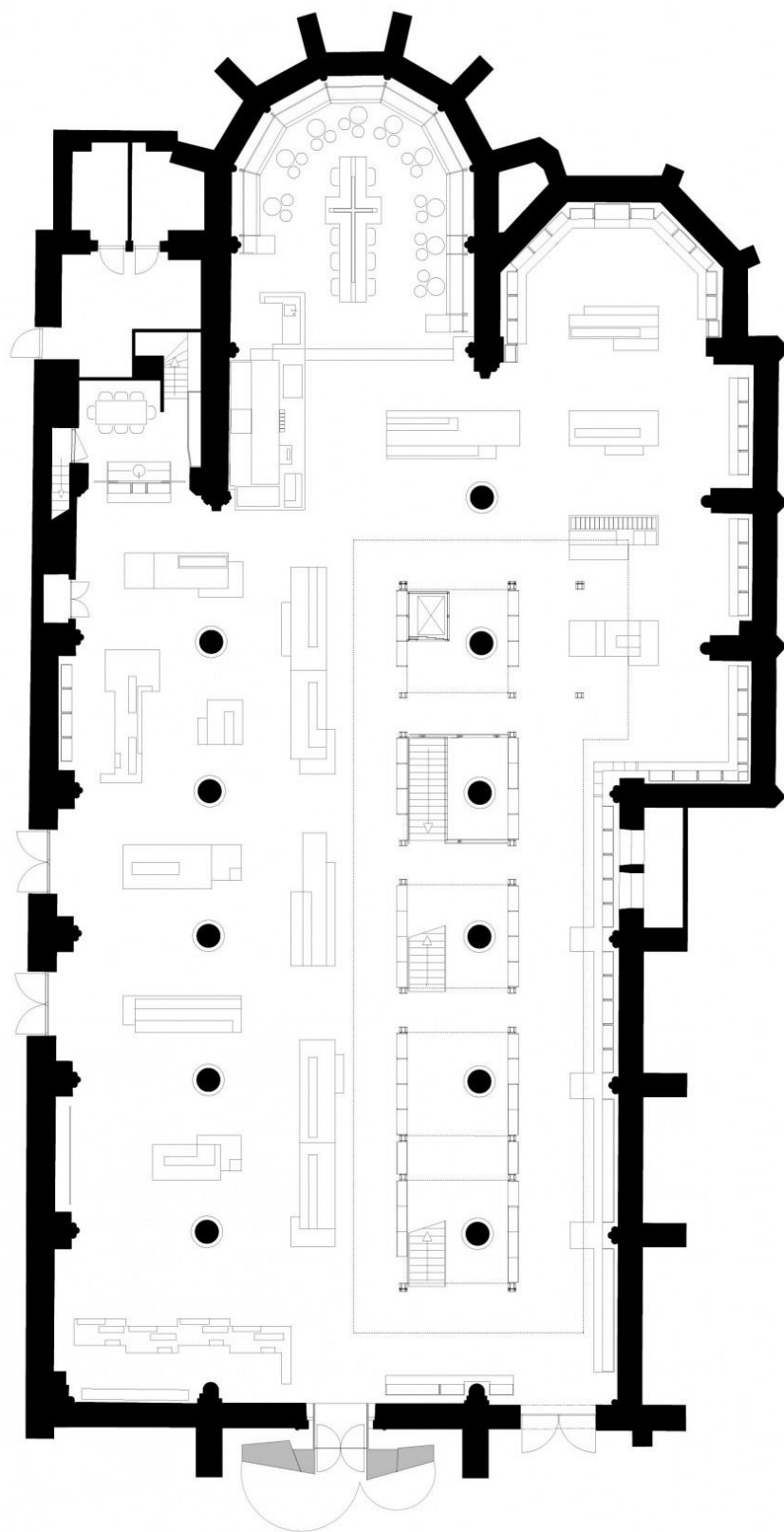


Figura 71: Planta
Fonte: Merx + Girod, archdaily.com

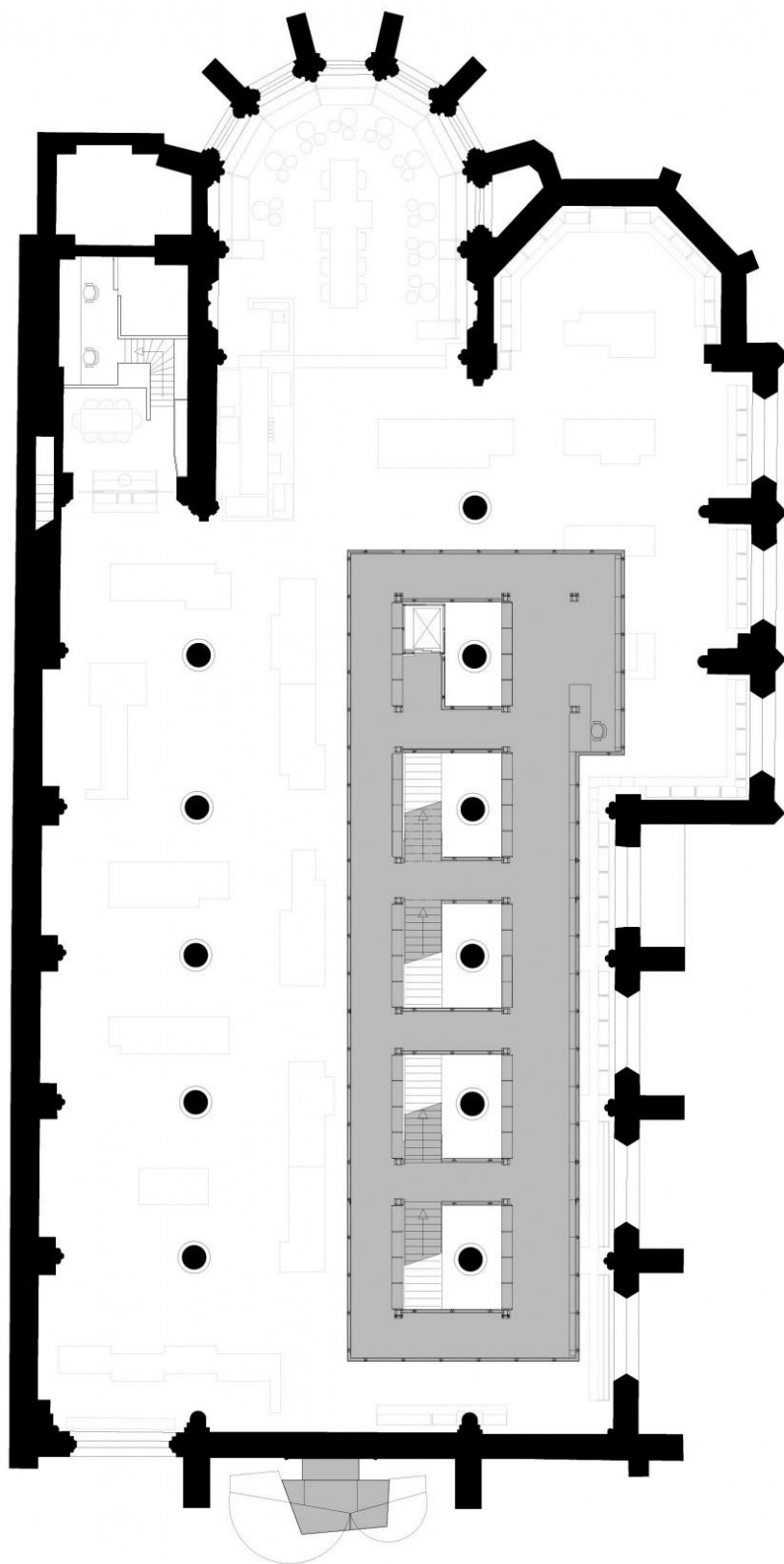


Figura 72: Planta
Fonte: Merx + Girod, archdaily.com

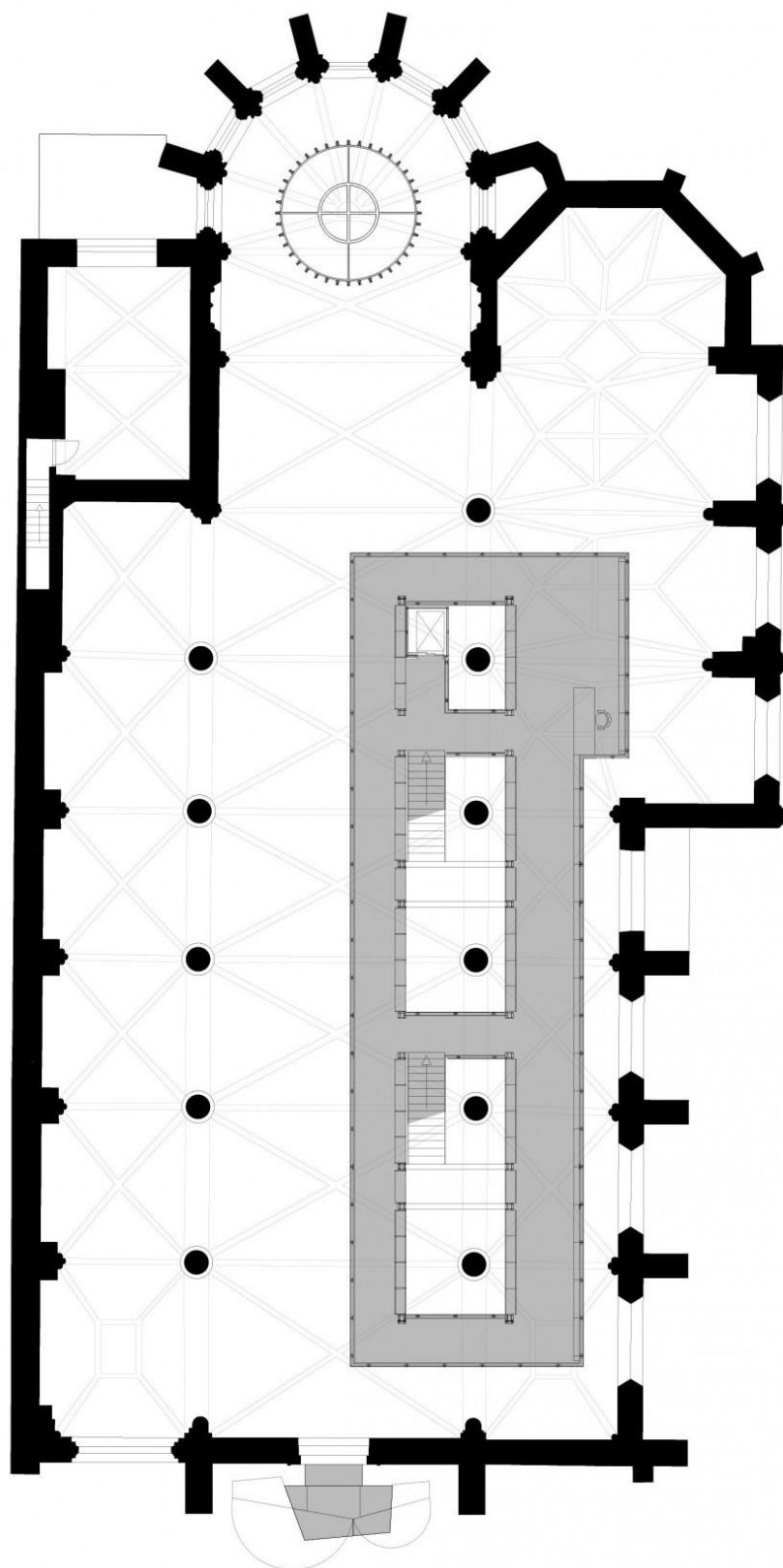


Figura 73: Planta
Fonte: Merx + Girod, archdaily.com

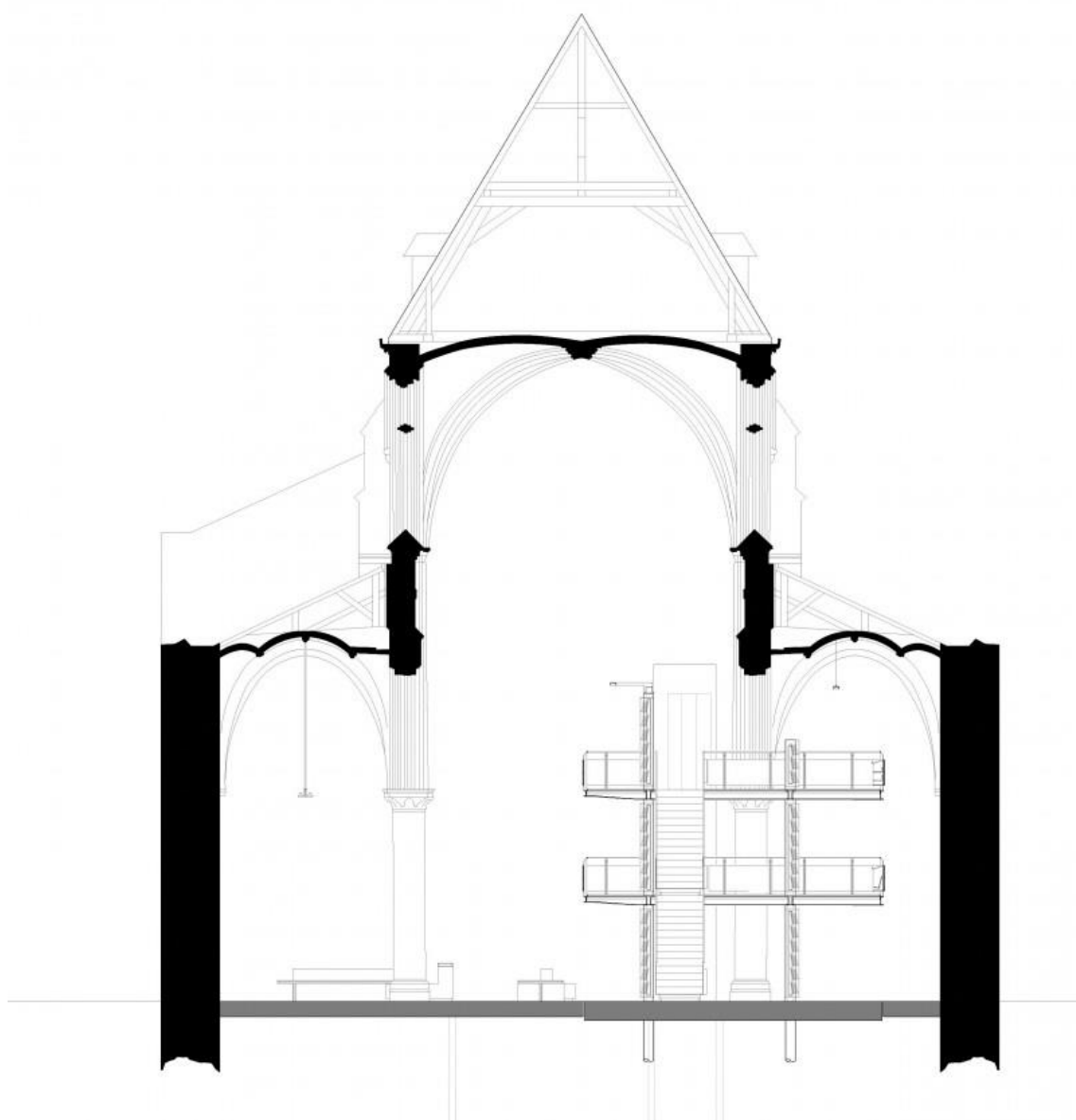


Figura 74: Corte
Fonte: Merkx + Girod, archdaily.com

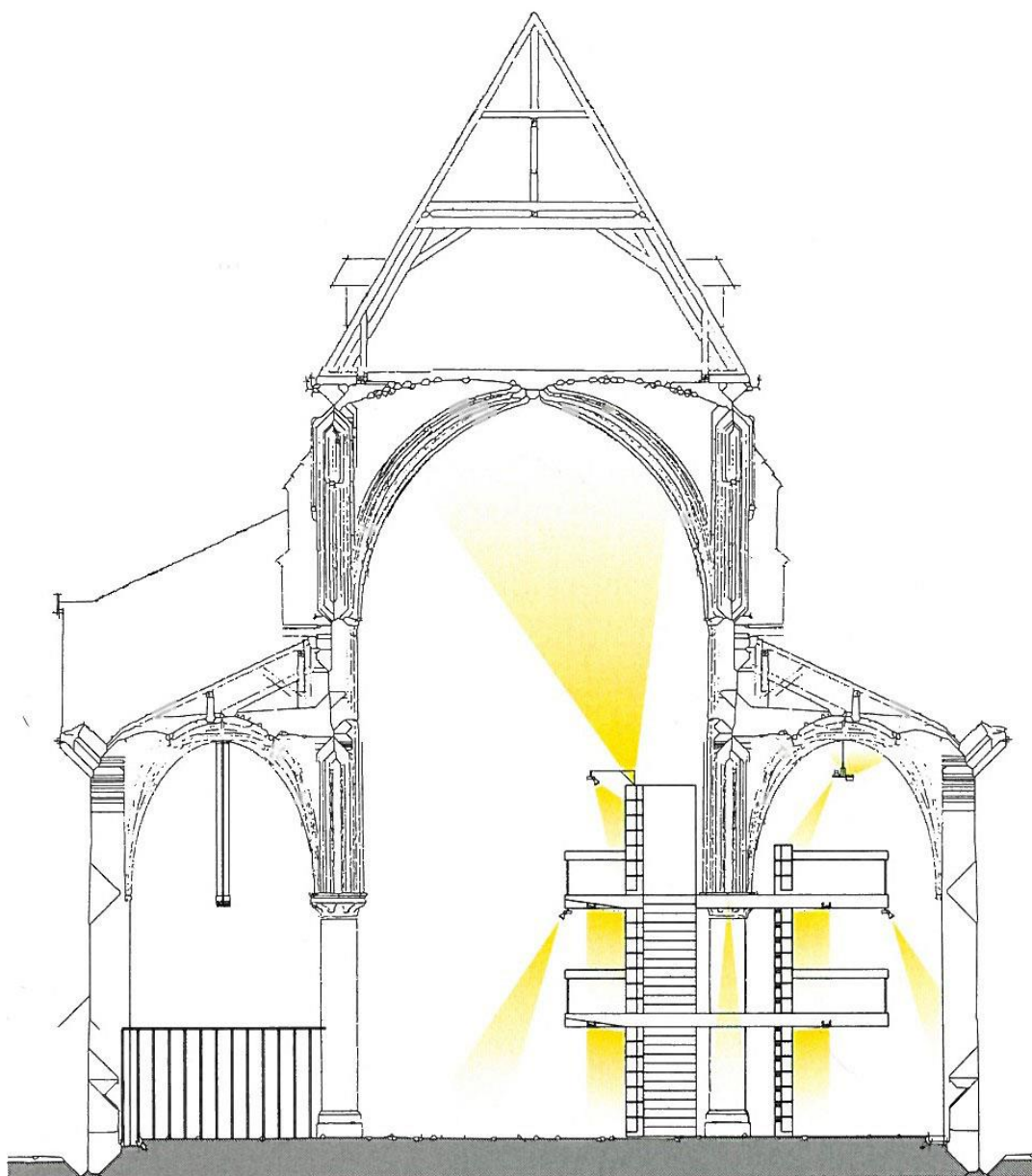


Figura 75: Corte com estudo de iluminação
Fonte: Merx + Girod, archdaily.com

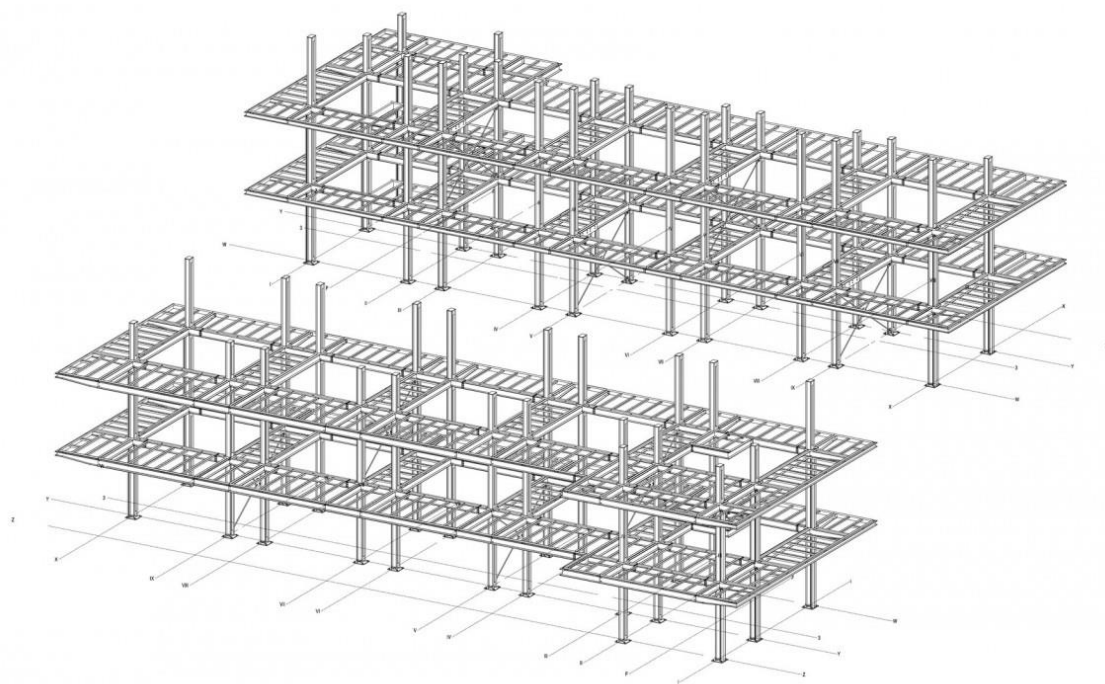


Figura 76: Planta isométrica das estruturas das estantes que envolvem as colunas da igreja
Fonte: Merkx + Girod, archdaily.com

Figura 77: Igreja com portal barroco, 1830
 Fonte: Philippus van Gulpen

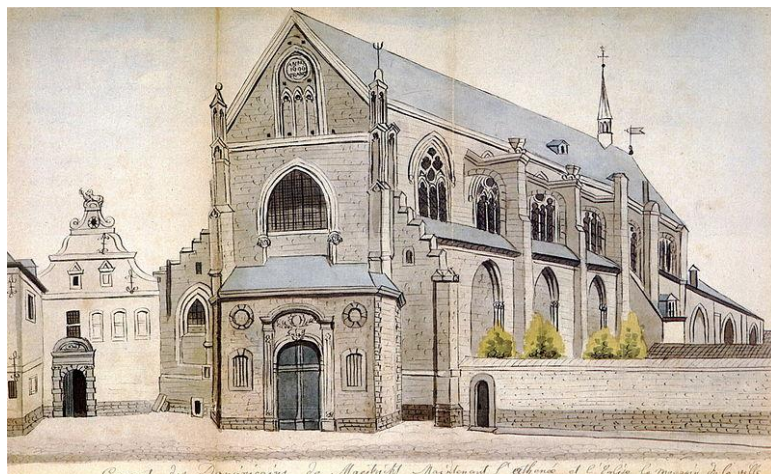


Figura 78: Ilustração da fachada principal da igreja, 1881
 Fonte: Lambert von Fisenne

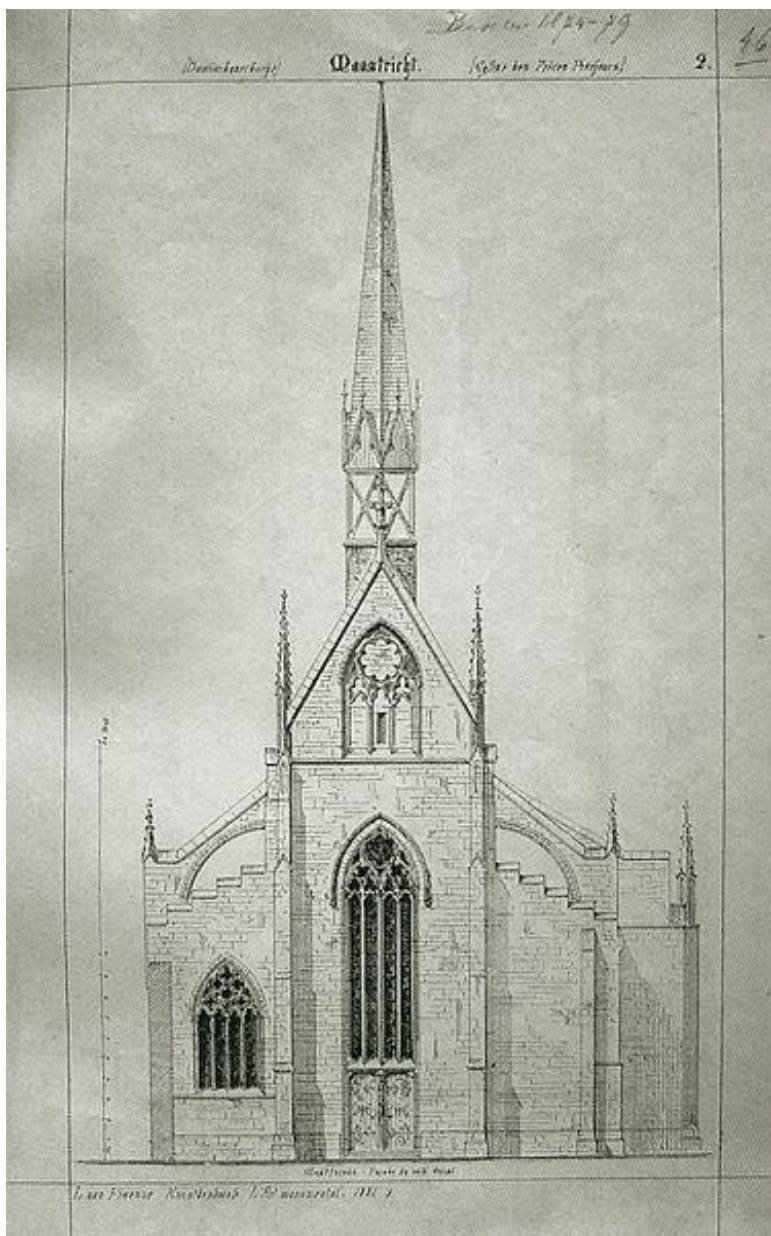


Figura 79: Interior da igreja usado como armazém municipal, 1884
Fonte: Rijksdienst voor het Cultureel Erfgoed



Figura 80: Interior da igreja usado como expositor de flores, 1899 a 1903
Fonte: Hermann Bopp



Figura 81: Interior da igreja usado como garagem de bicicletas, 2005
Fonte: Hermann Bopp



Figura 82: Fachada principal da igreja
Fonte: Roos Aldershoff, 2007



Figura 83: Interior da igreja, enquanto biblioteca, 2007
Fonte: Roos Aldershoff, archdaily.com



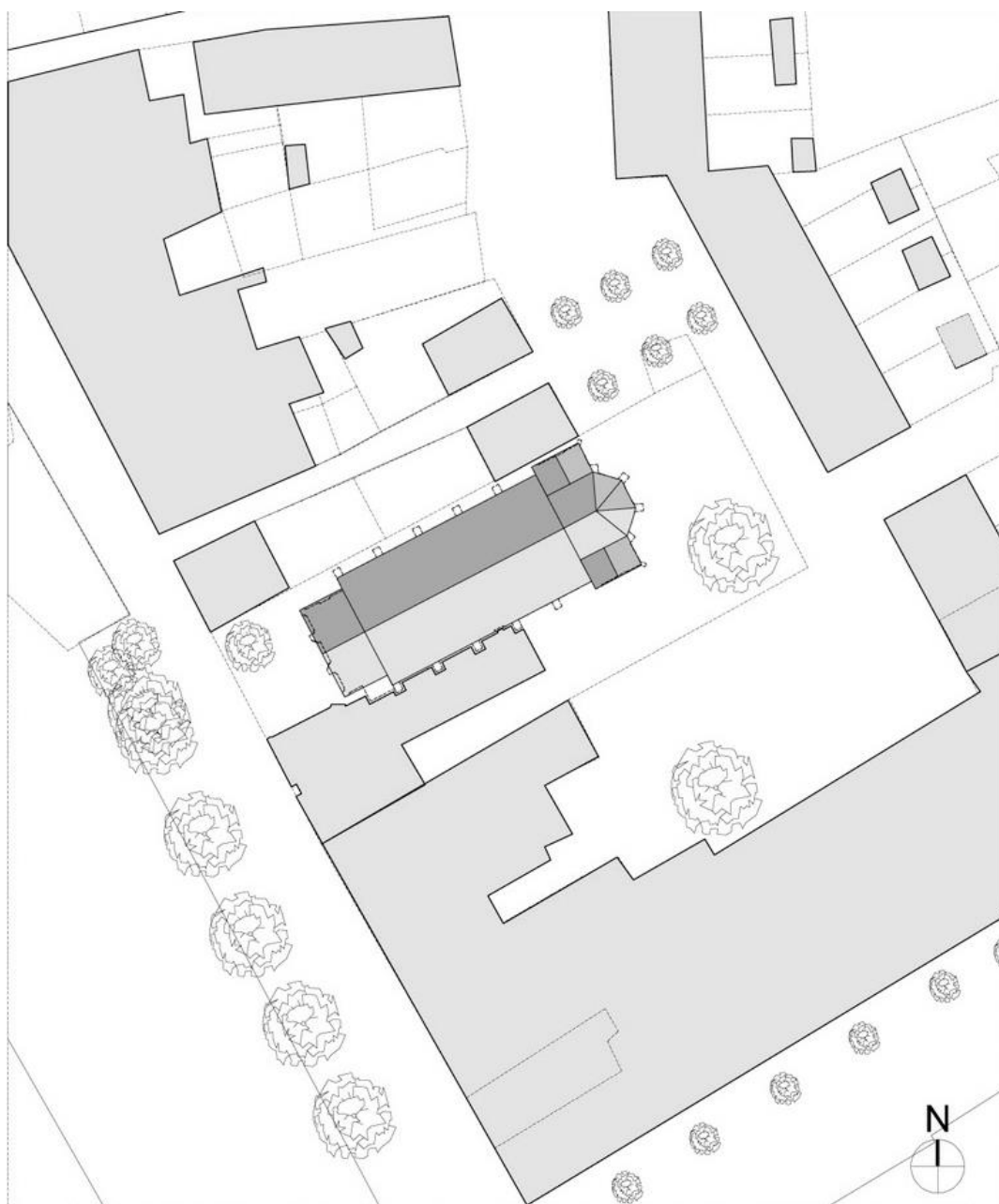


Figura 84: Planta de implantação, 2007
Fonte: Zecc Architecten, archdaily.com

- | | |
|---|-------------------|
| a | entree |
| b | cv-ruimte |
| c | bar |
| d | hall/speelkamer |
| e | badkamer |
| f | slaapkamer |
| g | toilet |
| h | kast |
| i | logeerkamer |
| j | werkkamer |
| k | keuken |
| l | wasruimte |
| m | eetkamer |
| n | berging/bijkeuken |
| o | tv ruimte |
| p | leesruimte |
| q | lounge |
| r | hobbyruimte |

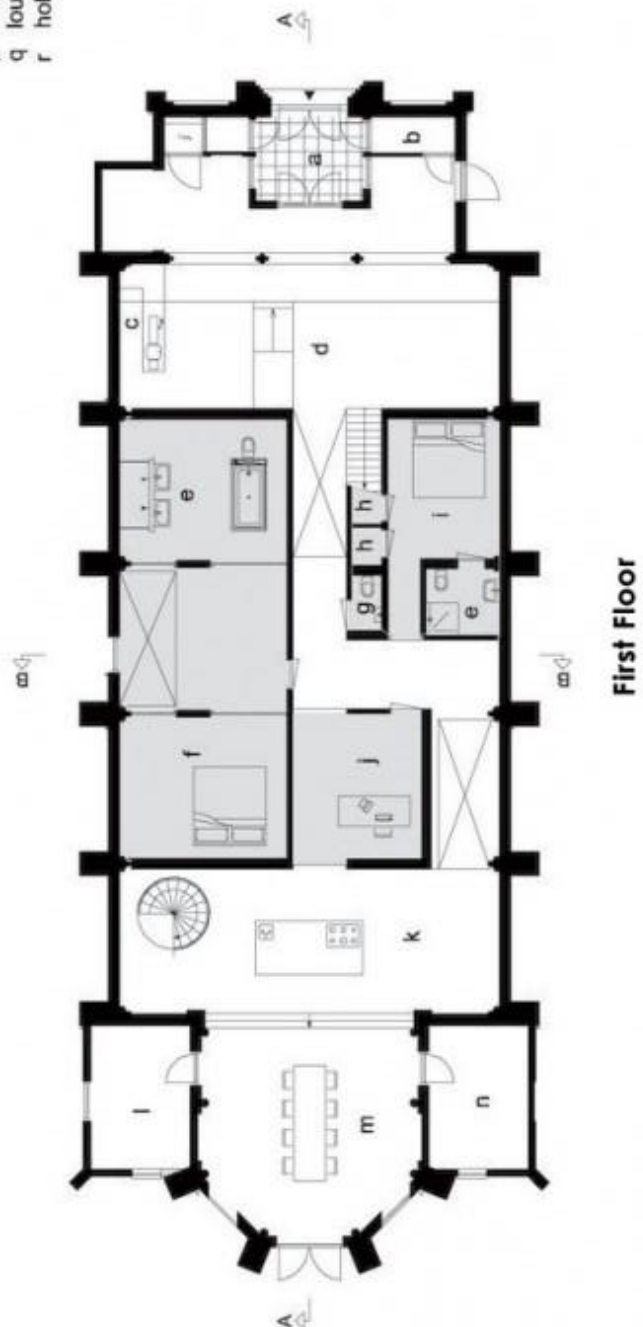


Figura 85: Planta baixa, 2007
Fonte: Zecc Architecten, archdaily.com

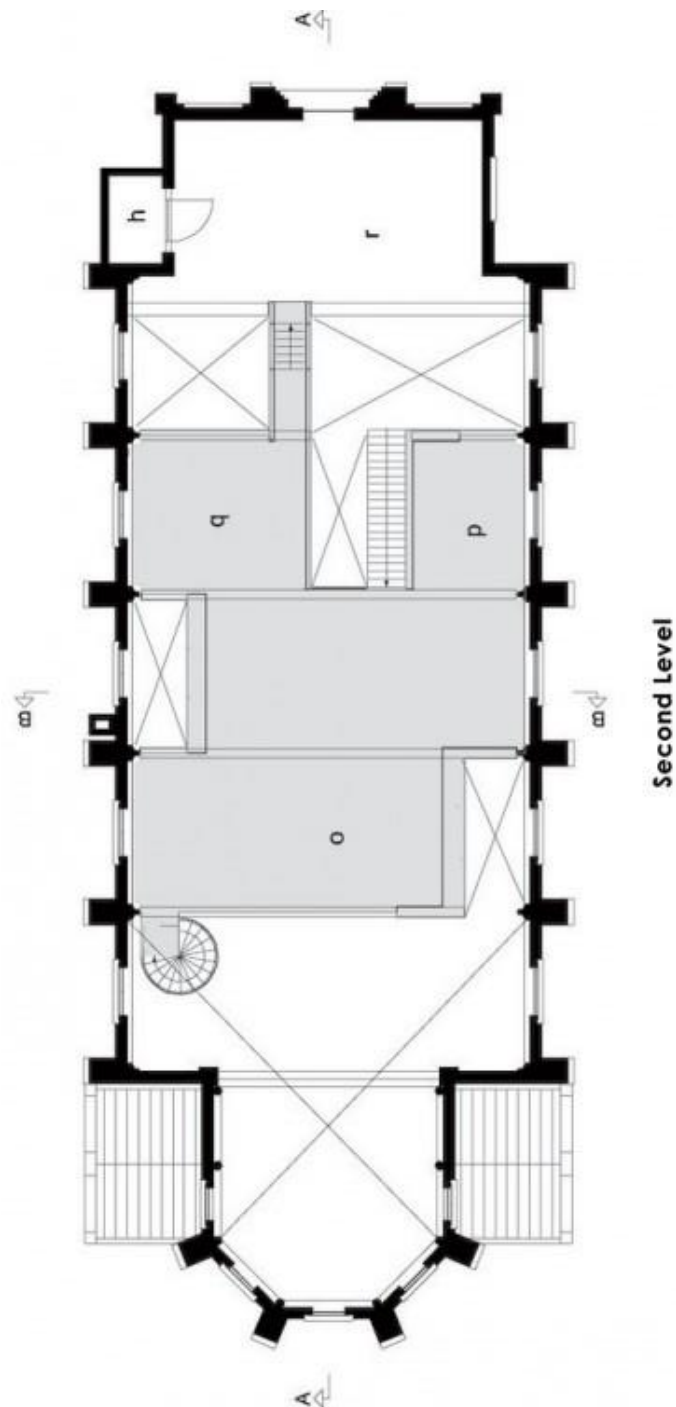
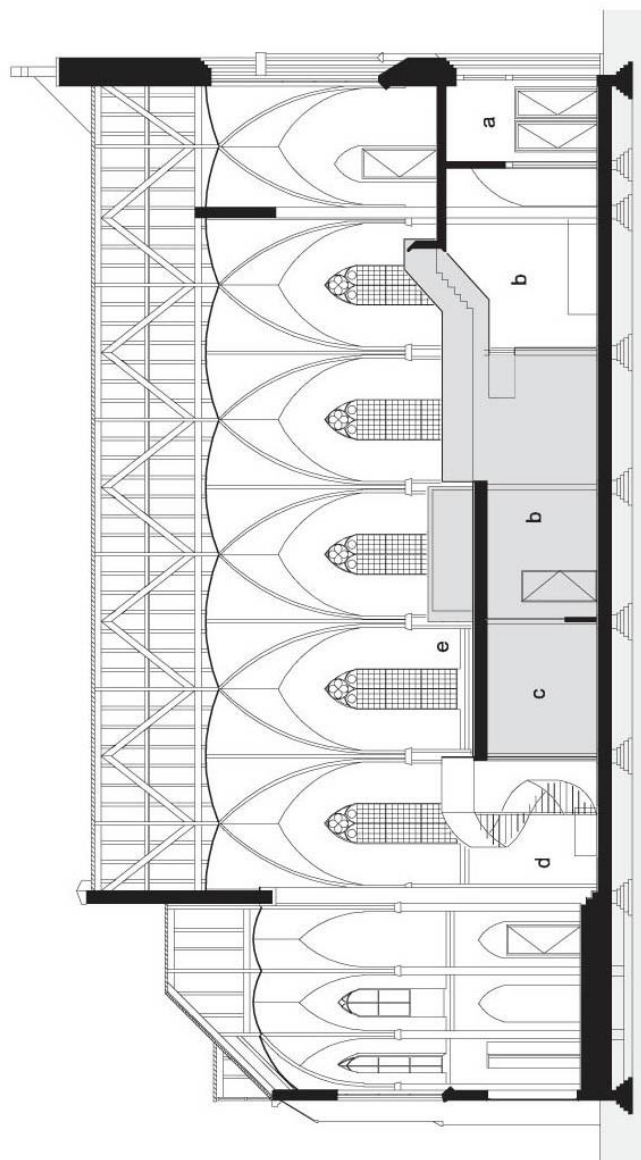


Figura 86: Planta alta, 2007
 Fonte: Zecc Architecten, archdaily.com

- a entree
- b hal/speelkamer
- c werkkamer
- d keuken
- e tv ruimte
- f slaapkamer



doorsnede AA

Figura 87: Corte AA, 2007
 Fonte: Zecc Architecten, archdaily.com

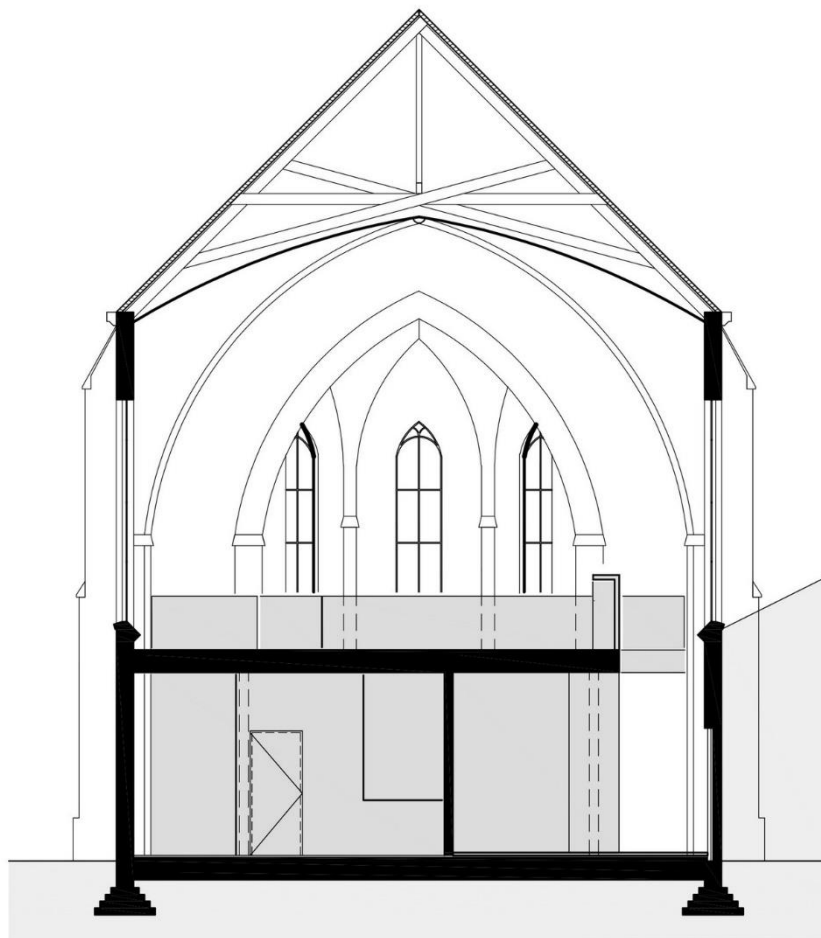


Figura 88: Corte BB, 2007
Fonte: Zecc Architecten, archdaily.com

Figura 89: Interior da igreja, ano desconhecido
Fonte: D.R.



Figura 90: Interior da igreja, ano desconhecido
Fonte: D.R.



Figura 91: Interior da igreja, ano desconhecido
Fonte: D.R.

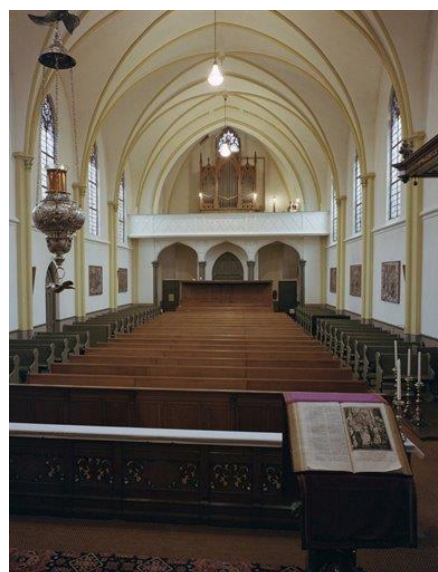


Figura 92: Fachada principal,
2009
Fonte: Zecc Architecten



Figura 93: Fachada principal,
2009
Fonte: Zecc Architecten



Figura 94: Fachada posterior,
2009
Fonte: Zecc Architecten



Figura 95: Interior da igreja enquanto habitação – sala de estar, 2009

Fonte: Zecc Architecten

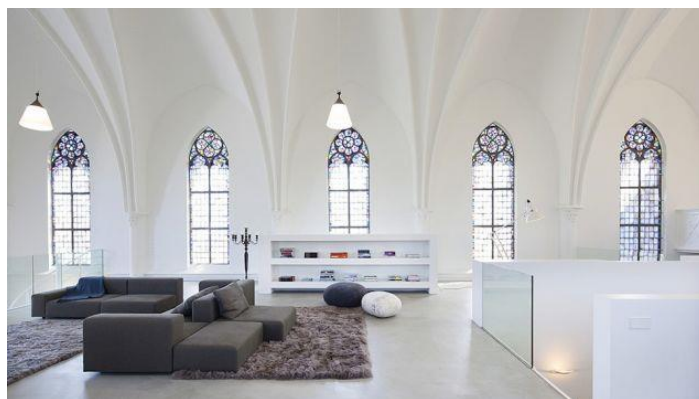


Figura 96: Interior da igreja enquanto habitação – sala de estar, 2009

Fonte: Zecc Architecten



Figura 97: Interior da igreja enquanto habitação, 2009

Fonte: Zecc Architecten



Anexo 4 – Colégio de Santiago Maior da Companhia de Jesus – Teatro

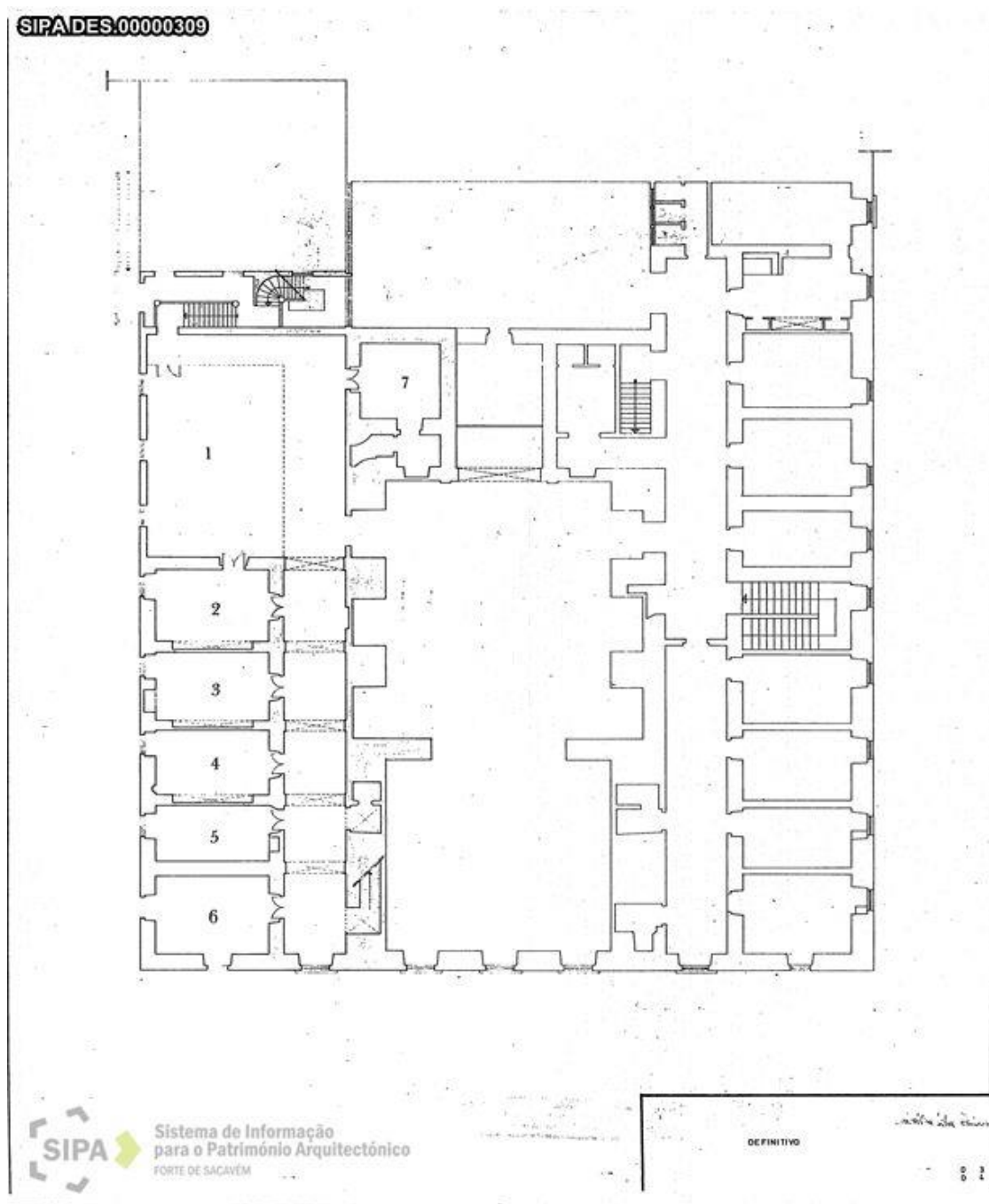
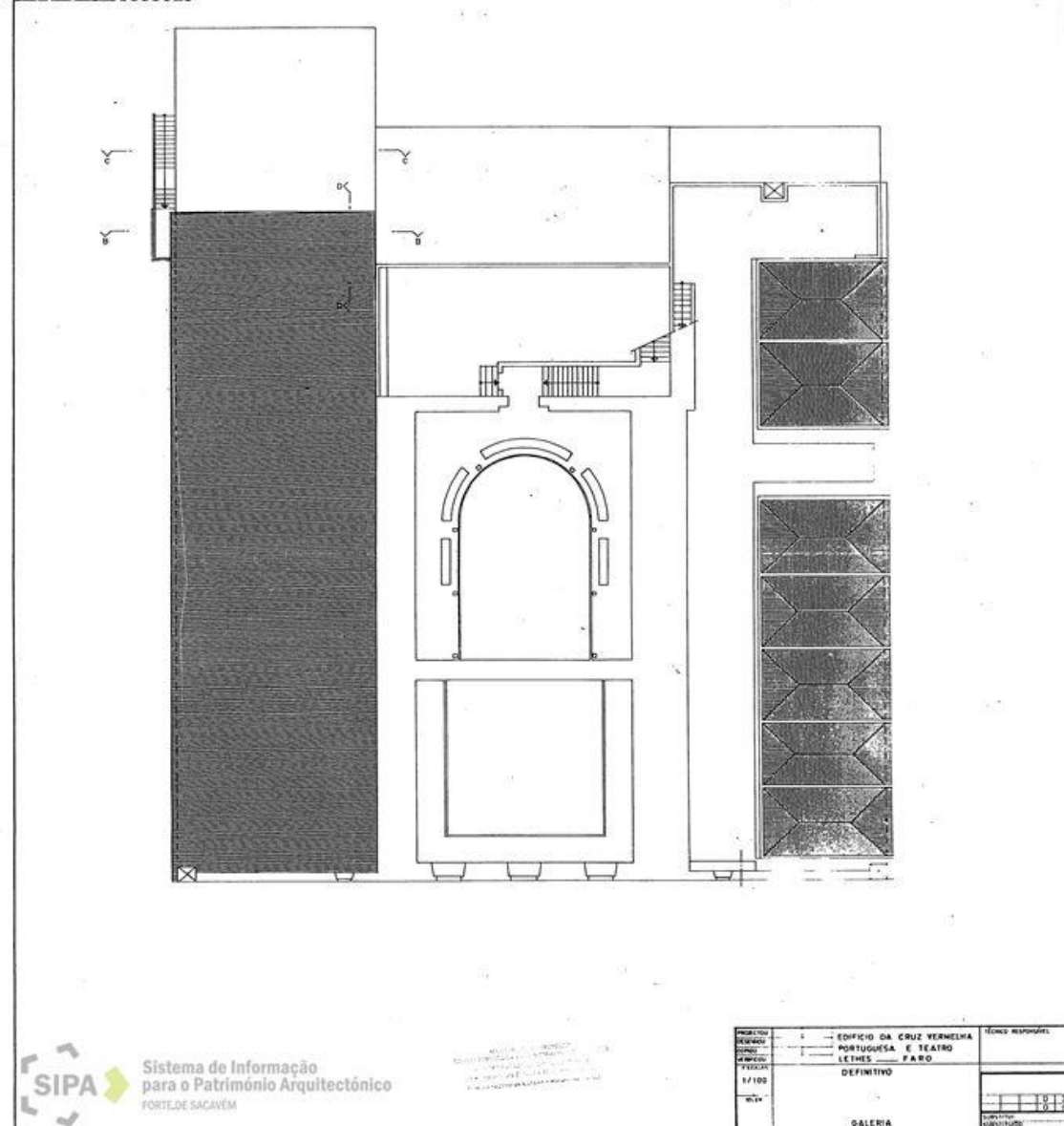


Figura 98: Planta baixa, ano desconhecido
Fonte: SIPA

SIPA DES.00000310



Sistema de Informação
para o Património Arquitectónico
FONTE DE SACAVÉM

NOTA: A planta apresentada é uma reprodução da planta original, que se encontra no arquivo da SIPA.

PROJETO	EDIFÍCIO DA CRUZ VERMELHA	TÉCNICO RESPONSÁVEL
DESENHO	PORTUGUESA E TEATRO	
CONCEÇÃO	LEITES FARO	
FECHA	DEFINITIVO	
NOTA	GALERIA	

Figura 99: Planta alta, ano desconhecido
Fonte: SIPA



Figura 101: Foto do edifício, ano desconhecido
Fonte: D.R.



Figura 102: Vista aérea do edifício, 2005
Fonte: SIPA



Figura 103: Edifício do Teatro Lethes, 2005
Fonte: SIPA

Figura 104: Plateia vista de cima, 2011
Fonte: D.R.

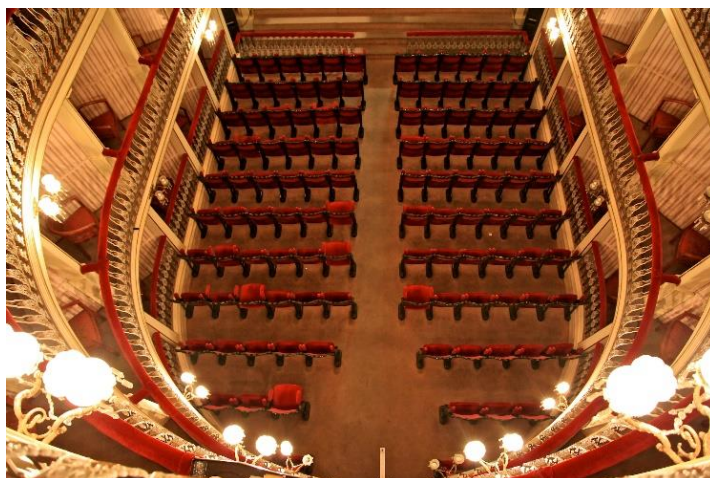


Figura 105: Palco, 2005
Fonte: SIPA



Figura 106: Teto, ano desconhecido
Fonte: D.R.



Figura 107: Abóbada da igreja, arco do coro-alto e caixa de ressonância do auditório, 2005
Fonte: SIPA



Anexo 5 – Igreja da Misericórdia – Cineteatro

Figura 108: Edifício do Cineteatro,
1991
Fonte: Arquivo Municipal de Moura



Figura 109: Auditório, 1991
Fonte: Arquivo Municipal de Moura



Figura 110: Auditório, 1991
Fonte: Arquivo Municipal de Moura



Figura 111: Auditório, 1991
Fonte: Arquivo Municipal de Moura



Figura 112: Auditório, 1991
Fonte: Arquivo Municipal de Moura



Anexo 6 – Igreja de São Julião – Museu do Dinheiro



Figura 113: Planta de localização, 2007

Fonte: Gonçalo Byrne e João Pedro Falcão de Campos, Falcão de Campos Arquiteto

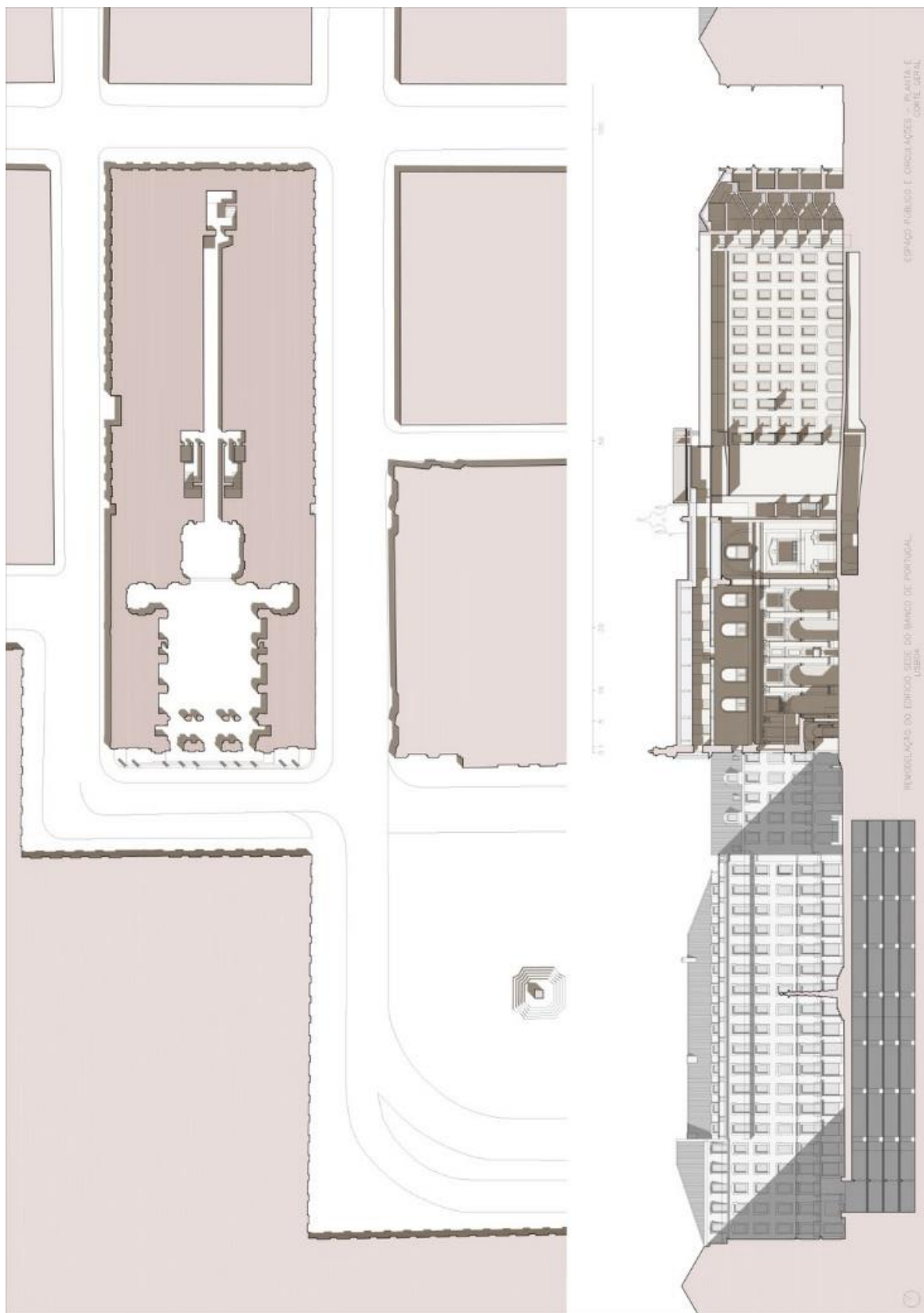


Figura 114: Planta e Corte Geral de espaço público e circulações, 2007
 Fonte: Gonçalo Byrne e João Pedro Falcão de Campos, Falcão de Campos Arquiteto

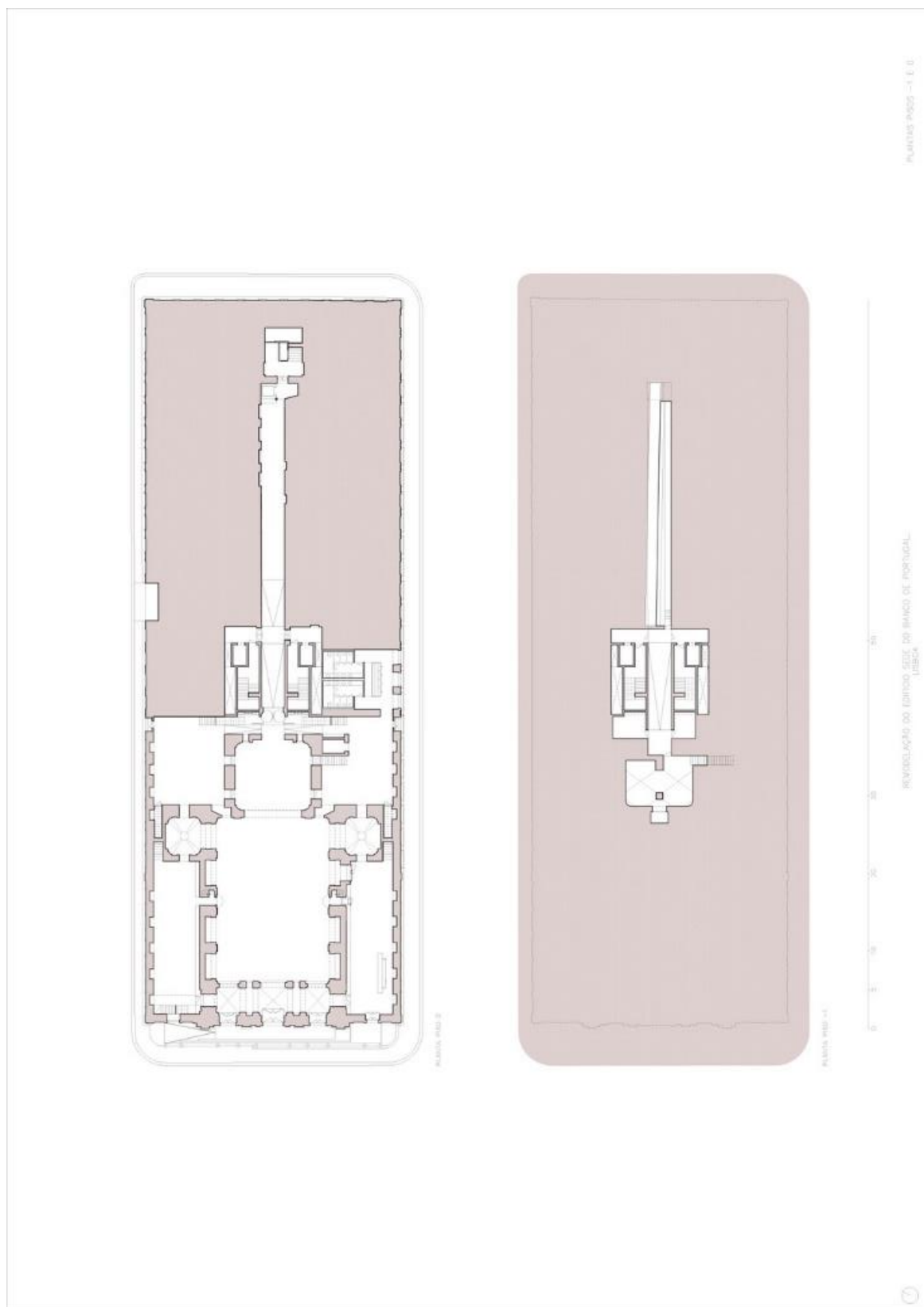


Figura 115: Plantas dos pisos -1 e 0, 2007
 Fonte: Gonçalo Byrne e João Pedro Falcão de Campos, Falcão de Campos Arquiteto

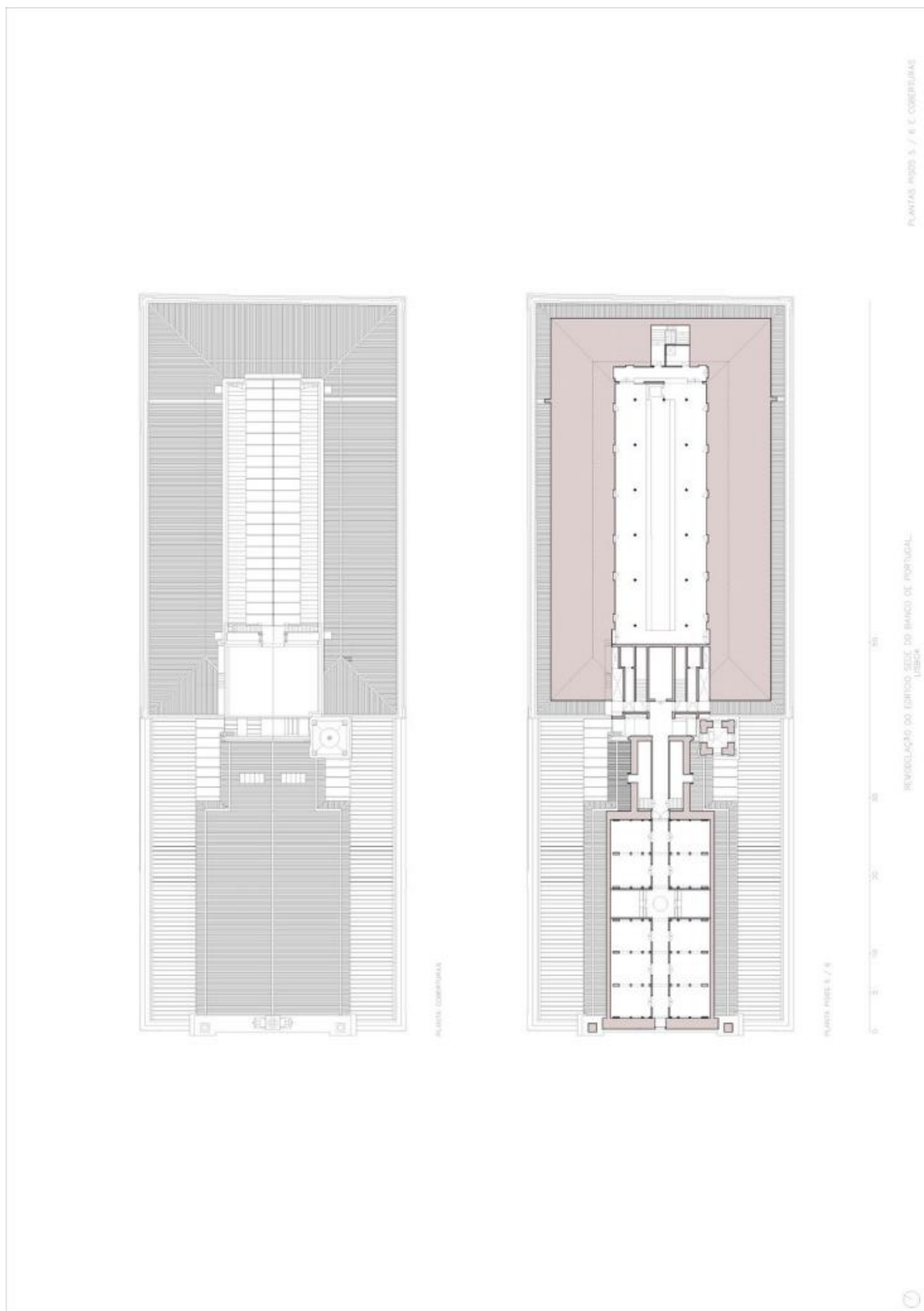


Figura 116: Planta dos pisos 5, 6 e coberturas, 2007
 Fonte: Gonçalo Byrne e João Pedro Falcão de Campos, Falcão de Campos Arquiteto

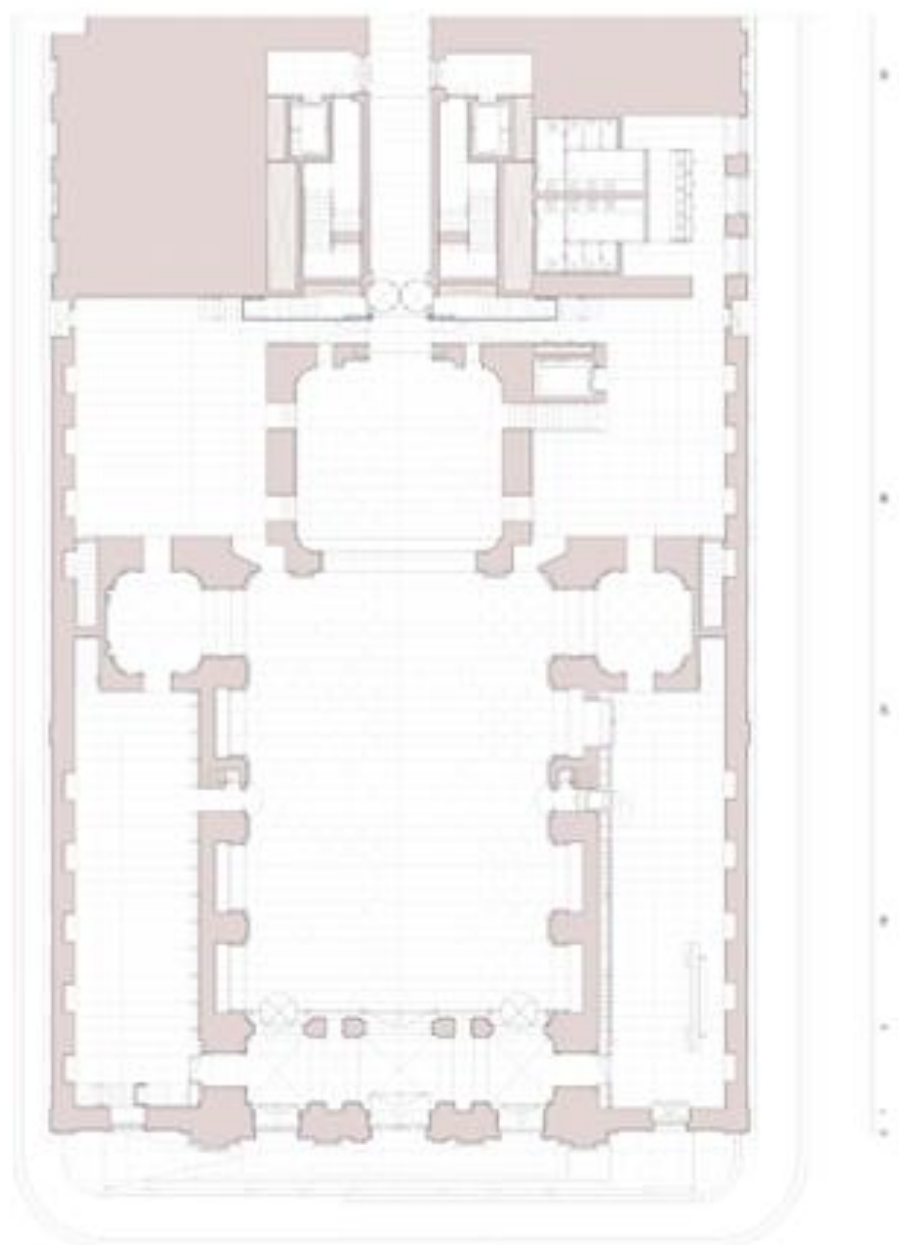


Figura 117: Planta da igreja, 2007

Fonte: Gonçalo Byrne e João Pedro Falcão de Campos, Falcão de Campos Arquiteto

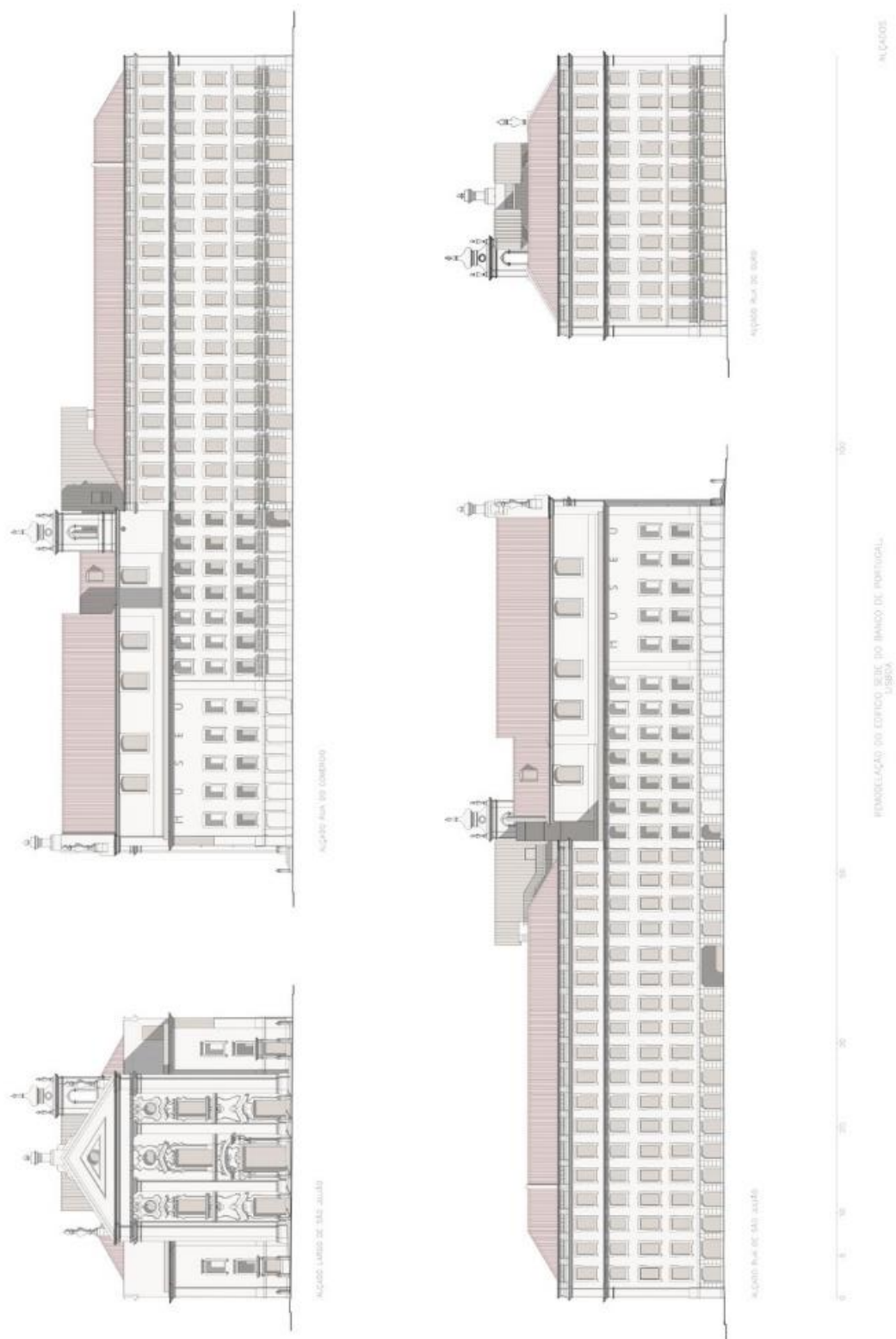


Figura 118: Alçados, 2007

Fonte: Gonçalo Byrne e João Pedro Falcão de Campos, Falcão de Campos Arquiteto

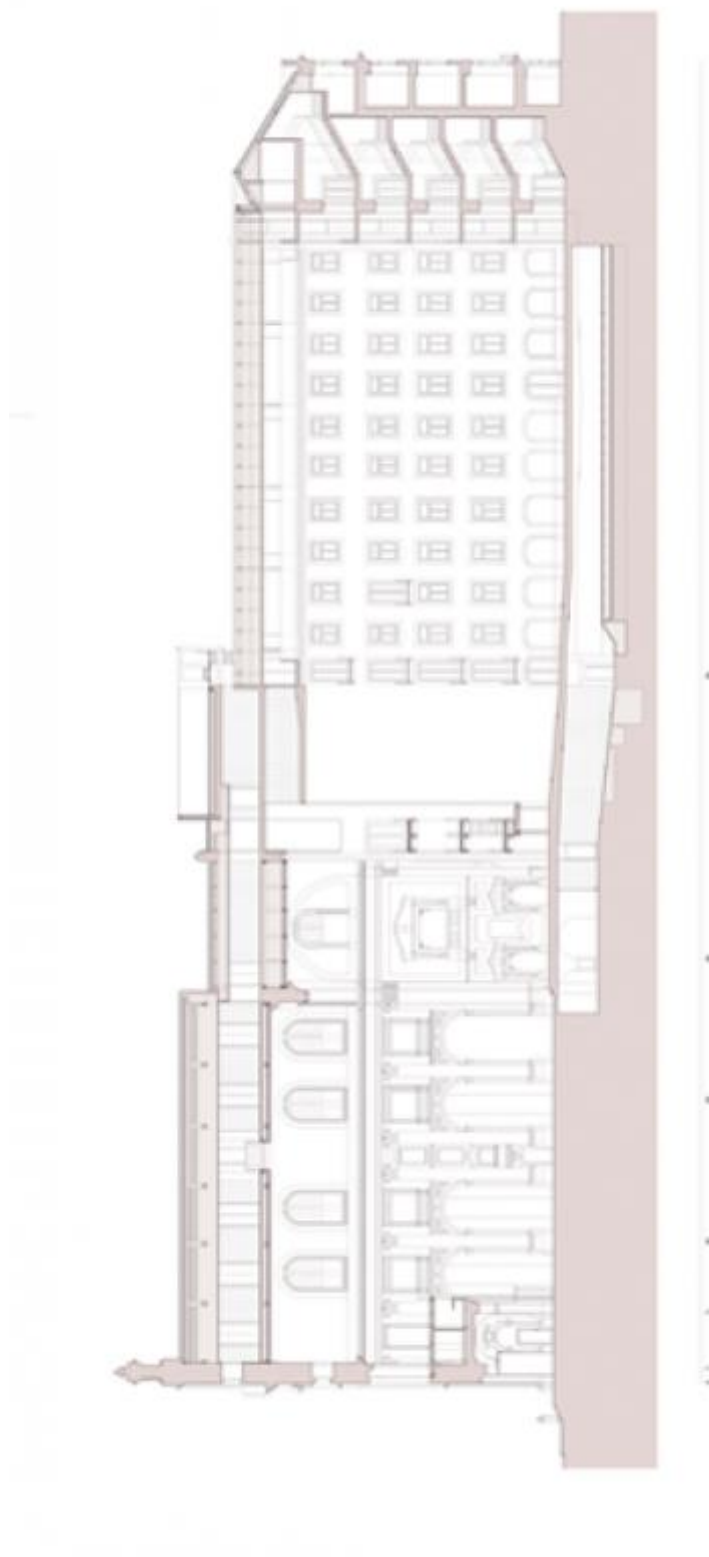


Figura 119: Corte, 2007

Fonte: Gonçalo Byrne e João Pedro Falcão de Campos, Falcão de Campos Arquiteto

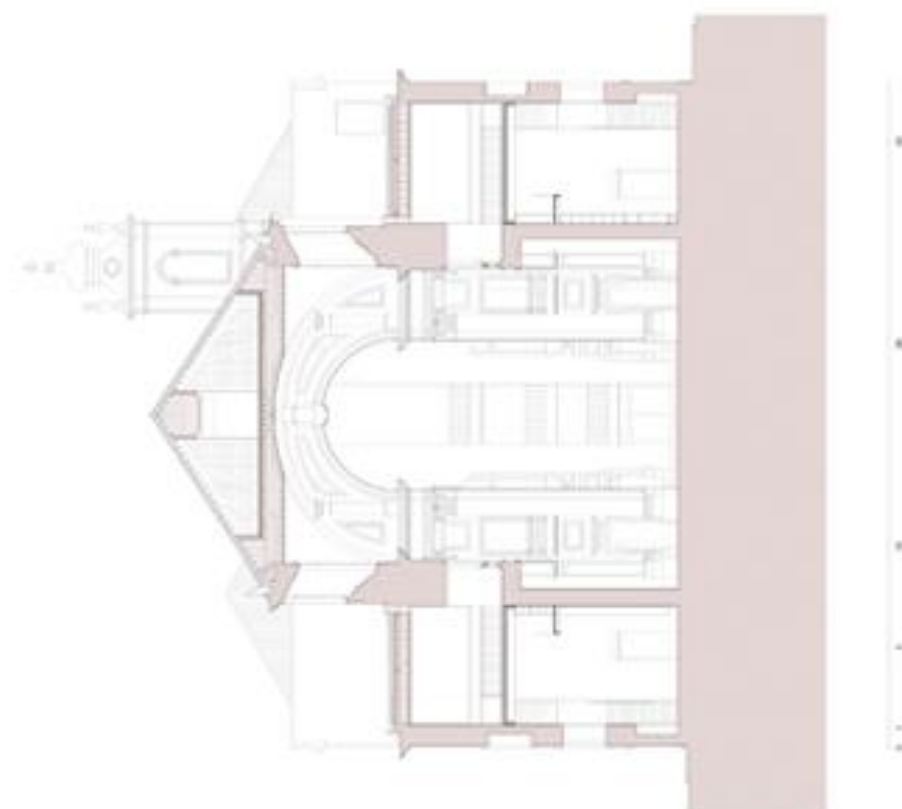


Figura 120: Corte, 2007

Fonte: Gonçalo Byrne e João Pedro Falcão de Campos, Falcão de Campos Arquiteto

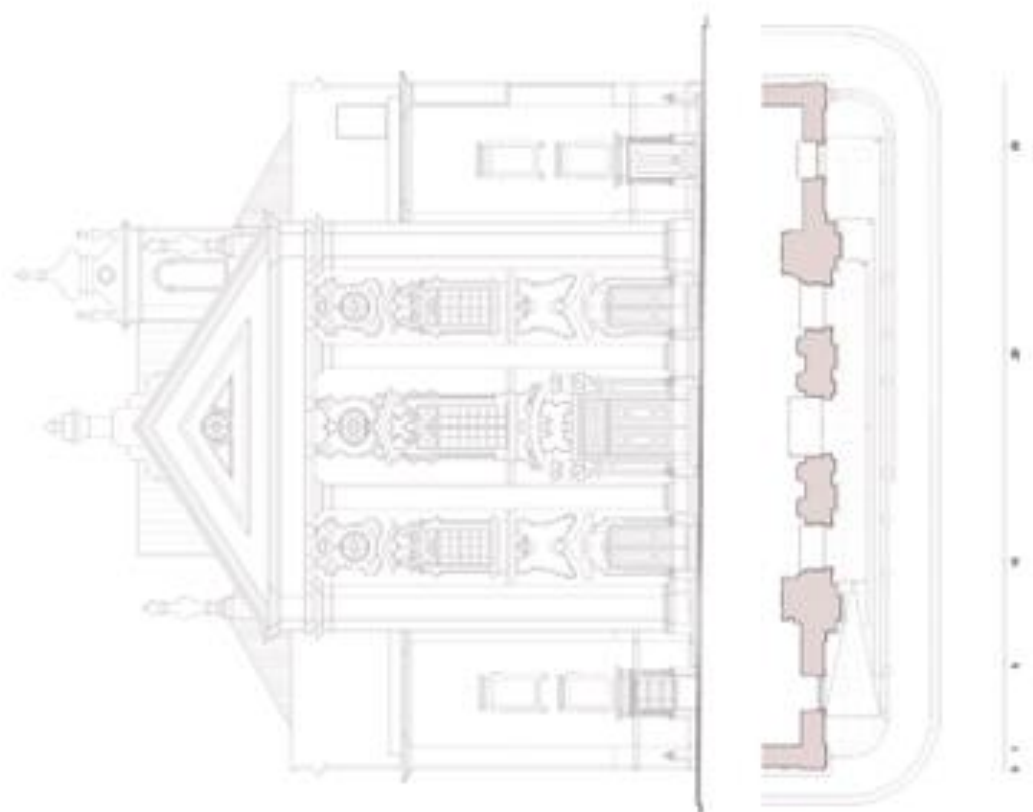


Figura 121: Alçado principal e corte das fundações, 2007
Fonte: Gonçalo Byrne e João Pedro Falcão de Campos, Falcão de Campos Arquiteto

Figura 122: Fachada principal, 1961
Fonte: Mário Costa



Figura 123: Altar lateral, 1961
Fonte: Mário Costa



Figura 124: Interior da igreja, 1961
Fonte: Mário Costa



Figura 125: Altares laterais, 1961
Fonte: Mário Costa



Figura 126: Teto, 1961
Fonte: Mário Costa



Figura 127: Fachada principal, 2005
Fonte: SIPA



Figura 128: Sala multiusos – antiga nave da igreja, 2013
Fonte: José Manuel Rodrigues

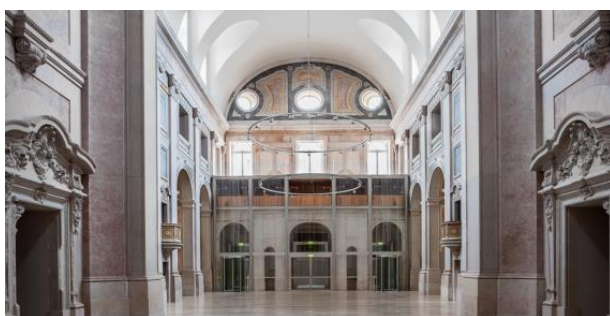


Figura 129: Corredor interior, 2013
Fonte: José Manuel Rodrigues



Figura 130: Antigo altar-mor, 2013
Fonte: José Manuel Rodrigues



Figura 131: Antiga capela lateral, 2013
Fonte: José Manuel Rodrigues

